



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

**Prática de Ensino Supervisionada  
Geometria Descritiva A (11º ano)  
LUPA - Um serviço educativo para Castelo Branco**

**Cláudia Nunes da Silva**

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em  
**Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico  
e no Ensino Secundário**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador Científico: Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Oliveira Caiado  
Orientador Pedagógico: Dr. José Manuel Neves dos Santos

**Covilhã, Outubro de 2013**



# Agradecimentos

Ao Dr. José Manuel Neves dos Santos, Orientador Pedagógico, pela compreensão, dedicação e disponibilidade prestada durante toda Prática Pedagógica, pelo apoio nos momentos de insegurança, pela partilha de saberes e pelas valiosas contribuições, que permitiram evoluir tanto a nível profissional e como pessoal.

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Caiado, Orientadora Científica e Diretora de Curso e Coordenadora do Mestrado, pela paciência, pelo apoio e pelo profissionalismo demonstrado, pelas suas sugestões e orientação pedagógica ponderada e crítica, que me ajudaram não só a elaborar este relatório como também a ultrapassar as dificuldades encontradas ao longo deste ciclo que agora termina, e que assim contribuíram, e continuaram a contribuir, para a minha evolução como pessoa e como profissional da educação.

Ao Vereador da Cultura Arnaldo Brás, pelo interesse mostrado no meu trabalho no seio do projeto LUPA e por toda a disponibilidade mostrada.

Ao Professor João Belém, Diretor da Escola Secundária/3 de Amato Lusitano, por receber o Núcleo de Estágio no qual me interseri e pelo apoio prestado às Atividades Extra Curriculares desenvolvidas ao longo da Prática Pedagógica.

À Sara Barriga, Museóloga responsável pela programação e gestão cultural do Museu do Dinheiro, pela disponibilidade em ajudar uma simples estranha na sua ambição de se imiscuir no mundo dos serviços educativos. Pela partilha de experiências e contactos importantes, pela discussão de ideias, pela orientação específica desta área.

A todos os meus colegas de curso pela boa disposição de todos os dias, mas em especial às minhas colegas de curso e eternas amigas, Alice Batista, Andrea Monteiro e Andreia Fernandes que me acompanharam e apoiaram ao longo destes dois anos de mestrado. Agradeço o companheirismo, as gargalhadas, os brainstormings sempre vivos e muito criativos, o apoio, a entreaajuda, a amizade. Sem vós este trabalho não teria sido possível de realizar. A vós, que ficastes no meu coração, meu mais sincero bem-haja.

Um especial agradecimento à minha família, por me tolerarem 24h por dia sem reservas.

E finalmente, ao João Tiago, meu companheiro, pela profunda paciência nos momentos difíceis, pelo constante incentivo a ser e fazer melhor, e pela compreensão nas horas da minha ausência.



## Resumo

No âmbito do grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais da Universidade da Beira Interior (MEAV-UBI), este relatório, orientado na Unidade Curricular - Estágio Pedagógico pela orientadora científica e diretora do MEAV, pretende:

Na primeira parte abordar o produto da componente de investigação deste relatório de estágio - o LUPA - o qual se insere nas saídas profissionais previstas com a obtenção do MEAV. Profissionalizando para a docência no grupo de recrutamento 600, confere competências aos mestrandos que os tornam uma mais-valia para os serviços educativos de museus, centros de arte, câmaras municipais ou, como é o caso da componente de investigação deste relatório, a criação de um novo serviço educativo que conte com parecerias das instituições e indústrias culturais e criativas da cidade de Castelo Branco (entre outros parceiros), mas sobretudo com a comunidade albicastrense. O LUPA (acrónimo para: Laboratório Urbano pela Arte), de carácter experimental (implementado paralelamente à PES) é um serviço educativo que pretende, através da Educação pela Arte e para a Arte, fornecer um/múltiplos espaço(s) - Laboratórios - para despertar, na comunidade albicastrense, o desenvolvimento e partilha de um "olhar" atento, crítico (através da "lupa" da arte, como manifestação cultural), sensível ao património material e imaterial onde, a cidade de Castelo Branco e o seu urbanismo e urbanidade, será o campo de trabalho eleito. Ao ritmo de um Laboratório por mês, a equipa que idealizou e materializou este projeto, proporcionará aos participantes, a passagem do testemunho enriquecida pela individualidade e as diversificadas áreas de especialização dos quatro membros fundadores (três dos quais fazem parte do núcleo de estágio na ESAL, sendo todos estudantes do MEAV-UBI) contando ainda com a participação de convidados e voluntários. Partilha, que se pretende que tenha um impacto futuro: quer no respeito e valorização do património; quer na exigência de qualidade face ao estímulo multissensorial do entorno, contrariando a apreensão acrítica e passiva do domínio da imagem e visualidade - através da educação para a arte; quer, ainda, no enriquecimento da experiência estética, expressiva e comunicativa dos participantes e no desenvolvimento holístico do seu ser - através da educação pela arte.

Na segunda parte, deste relatório, expor-se-ão os resultados da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na disciplina do 11º ano de Geometria Descritiva A, incluindo implementação e desenvolvimento de uma atividade extracurricular no meio escolar - o projeto Vídeo Arte (proposto e dirigido pelas três professoras estagiárias) que vem responder, tal como o LUPA à necessidade dos membros da equipa dominarem as competências exigidas para trabalhar nos mais variados serviços educativos.

## Palavras-chave

Serviço educativo, educação não formal, laboratório, cidade, urbano, educação pela arte, educação para a arte, literacia visual, património, identidade, cultura, arte.



# Abstract

The product of this internship report, proves key learning outcomes (acquisition of competences) and occupational profiles of graduates, granted by the Master degree in Visual Arts Teaching in the 3rd cycle of Basic Education and in Secondary Education (lower and upper secondary education) at the University of Beira Interior, Portugal. Although this Master is demanded, in the Portuguese teaching system, to teach at these academic levels, in the area of visual arts (fine arts; design; architecture; video and cinema) it provides the means to different career opportunities, for example in the area of Community Arts, teaching at museums or art organizations educational services or other community services, public or private.

Thus, under this master, and for the course unit - Teacher Internship -, was developed this document which is intended:

- In part one, to describe a detailed non-formal educational project (in the area of community arts teaching), of experimental nature, designed alongside the teacher internship - the LUPA (Urban Laboratory through Art) which is destined to Castelo Branco citizens community and intends, using education through art, to provide the means for the enrichment of the visual literacy of this community, cultural knowledge of their city heritage and stimulus of aesthetical experience and individual holistic development, also regarding recovering, the needed respect for the city heritage, culture and arts.
- In part two, to explain the results of Supervised Teaching Practice developed in the course unit - Descriptive Geometry (11<sup>th</sup> year - secondary education - Scientific-Humanistic Visual Arts Course), including the development and implementation of an extracurricular activity - the video art project;

## Keywords

Educational service, non-formal education, community education, laboratory, city, urban, education through art, education to art, visual literacy, heritage, identity, culture, art.



# Índice

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I - LUPA: Laboratório Urbano Pela Arte</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo 1: Introdução ao LUPA</b>	<b>7</b>
1.1. Contexto do projeto de investigação/ação	7
1.2. Definição do problema	8
1.3. Objetivos do projeto	10
1.4. Enquadramento e limitações da investigação	10
1.4.1. Enquadramento da investigação	10
1.4.2. Limitações da investigação	12
<b>Capítulo 2: Conceitos</b>	<b>13</b>
2.1. Património	13
2.2. Cultura	14
2.3. Artes	15
2.4. Educação pela arte	15
2.5. Cultura e artes <i>versus</i> gestão da cultura e das artes - Motores de desenvolvimento económico	16
2.5.1. Gestão	18
2.5.2. Economia	18
2.5.3. Gestão da cultura e das artes	19
2.5.3.1. O sector da cultura e das artes na Educação - A disciplina de Gestão das Artes nos Cursos Artísticos especializados	20
<b>Capítulo 3: Portugal: A cultura e as artes em números</b>	<b>23</b>
3.1. Estatísticas da Cultura	23
3.2. O ensino cultural	23
3.2.1. O emprego nas atividades culturais e criativas	24
3.3. O sector cultural e criativo em Portugal	25
3.3.1. A delimitação do sector cultural e criativo	25
3.3.2. Criação de riqueza e emprego	26
3.4. O que os números nos dizem da cultura e das artes como motores de desenvolvimento económico	27
<b>Capítulo 4: A cidade como instrumento cultural</b>	<b>29</b>
4.1. A cidade de Castelo Branco	29
4.2. Equipamentos culturais e seus públicos	33
4.2.1. Cine-Teatro Avenida e Sala da Nora	33
4.2.2. Museu Francisco Tavares Proença Júnior	35

4.2.3. Museu Cargaleiro	37
4.2.4. Biblioteca Municipal de Castelo Branco	40
4.2.5. Antigo Edifício dos CTT	41
4.2.6. Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco	42
4.3. Análise SWOT	43
<b>Capítulo 5: Projeto LUPA</b>	<b>45</b>
5.1. Missão	45
5.2. Definição de metas, objetivos e estratégias	47
5.2.1. Metas	47
5.2.2. Objetivos	47
5.2.3. Estratégias	48
5.3. Equipa	49
5.4. Público-alvo	51
5.5. Programação	51
5.5.1. Apresentação do projeto à comunidade	52
5.5.2. PeddyPaper LUPA	53
5.5.3. Upa LUPA no Dia da Criança	55
5.5.4. <i>Collage</i> de Memórias	56
5.5.5. LUPA Pinhole I e II	58
5.5.6. LUPA (re)conhece pela arquitectura I e II	59
5.5.6. O espelho da Alice	61
5.6. Comunicação	61
5.6.1. Interna	62
5.6.2. Externa	62
5.7. Parcerias e redes de contatos	64
5.8. Financiamento, gestão económica e orçamento	65
5.9. Avaliação	65
<b>Capítulo 6: Reflexão sobre a implementação e desenvolvimento do LUPA</b>	<b>69</b>
<b>PARTE II - Prática de Ensino Supervisionada: Geometria Descritiva A (11º ano)</b>	<b>71</b>
<b>Capítulo 1: Introdução à Prática de Ensino Supervisionada</b>	<b>73</b>
1.1. Metodologia e estrutura da Parte II	73
1.2. Atividades previstas para o estágio	74
1.3. Objetivos e interesse do trabalho desenvolvido	74
<b>Capítulo 2: A escola, o meio escolar e o seu enquadramento</b>	<b>77</b>
2.1. A Escola Secundária/3 de Amato Lusitano	77
2.2. O meio escolar	78
2.2.1. Oferta Educativa da ESAL	79
2.3. Caracterização socioeconómica da população albicastrense	80
2.3.1. Castelo Branco	80

2.3.2. Oferta educativa	81
<b>Capítulo 3: Prática de Ensino Supervisionada</b>	<b>83</b>
3.1. O ensino secundário	83
3.2. O programa de GDA (10º e 11º ano)	84
3.2.1. Objetivos da disciplina	85
3.2.2. Conteúdos do programa da disciplina	85
3.2.3. Competências	86
3.2.4. Carga horária	86
3.2.5. Metodologias	86
3.2.6. Avaliação	87
3.3. Caracterização do grupo de Artes Visuais	88
3.4. Caracterização do Núcleo de Estágio	88
3.5. Caracterização da turma 11AVIS1	89
3.6. Recursos e Metodologias de ensino adotadas	89
3.7. Aulas assistidas	91
3.8. Avaliação	93
<b>Capítulo 4: Projeto Vídeo Arte</b>	<b>94</b>
4.1. O projeto	94
4.2. Videoarte	95
4.3. Calendarização e comunicação	102
4.4. Planificação	102
4.5. Caracterização do grupo participante	103
4.6. Recursos	105
4.7. Avaliação	105
4.8. Reflexão	106
<b>Capítulo 5: Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada</b>	<b>109</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>113</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E NETGRAFIA</b>	<b>115</b>
Lista de Anexos	121
Lista de Apêndices	123



# Lista de Figuras

<b>Figura 1</b> - CTA à noite.	35
<b>Figura 2</b> - Sala da Nora.	35
<b>Figura 3</b> - Exterior do MFTPJ na data comemorativa do seu centenário.	36
<b>Figura 4</b> - Exterior do MFTPJ na data comemorativa do seu centenário.	36
<b>Figura 5</b> - O Museu Cargaleiro no Solar dos Cavaleiros e recepção deste edifício.	38
<b>Figura 6</b> - O Museu Cargaleiro no Solar dos Cavaleiros e recepção deste edifício.	38
<b>Figura 7</b> - Exterior e Interior do edifício do MC inaugurado em 2011. (Fonte: CMCB).	38
<b>Figura 8</b> - Exterior e Interior do edifício do MC inaugurado em 2011. (Fonte: CMCB).	38
<b>Figura 9</b> - Interior da BMCB.	40
<b>Figura 10</b> - Lago exterior da BMCB.	40
<b>Figura 11</b> - Interior do novo edifício do CCC, ao lado do CTA.	42
<b>Figura 12</b> - Exterior do novo edifício do CCC, ao lado do CTA.	42
<b>Figura 13</b> - Esquema que mostra a convergência de conceitos com o espaço público do projeto LUPA.	45
<b>Figura 14</b> - A equipa do LUPA em passeio de reconhecimento da zona histórica da cidade.	49
<b>Figura 15</b> - Momento de debate no final da apresentação do projeto LUPA no auditório da BMCB.	53
<b>Figura 16</b> - Preparação da equipa <i>Pessoas Giras</i> .	54
<b>Figura 17</b> - Apresentação da equipa <i>Pessoas Giras</i> .	54
<b>Figura 18</b> - Preparação da equipa <i>3R</i> .	54
<b>Figura 19</b> - Apresentação da equipa <i>3R</i> .	54
<b>Figura 20</b> - Preparação da equipa <i>Os Castelinhos</i> .	55
<b>Figura 21</b> - Apresentação da equipa <i>Os Castelinhos</i> .	55
<b>Figura 22</b> - O fogão da Inês Maria.	56
<b>Figura 23</b> - Um barco à vela à deriva no mar.	56
<b>Figura 24</b> - A torre do relógio na maquete <i>LUPA</i> .	56
<b>Figura 25</b> - O Francisco em delírio com o seu dragão.	56
<b>Figura 26</b> - Compilação de 4 pormenores dos trabalhos realizados no <i>Collage</i> de Memórias.	57
<b>Figura 27</b> - A construção da “ <i>máquina</i> ”.	58
<b>Figura 28</b> - Revelação e resultado fotográfico.	59
<b>Figura 29</b> - Revelação e resultado fotográfico.	59
<b>Figura 30</b> - Imagem de Alice Batista, ilustrativa dos laboratórios LUPA (re)conhece pela arquitectura I e II.	60
<b>Figura 31</b> - Imagem ilustrativa de “O espelho da Alice”, composta por Alice Batista.	61
<b>Figura 32</b> - Ilustração de Duarte d’Armas do castelo da cidade de Castelo Branco no séc. XVI.	63

<b>Figura 33</b> - A ESAL em 1962.	77
<b>Figura 34</b> - Modelo tridimensional construído pela professor estagiária para a unidade curricular sobre a construção de sólidos assentes em planos passantes.	90
<b>Figura 35</b> - Nam June Paik. <i>TV Buddha</i> , 1974, vídeo-instalação, Victoria and Albert Museum of London.	96
<b>Figura 36</b> - Nam June Paik. <i>TV Moon</i> , 1996, vídeo-instalação.	96
<b>Figura 37</b> - Nam June Paik. <i>Electronic Superhighway</i> , 1995 ( <i>Bienal de Veneza</i> ), Vídeo-instalação.	96
<b>Figura 38</b> - Bruce Nauman (EUA) - "Corridor Instalation", 1970 - Ambiente instalativo/Sistema de vigilância.	97
<b>Figura 39</b> - Douglas Gordon, <i>Between Darkness and Light (after William Blake)</i> , 1997.	97
<b>Figura 40</b> - Douglas Gordon. <i>Através do espelho</i> , 1999.	98
<b>Figura 41</b> - Gary Hill, <i>Viewer</i> , 1996.	98
<b>Figura 42</b> - Marina Abramovic, <i>Bankan Baroque</i> , 1997.	98
<b>Figura 43</b> - Tony Oursler, <i>Eyes</i> , 1996.	99
<b>Figura 44</b> - Bill Viola. <i>Sala para São João da Cruz</i> , 1983.	100
<b>Figura 45</b> - Bill Viola, <i>Five Angels for the Millennium</i> , 2001.	100
<b>Figura 46</b> - Pipilotti Rist. <i>Homo Sapiens Sapiens Complex</i> , 2005.	101
<b>Figura 47</b> - Pipilotti Rist. <i>A Liberty Statue for London</i> , 2005.	101





# Lista de Tabelas

<b>Tabela 1</b> -	Número de inscritos e diplomados no ensino superior, por áreas de estudo, em 2010 (Fonte INE - Estatísticas da Cultura).	24
<b>Tabela 2</b> -	População empregada nas atividades culturais e criativas por nível de escolaridade completo (Fonte INE - Estatísticas da Cultura).	25
<b>Tabela 3</b> -	Sectores e Subsectores do sector cultural e criativo em Portugal (Fonte SCC - Augusto Mateus & Associados).	26
<b>Tabela 4</b> -	Contributo dos subsectores para a criação de riqueza (VAB). (Fonte SCC - Augusto Mateus & Associados).	26
<b>Tabela 5</b> -	Número de atividades do CTA mais da Sala da Nora e média de público por ano.	34
<b>Tabela 6</b> -	Dados do MFTPJ.	
<b>Tabela 7</b> -	Atividades de serviço educativo desenvolvidas pelo Museu Cargaleiro.	39
<b>Tabela 8</b> -	Média de visitantes por ano do Museu Cargaleiro (valores aproximados).	39
<b>Tabela 9</b> -	Dados sobre o público da BMCB	40
<b>Tabela 10</b> -	Dados sobre as atividades do Antigo Edifício dos CTT e seus visitantes.	41
<b>Tabela 11</b> -	Cronograma do 1º ano de atividades LUPA.	52
<b>Tabela 12</b> -	População residente no município segundo grandes grupos etários e género (INE-2011).	80
<b>Tabela 13</b> -	Estabelecimentos nos ensinos, básico e secundário público e privado: total e por nível de ensino do Município de Castelo Branco.	81
<b>Tabela 14</b> -	Análise sumária ao programa de GDA ao longo dos 2 anos.	85
<b>Tabela 15</b> -	Formação de grupos, motivações e objetivos com a realização do projeto Vídeo Arte.	104



## Lista de Acrónimos

AICB	Associação de Informática de Castelo Branco
AV	Artes Visuais
ASE	Ação Social Escolar
BMCD	Biblioteca Municipal de Castelo Branco
CC	Circuito Cultural de Castelo Branco
CCC	Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco
CMCB	Câmara Municipal de Castelo Branco
CNC	Centro Nacional de Cultura
CTA	Cine-Teatro Avenida
CTT	Correios de Portugal S. A.
DGEMN	Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DSMU	Direcção dos Serviços e Melhoramentos Urbanos
EP	Estágio Pedagógico
EQ	Equipamentos Culturais
ESA	Escola Superior Agrária
ESAL	Escola Secundária/3 de Amato Lusitano
ESART	Escola Superior de Artes Aplicadas
ESE	Escola Superior de Educação
ESG	Escola Superior de Gestão
EST	Escola Superior de Tecnologia
ETEPA	Escola Tecnológica e Profissional Albicastrense
etic	Escola de Tecnologias, Inovação e Criação
GCA	Gestão da Cultura e das Artes
GDA	Geometria Descritiva A
GITAP	Gabinete de Estudos e Projectos S.A
GRP	Gabinete de Relações Públicas
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPCB	Instituto Politécnico de Castelo Branco
IPDJ	Instituto Português do Desporto e da Juventude
LUPA	Laboratório Urbano pela Arte
MC	Museu Cargaleiro
MCE	Ministério da Cultura e da Educação
MEAV-UBI	Mestrado em Ensino das Artes Visuais
MFTPJ	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
MNAA	Museu Nacional de Arte Antiga
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OC	Orientador Científico
OP	Orientador Pedagógico
PAA	Plano Anual de Atividades
PAE	Plano de ação educativa
PCI	Património Cultural Imaterial
PE	Projeto Educativo
PES	Prática de Ensino Supervisionada

RI	Regulamento Interno
SASE	Serviço de Ação Social Escolar
SE	Serviço Educativo
TPC	Trabalhos para casa
UBI	Universidade da Beira Interior
UC	Unidade Curricular
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

# Apresentação

Pretende-se, nesta introdução: conduzir o leitor pelas motivações que deram origem a dois projetos extracurriculares, descritos neste relatório de estágio, que conformaram a componente de investigação, bibliográfica e no terreno, deste documento; delimitar conceitos no âmbito operacional de forma, a que, os mesmos sejam entendidos no contexto que aqui se lhes atribui; sintetizar os objetivos/conteúdos da estrutura, em duas partes, atribuída ao documento que inclui necessariamente a descrição/reflexão das atividades curriculares orientadas na escola cooperante.

Tendo consciência do estado deplorável para o qual o ensino em Portugal desmoronou, em apenas dois anos, empurrado pela necessidade de cortes orçamentais na função pública, os quais atingiram e descredibilizaram um dos importantes motores de socialização, aculturação, atualização e preparação para o mercado de trabalho, que é o sistema educativo na figura, antes respeitada e de referência, do docente. Verificando-se um desinvestimento também ideológico ao não se apresentar alternativas políticas de incentivos à melhoria da educação, da investigação, do desenvolvimento e de criação de postos de trabalho. Torna-se verdadeiramente desmotivadora a escolha da carreira de professor do ensino básico e secundário, em Portugal.

Os cortes orçamentais na educação traduziram-se: na redução dos quadros de zona; na mobilidade esquizofrénica dos professores e consequente precariedade do posto de trabalho e impossibilidade de gerar laços afetivos e de continuidade do trabalho pedagógico; no aumento dos horários zero que leva, por autorização ministerial, os professores a serem colocados a lecionar em disciplinas nas antípodas da sua área de especialização; o aumento do número de alunos por turma (30); consequente diminuição das contratações; extinção da disciplina de Educação Visual e Tecnológica e a manutenção de optatividade em disciplinas de formação específica do Curso-científico humanístico de Artes Visuais, entre outros fatores, que contribuem para a constante descredibilização do ensino das artes<sup>1</sup>.

O Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário (MEAV-UBI), pretende outorgar aos seus alunos competências diversas<sup>2</sup>, competências essas que lhes permitirão optar por outras saídas profissionais para além da profissão de professor

---

<sup>1</sup> Que se verifica, não só, nos aumentos de carga horária de Português e Matemática e na eliminação da disciplina de Área de Projeto no 12.º ano, como também por parte dos pais e tutores que não conhecem o conjunto de competências descritos no Currículo Nacional "elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno (...) formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção (...) [e que] perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive". *Vide* <http://www.dgdc.minedu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments>.

<sup>2</sup> Competências e saídas profissionais apresentadas na página de internet referente ao curso de MEAV-UBI. *Vide* <https://www.ubi.pt/Curso.aspx?CodigoCurso=913>.

do 3º ciclo do ensino básico e secundário de qualquer disciplina pertencente ao grupo 600 - Artes Visuais. Podemos nomear duas das opções, descritas no site da Universidade da Beira Interior (UBI), na página relativa a este curso, que vão de encontro aos interesses que se pretendem com os projetos, extracurriculares, descritos e fundamentados, neste relatório de estágio - *Projeto Vídeo Arte* e LUPA (acrónimo para: Laboratório Urbano pela Arte): “- *Técnicos Superiores de Museus e Câmaras, para práticas pedagógicas no âmbito das artes visuais com escolas; - Assessores de empresas públicas e privadas (Câmaras, museus, fundações, associações) no âmbito de práticas pedagógicas tanto em artes plásticas como visuais.*” É com base nestas saídas profissionais que se justifica a conceção e implementação das atividades extracurriculares apresentadas neste trabalho.

A determinação de operacionalizar os projetos - *Vídeo Arte* e LUPA -, pretende, também, ser uma contribuição social e cultural com projetos educativos, criativos e raros, no caso específico do LUPA, em contexto português e em particular no contexto albacastrense, que conjuguem educação, artes, património, cultura e criatividade, em contexto de ensino, não formal, ao contribuir para o desenvolvimento de uma forte componente humana e sociocultural, que deve ligar indivíduos e comunidade. O atual programador do Cine-Teatro Avenida, Carlos Semedo, escreveu muito recentemente, no seu blog, uma crónica que intitulou “*A cidade e a Gratidão*” e onde, em certo momento, reflete “*E foi nesses momentos fundadores da minha idade adulta que entendi que a grandeza das cidades para além de se encontrar na sua história e património, tinha lugar nas pessoas, na sua capacidade criadora, mobilizadora e nos seus projectos.*”<sup>3</sup>. A motivação para realizar novos projetos com as características dos projetos desenvolvidos neste relatório de estágio passa, na sua maioria, por este *entendimento* a que Carlos Semedo se refere.

Tornou-se assim urgente, para as três professoras estagiárias que fizeram parte do núcleo de estágio da Escola Secundário/3 de Amato Lusitano (ESAL), em Castelo Branco, capitalizar as competências adquiridas ao longo do mestrado e complementar as experiências adquiridas em estágio, ocorrido durante o presente letivo 2012/13, na disciplina de Geometria Descritiva A - 11º ano, elaborando, propondo e implementando uma atividade extracurricular, destinada aos alunos do Curso Científico-humanístico de Artes Visuais da ESAL - *Projeto Vídeo Arte* -, complementar e paralela às restantes atividades, exigidas em estágio pedagógico, para além das que dizem respeito à docência da disciplina em questão. O *Projeto Vídeo Arte* e o LUPA (ao qual adere mais uma amiga e colega também do MEAV-UBI) surgiram, assim, da consciência, não só da necessidade de diversificar saídas profissionais mas, também, de atingir as devidas competências trabalhando no “terreno”.

---

<sup>3</sup> Vide <http://brancapoesia.blogspot.pt/2013/10/a-cidade-e-gratidao.html>.

A primeira parte (PARTE I) incide, assim, na implementação do projeto LUPA, pretendendo-se fundamentar as razões pelo qual foi pensado, criado e implementado, apresentando uma metodologia de investigação e de projeto.

A este projeto, depois de muitos debates e divergências de ideias, chamou-se **LUPA**, acrónimo que pretende traduzir a sua essência - *laboratório urbano pela arte: Laboratório* - porque as atividades propostas são de natureza experimental, na perspetiva em que cada laboratório apela à observação e à descoberta desenvolvendo estratégias para a resolução de problemas; *urbano* - porque o ponto de partida para a criação destes laboratórios é a cidade/espço urbano, e *pela arte* - porque se pretende que os laboratórios criados assentem sobre a teoria da *educação pela arte*<sup>4</sup>.

Reforçando a essência do projeto enquanto serviço de educação não formal, o LUPA, pretende, através da *educação pela arte*, refletir sobre o que significa *ser urbano*<sup>5</sup>. Deste modo, neste projeto, o conceito de *urbano* subentende duas dimensões indissociáveis, nomeadamente, a cidade (espço físico) e comunidade (espço social). Com a certeza, de que todos são detentores de conhecimento individualizado em relação à sua cidade, por um lado, e por outro, possuem um talento, uma competência inexplorada, o LUPA pretende ser um espço de partilha desse conhecimento, de estímulo, de experimentação e de promoção destes talentos. Assim, o LUPA, propõem-se a construir diferentes atividades/laboratórios que convirjam no sentido de criar laços entre a cidade e a comunidade que nela habita, construindo e reforçando a identidade urbana. É um projeto probatório, no seu primeiro ano, e organiza-se em 12 atividades/laboratórios de periodicidade mensal. Estes laboratórios pretendem (re)conhecer/(re)valorizar o património material e imaterial albicastrense, através das várias expressões artísticas, nomeadamente, a fotografia, o vídeo, o desenho, as artes plásticas, a arquitetura, o design gráfico e multimédia, a escrita, entre outros, utilizando ferramentas multimédia, de que são exemplo o software para edição de imagem, vídeo e som, infografia, modelação 3d ou ferramentas para as artes gráficas e plásticas.

Todos os laboratórios têm dois pontos em comum. O primeiro, mais importante, tem como ponto de partida e fonte de inspiração a cidade de Castelo Branco sobre as suas mais variadas perspetivas: a história; as gentes; os jardins; as árvores; os canteiros; a paisagem; o urbanismo; a arquitetura; a calçada; a escultura e arte pública; os artistas visuais albicastrenses; o artesanato; o folclore; os cantares; as romarias; as feiras; as festas; a literatura; a tradição oral; no fundo - o património e a cultura da comunidade albicastrense. O segundo é a utilização das artes como condutoras para a conceção dos laboratórios, daí o contexto da educação pela arte referido anteriormente.

---

<sup>4</sup> Teoria originalmente elaborada por Platão e mais tarde defendida por Herbert Read em 1943, na sua tese *Educação pela Arte*. Nesta tese, que se converteu numa "bíblia" da educação pela arte e para as artes, Read defende acerrimamente que, *a arte deve constituir a base da educação*.

<sup>5</sup> Por *ser urbano* podemos limitar o conjunto que define uma cidade, as pessoas, a história, o património, os valores culturais - espço físico e espço social.

A segunda parte (PARTE II) do presente documento é dedicada ao relato da Prática de Ensino Supervisionada (PES) na ESAL onde se incluiu o *Projeto Vídeo Arte*, sendo que ao último, devido às pretensões da componente de investigação deste trabalho e dos objetivos de aprendizagem da autora deste relatório, lhe é concedida maior relevância.

# **PARTE I**

## **LUPA**

### **Laboratório Urbano pela Arte**



# Capítulo 1:

## Introdução ao LUPA

Na segunda parte deste relatório, pretende-se fundamentar a elaboração do projeto - LUPA, nomeadamente, as razões pelo qual foi pensado, criado e implementado, apresentando uma metodologia de investigação, apoiada:

- Na exposição de conceitos sobre a perspetiva do LUPA e intrinsecamente ligados ao projeto ou à fundamentação da existência do mesmo, nomeadamente os conceitos sobre património, cultura, artes, educação pela arte, passando pelas áreas da gestão e da economia no sector das artes;
- Numa breve retrospectiva, sobre os números relativos aos sectores da cultura e das artes no panorama português, nomeadamente sobre o ensino e o emprego;
- Na elaboração de uma análise a Castelo Branco - a cidade como instituição cultural e local onde se implementa o projeto, aos equipamentos culturais de que dispõe, e à comunidade albicastrense - público-alvo deste projeto;
- Na planificação, avaliação e reflexão - apoiada em modelos já existentes, nomeadamente no *Plano de Ação Educativa*<sup>6</sup> (PAE) e no *Guía para el desarrollo de las industrias culturales y creativas*<sup>7</sup>, especialmente direcionados para projetos com a mesma essência.

Assim, este capítulo divide-se em quatro pontos-chave: a) *contexto da investigação*, onde se explica o que levou a juntar uma equipa para criar um projeto desta natureza; b) *definição do problema*, onde se explica a tradução do conceito de serviço educativo/educação não formal, no contexto de uma cidade e cidade como instituição cultural, à importância da participação ativa da comunidade, tanto como público-alvo como impulsionador da criação dos laboratórios; c) *objetivos da pesquisa*, onde se apresentam os objetivos gerais deste projeto e c) *pertinência e limitações da investigação*, que aborda as razões, pelas quais, este projeto é um projeto de interesse tanto a nível da comunidade local como para a autarquia e para o turismo, apresentando as limitações da investigação e da implementação.

### 1.1. Contexto do projeto de investigação/ação

Este foi ano de eleições autárquicas e foi, também, o ano de consolidação da obra feita. Numa retrospectiva dos últimos 16 anos da cidade de Castelo Branco, a sua autarquia mostrou que tem primado pela tentativa de criar condições que possibilitem um desenvolvimento cultural natural, deixando um grande legado aos futuros autarcas. Neste espaço de tempo, a

---

<sup>6</sup> Plano desenvolvido por Sara Barriga (2007) na publicação *Serviços Educativos na Cultura*. Vide <http://www.scribd.com/doc/27108437/Coleccao-Publicos-Servicos-Educativos>.

<sup>7</sup> Guia elaborado pela *División de Expresiones Culturales e Industrias Creativas, Sector de la Cultura* e publicado pela UNESCO em 2010. Vide [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/images/UNESCOculturalandCreativeIndustriesguide\\_01.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/images/UNESCOculturalandCreativeIndustriesguide_01.pdf).

anterior autarquia recuperou antigos edifícios, construiu outros, elaborou obras de melhorias nos acessos e vias da cidade, ajudou a construir escolas, apostou num modelo de programação e comunicação desenhado à feição da cidade, apoiou novos projetos ligados à área das artes e da cultura, em suma, apoiou um sem número de outras ações ligadas às artes sob os pretextos de criar consciência identitária e promover o desenvolvimento da região<sup>8</sup>.

A ideia de elaborar uma atividade extracurricular, paralela ao contexto do estágio pedagógico, no sentido de capitalizar as competências adquiridas ao longo do mestrado e complementar as experiências adquiridas em estágio, ocorre no início de 2013. Quatro colegas e alunas finalistas do MEAV-UBI, residentes em Castelo Branco, sem nenhuma experiência na elaboração de projetos com base no conceito de educação não formal, com ideias convergentes, juntam-se no sentido de conceber uma atividade desta natureza na cidade de Castelo Branco. Num primeiro momento, estas 4 alunas, pensaram que esta atividade podia passar por ser uma atividade, dentro do serviço educativo de uma instituição cultural, em regime de voluntariado mas, em reunião com a vereadora da cultura e da educação da Câmara Municipal de Castelo Branco, Dra. Cristina Granada, surgiram novas ideias que a levaram, imediatamente, a incentivar a equipe à conceção de um novo projeto, independente, com base na educação não formal e conciliando as competências destas quatro alunas. Um fervoroso brainstorming gerou-se, nessa mesma reunião. Com base nas ideias nascidas nesse dia, o projeto começou a tomar forma.

## 1.2. Definição do problema

Depois de contextualizadas as características/essência do LUPA, algumas questões se levantaram. Fez-se menção de que seria feita uma relação entre cidade e instituição cultural e a partir daí se construiria um modelo de serviço educativo/educação não formal onde, a comunidade, embora fosse o público-alvo era, também, o impulsionador da criação dos laboratórios do LUPA. Assim, para a construção deste modelo impôs-se conhecer a realidade, tanto da instituição, como do seu público/comunidade. Desta forma, pretende-se que a cidade seja considerada a instituição e o público seja a comunidade.

Fazendo uma análise preliminar, baseada apenas na visão que a equipa tem sobre a cidade de Castelo Branco, adquirida pelos anos vividos nela, encontraram-se algumas questões/variáveis que limitam/direcionam a tomada de decisões relativas aos objetivos e metas do LUPA. A constatação da crescente desertificação humana na zona histórica e nos equipamentos culturais, nos quais a cidade de Castelo Branco investiu leva, em primeiro lugar, a um levantamento da oferta/programação e dos próprios equipamentos culturais disponíveis, na cidade, para tentar detetar se/ e em que falham, para além de conhecer o principal - a sua oferta educativa e cultural.

---

<sup>8</sup> Consultar comunicado do presidente da CMCB, Joaquim Morão, na Agenda cultural Cultura Vibra nº 17 <http://www.culturavibra.com/images/pdf/699.pdf>.

Embora, grandes obras e requalificações tenham sido feitas, nos últimos anos, pela autarquia local<sup>9</sup>, em toda a cidade, gerando visíveis melhorias nas vias públicas, novos acessos, estacionamento, recuperação de edifícios e património, a circulação de pessoas esmoreceu, especialmente no centro da cidade. Esplanadas, centros comerciais e cafés da cidade estão cheios enquanto equipamentos culturais se encontram despejados de público interessado e preocupado com a cultura, demonstrado pelo défice de público presente nas atividades apresentadas à comunidade pelas mais diversas entidades, públicas e privadas, nas mais distintas áreas (social, ambiental, histórica, cultural e artística).

Pensando na exequibilidade de tornar irrefutáveis algumas destas constatações, procura-se responder credivelmente. Para isso, num primeiro momento, somos necessariamente levados a elaborar e a analisar um levantamento de dados sobre públicos e oferta/programação dos equipamentos culturais disponíveis na cidade de Castelo Branco<sup>10</sup>.

Neste momento, apenas dois equipamentos se reconhecem como equipamentos presentes, com atividades regulares do dia-a-dia dos albicastrenses: o Cine-Teatro Avenida/Sala da Nora, que tem feito um trabalho de excelência, neste sentido, nos últimos anos e a Biblioteca Municipal de Castelo Branco, que tem vindo a trabalhar o público jovem, diariamente, com diversas atividades que envolvem crianças e suas famílias.

O Museu Cargaleiro é um museu com poucos anos de vida e que vai mostrando alguma preocupação nos seus públicos e na criação de novos públicos mas de forma ainda ténue, parecendo dar maior relevância ao público jovem com atividades durante as férias escolares.

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior (MFTPJ) começou recentemente, a divulgar atividades que, no nosso entender, ainda não definiram bem o seu lugar e a política da instituição, mas têm vindo a demonstrar grande preocupação no desenvolvimento da relação com o público através do desenvolvimento de uma programação mais cuidada e articulada com a rede cultural da cidade.

Aos restantes equipamentos não se reconhecem atividades regulares, apenas algumas pontuais, sem que haja uma ligação direta com a comunidade. Por um lado é necessária uma comunicação coerente, sobre a programação de cada instituição o que implica que, cada instituição, tenha muito bem definida a sua política cultural, defina os seus objetivos e metas a atingir, desenhando estratégias, tanto no esboço de novas atividades com no intuito de criar novos públicos e consolidar os existentes, como na forma como comunica as suas atividades. Por outro lado, deve existir uma rede cultural dentro da própria cidade, ausente em Castelo Branco, querendo com isto dizer que se nota não existir diálogo entre equipamentos e

---

<sup>9</sup> Na sua maior parte, obras executadas sobre o programa Polis. Vide <http://www.cm-castelobranco.pt/index.php?link=ppolis>.

<sup>10</sup> Levantamento e descrição mais detido no Capítulo 4 - *A cidade como instrumento cultural*.

instituições culturais dificultando a interação e construção de uma programação cultural e redundando numa sobreposição de eventos de relevância cultural, organizados por entidades de várias naturezas.

### 1.3. Objetivos do projeto

Tomando consciência que o *LUPA* é um projeto único, pelo menos na cidade de Castelo Branco, pretende-se implementar um serviço educativo na cidade, dirigido à comunidade albicastrense, em que Castelo Branco é o ponto de partida de todas as atividades criadas.

O património material e imaterial albicastrense é o que se pretende (re)conhecer/ (re)valorizar, nos 12 laboratórios programados pelo espaço de um ano, ocorrendo um por mês, com abordagens de várias áreas das artes, nomeadamente, a fotografia, o vídeo, o desenho, as artes plásticas, a arquitetura, o design gráfico e multimédia, a escrita, entre outros, utilizando várias ferramentas multimédia, como o software para edição de imagem, vídeo e som, infografia, modelação 3d ou ferramentas para as artes gráficas e plásticas, de uma forma geral.

Assim, todos os laboratórios terão, como ponto de partida, a cidade de Castelo Branco pretendendo-se que, com estes, se possa aproximar a comunidade à cidade, apelar ao espírito crítico de cada participante convergindo na criação de Identidade urbana<sup>11</sup>, proporcionando a oportunidade de descobrir um novo olhar sobre a cidade, criando capacidades - criativa, artística, de iniciativa, de partilha, de diálogo, de exploração e promoção do relacionamento interpessoal e cooperativo.

### 1.4. Pertinência e limitações da investigação

#### 1.4.1. Enquadramento da investigação

O Prof. Doutor António Sampaio da Nóvoa, presidente da Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, no seu discurso<sup>12</sup>, recordou o passado, refletiu sobre a situação atual do nosso país e descreveu um potencial caminho futuro: *“O futuro, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está no reforço da sociedade e na valorização do conhecimento, está numa sociedade que se organiza com base no conhecimento.”*

No seguimento desta ideia os Ministérios da Cultura e da Educação chegaram à conclusão que as áreas ligadas às artes têm tido um crescimento relativo e que, se por um lado, a cultura deve ser acessível a todos colocando à disposição os instrumentos culturais que têm à mão, por outro, é pertinente que se criem profissionais de várias áreas da cultura para trabalhar

---

<sup>11</sup> Por identidade urbana podemos definir como o reconhecimento do lugar, do património - material e imaterial - construído por valores culturais que se consolidam e que se moldam ao meio envolvente e às vivências de cada um, que por sua vez, darão forma à memória coletiva da comunidade.

<sup>12</sup> Vide <http://www.presidencia.pt/diadeportugal2012/?idc=588&idi=66573>.

nos ditos instrumentos de cultura. Estes instrumentos podem ser públicos ou privados e contemplam teatros, salas de espetáculos multidisciplinares, museus, galerias de arte, centros culturais, escolas, centros de juventude, associações e por aí fora.

A cultura, as artes e o ensino, são sectores há muito considerados importantes na relação com o desenvolvimento das sociedades e dos indivíduos, como se pode verificar quando analisados os dados da cultura<sup>13</sup>, mas que continuamente têm sido menosprezados pelo Governo Português com os cortes orçamentais que se têm vindo a acentuar, ano após ano, tanto na educação como na cultura, consequências de uma crise económica agora instalada.

Em 2010, no Governo de José Sócrates, a então Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, na sua Intervenção, durante a conferência *A Educação Artística e a Formação de Públicos*<sup>14</sup>, promovida pelo Centro Nacional de Cultura (CNC) e pelo Clube UNESCO, refletia:

“O ensino artístico especializado visa uma formação de excelência, orientada, designadamente no que diz respeito à formação de intérpretes e criadores, para o prosseguimento de estudos, com vista a uma futura profissionalização. É um tipo de ensino que constitui um território de formação complexo, onde se cruzam, entre outras, as problemáticas da vocação e do talento, do dom e da excelência, da individualidade, do risco, do medo, do prazer. É também onde se interpenetram conceitos e representações, nomeadamente em matéria de educação e cultura, as concepções do papel do artista e da arte, a relação arte profissão, públicos e consumos. Porém, concomitantemente, o ensino artístico especializado carece ser reflectido na globalidade, de forma a equacionar as respectivas missão e finalidades, bem como os respectivos modelos de formação, eliminando ambiguidades que nesta matéria frequentemente se verificam, em termos de melhor e mais perfeitamente poder dar resposta às diferentes solicitações de que é alvo. (...) A promoção do nível cultural e artístico da população portuguesa depende prioritariamente, da intervenção precoce, e da qualidade da educação artística.”

Nesta perspetiva, é importante que este assunto seja analisado e discutido de forma a sensibilizar os intervenientes nas decisões governamentais a encontrar outras soluções que não o corte nos orçamentos da cultura e da educação, dando assim oportunidade a estes sectores de se desenvolverem, de crescerem com a qualidade que os indivíduos de uma sociedade merecem. É aqui que a autarquia da cidade de Castelo Branco, percebe finalmente a dimensão do impacto da cultura na economia e, nos últimos anos, decide investir declaradamente na cultura, no lazer e no desporto, apostando na recuperação do património, na construção de novos equipamentos culturais e na sua programação, na organização de eventos criados pela própria autarquia e no apoio de eventos promovidos por entidades particulares que visam desenvolver o turismo e a cultura local e na criação e formação de públicos, dando assim o destaque merecido nesta investigação, à importância da educação não formal no desenvolvimento cultural e na criação de identidade.

---

<sup>13</sup> Consultar documento sobre O sector Cultural e Criativo em Portugal: Estudo para o Ministério da Cultura: <http://www.jorgebarretoxavier.com/documentos/cadernosTematicos/CulturaeEconomia//2010%20%20Sector%20Cultural%20e%20Criativo%20em%20Portugal%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final.pdf>.

<sup>14</sup> Vide [http://educar.files.wordpress.com/2011/03/reflexc3a3o\\_depart-viso.pdf](http://educar.files.wordpress.com/2011/03/reflexc3a3o_depart-viso.pdf).

## 1.4.2. Limitações da investigação

São limitações desta investigação:

- Ausência de dados atualizados sobre a comunidade e os seus hábitos culturais - um dos fatores que dificultaram a realização de uma caracterização assertiva da comunidade, obrigando a usar os últimos dados conhecidos;
- Embora a equipa de trabalho, do LUPA, seja heterogénea, baseada em áreas que se complementam - design, multimédia, audiovisuais, arquitetura, ensino das artes visuais, gestão cultural - sente-se a falta de associados especializados em outras áreas também elas complementares, nomeadamente, a literatura, a música, a expressão dramática e a história;
- Projeto em constante mutação que, por um lado dependente de parcerias que vão sendo construídas ao longo do percurso do projeto;
- Programação trimestral, pelo qual será, em qualquer momento do projeto, difícil ver o seu todo, podendo não se encontrar a coesão do mesmo;
- Público-alvo do projeto é toda a comunidade albicastrense, mas será realmente definido, laboratório a laboratório, consoante a tipologia dos indivíduos participantes;
- Ausência de orçamento com participação, em voluntariado, dos membros da equipa LUPA e de todos os que se associam aos vários laboratórios o que implica uma planificação dos laboratórios atendendo a esta limitação;
- Ausência de plano de sustentabilidade a médio prazo.

## Capítulo 2:

### Conceitos

Pretende-se, com este capítulo, esclarecer de forma sucinta, alguns conceitos em que se apoia o contexto deste projeto, nomeadamente - o património (material e imaterial), a cultura, as artes e a educação pela arte, partindo de uma visão transdisciplinar inerente aos objetivos do LUPA. É importante que também se faça referência a conceitos que, embora não estejam diretamente ligados ao projeto, são de extrema importância na sua implementação. Assim, para além dos conceitos já citados, apresentam-se os conceitos de gestão, de economia e gestão da cultura e das artes tentando articulá-los com a importância que estes importam ao desenvolvimento da economia.

#### 2.1. Património

No contexto deste projeto referimo-nos ao património do ponto de vista cultural e segundo “os princípios basilares” da Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro<sup>15</sup> que: estabelecem “*as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.*”; fundamentam a convergência entre estes e os objetivos específicos do projeto LUPA, ou seja, da construção de identidade urbana, social e cultural.

Na discussão sobre a questão da identidade, o conceito de património cultural tem partilhado de alguma correspondência. É compreensível que se faça uma associação entre estes dois conceitos sendo que as questões do valor patrimonial transmutam-nos para as questões da defesa e preservação dos edifícios e lugares bem como, sobre todo e qualquer “objeto” classificado, tencionando construir identidade.

“Tomando as palavras de Georges-Henry Rivière, o património cultural (histórico) assume-se como um espelho. Um espelho que reflecte a história, o passado, a cultura, as tradições e as memórias. Um espelho em cujo reflexo as populações reencontram a sua ancestralidade, onde se veem e reencontram. Nesse sentido, o património cultural é uma expressão material da identidade dos povos.” (V.P. 2009)

Esta citação demonstra o que hoje se considera por património cultural material e que, segundo Ana Carvalho<sup>16</sup>, converge com o conceito de património cultural imaterial (PCI) quando explica que a denominação de PCI, “*não é mais do que um conceito de natureza política que não traz noções novas ao modo como já vinha sendo entendido o património, nomeadamente em áreas do saber como a antropologia*”. Para a autora o “*conjunto das crenças, saberes, práticas, valores e tradições de uma dada comunidade distinguindo-a de*

---

<sup>15</sup> Lei que “Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural”. Vide [http://www.imc-ip.pt/Data/Documents/D\\_P\\_Movel/Lei\\_bases\\_patrimonio.pdf](http://www.imc-ip.pt/Data/Documents/D_P_Movel/Lei_bases_patrimonio.pdf).

<sup>16</sup> Vide <http://midas.revues.org/292>.

*outras, constituindo assim a diversidade cultural*” já eram considerados “bens materiais” indissociáveis “*de um sistema mais alargado*”.

Outro conceito de património cultural, mais simplista, pode ser analisado na *Convenção para a Protecção do Património Cultural e Natural* (1972) - Artigo 1º<sup>17</sup> onde são considerados património cultural:

“I - Os monumentos. - As obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; II - Os conjuntos. - Os grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; III - Os locais de interesse. - As obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico...”.

## 2.2. Cultura

“... é o conjunto de valores, crenças, instituições e práticas que uma sociedade ou grupo humano desenvolve num certo momento do tempo e do espaço, em diferentes campos da realidade, a fim de assegurar sua sobrevivência material e a plenitude espiritual, tanto individual como coletivamente.” (AA. VV., 2002).

Johann Herder<sup>18</sup>, nas *ideias sobre a filosofia da História da Humanidade em 1784*, usa a expressão ‘Kultur’ para representar a ideia de uma soma das obras criadas pela humanidade<sup>19</sup>. Mas já Voltaire<sup>20</sup> ou Mirabeau<sup>21</sup> teriam apresentado anteriormente, ideias semelhantes do conceito de cultura.

A expressão “cultura” na verdade pode assumir inúmeras definições e todas elas válidas. Quando, por exemplo, num anúncio de emprego se referem a “bom nível de cultura” ou “bom nível cultural” aquilo que nos sugere é que solicitam indivíduos para aquele cargo com altas capacidades, inteligentes, com conhecimentos elevados, ou quando falamos na “cultura” de determinado país ou região, estamos a referir-nos a um grupo de elementos originais que caracterizam cada uma dessas sociedades diferenciando-as umas das outras. Outras vezes, ao falar-se em “cultura da nossa época” podemos referir-nos a representações de uma determinada década ou século, ou pode simplesmente dizer respeito a festas e cerimónias tradicionais, a lendas e crenças de um povo, ou apenas ao modo de vestir, à comida e idioma de determinada região.

Podemos assim, associar cultura não só ao estudo, à educação ou à formação escolar mas também para nos referirmos unicamente a manifestações artísticas, como o teatro, a música, a dança, as belas artes, a arquitetura e o património, sendo esta última a associação que

---

<sup>17</sup> Convenção para a proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Vide <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>.

<sup>18</sup> Johann Gottfried von Herder. (1744-1803). Vide <http://plato.stanford.edu/entries/herder/>.

<sup>19</sup> Vide <http://www.bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-franca-portugal.pdf> - Acedido a 6 de Junho.

<sup>20</sup> François-Marie d’Arouet. (1694-1778). Vide <http://plato.stanford.edu/entries/voltaire/>.

<sup>21</sup> Honoré Gabriel Riqueti. (1749 –1791). Conhecido como conde de Mirabeau. Vide [http://www.princeton.edu/~achaney/tmve/wiki100k/docs/Honor%C3%A9\\_Gabriel\\_Riqueti,\\_comte\\_de\\_Mirabeau.html](http://www.princeton.edu/~achaney/tmve/wiki100k/docs/Honor%C3%A9_Gabriel_Riqueti,_comte_de_Mirabeau.html).

pretendemos fazer de cultura, que confira identidade a uma determinada comunidade.

### 2.3. Artes

*“A arte acompanha o homem e a sua história em manifestações que refletem o contexto social do momento em que ele está inserido. E, partindo da premissa de que arte é cultura, o estudo de sua produção artística é uma referência aos acontecimentos sociais, políticos e económicos de cada período.”* (Freitas e Pereira, 2007)

Esta citação podia muito bem também ser a definição de cultura. Mas, no contexto do LUPA, o que se pretende definir quando falamos de artes, não é o conceito do que é a arte mas sim a que artes nos referimos, pois o significado que se pretende atingir é objetivo. Assim, quando falamos de artes, referimo-nos a todos os domínios que estas representam, nomeadamente, a literatura (incluindo a poesia), a música, o teatro, a dança, a ópera ou opereta, o cinema de autor e experimental, as belas artes ou artes plásticas (pintura, escultura e, também, desenho), a arquitetura, o design (em todos os seus ramos), as artes interativas, a instalação, a performance e todos os subdomínios que a estes dizem respeito.

### 2.4. Educação pela arte

A teoria da educação pela arte dá o seu “boom” quando o livro com o mesmo nome, *Educação pela arte*, de Herbert Read foi editado pela primeira vez em 1943. Trata-se, de um conceito desenvolvido para o contexto, ainda atual, de uma tese original de Platão que defendia que *a arte deve ser a base da educação*. Muitos dos seguidores de Platão consideravam esta tese bela e lógica, mas uma utopia pois não a consideravam aplicável. Assim, Read procura no seu livro não só demonstrar a aplicabilidade da tese de Platão recorrendo à tese do próprio, obviamente, e aos testemunhos e experiência de outros autores das mais variadas áreas vinculadas à educação e à psicologia, como igualmente procura que a sua aplicabilidade não se limite à educação mas também *“na reinserção, reeducação e reconstrução das estruturas físicas e psicológicas do indivíduo, num processo de reconciliação da singularidade com a unidade social”*.

No capítulo 3 da sua tese, Read explica várias perspetivas que envolvem a expressão “educar” e como esta é confundida regularmente com o conceito de “ensinar”, tomando estas duas expressões, em algumas circunstâncias, como sinónimas. No sentido de clarificar as suas diferenças, Read refere um outro termo “*Educere*” ligando-o “(…) à ideia de criar, dar à luz, fazer, sair, conduzir para fora, desenvolvimento, evolução (“*Parvus educere natus*” - O desenvolvimento dos filhos), (...)”.

É neste sentido que o LUPA adota este conceito de *educação pela arte*, pois o que se pretende é que os participantes envolvidos nos laboratórios LUPA possam desenvolver, através da experimentação com as artes - observar, tocar, questionar, experimentar - competências pessoais com base em conhecimentos prévios, refletindo-se aqui o significado da citação anterior “(…) dar à luz, fazer, sair, conduzir para fora, (...)”.

## **2.5. Cultura e artes *versus* gestão da cultura e as artes: Motores de desenvolvimento económico**

O reconhecimento da cultura e das artes como motores de desenvolvimento económico é um tema que tem vindo a ser debatido com alguma regularidade nos últimos anos. A produção de cultura e das artes tem vindo a aumentar nas últimas décadas mas os apoios a que este sector estava habituado a recorrer têm vindo a ser minimizados face aos problemas económicos que o nosso país, e grande parte a Europa, atravessam. Estes bens, são reconhecidos pela sociedade contemporânea como bens de contribuição essencial para uma sociedade e economia saudáveis. Neste sentido, Portugal e grande parte dos países da União Europeia têm aproveitado os apoios das políticas públicas e de algumas instituições privadas para a promoção da cultura e das artes. É aqui que, o papel do gestor da cultura e das artes é de relevante importância - gerir os recursos disponíveis. As organizações artísticas são obrigadas a encarar a crise que se lhes apresenta colocando em risco a sua capacidade de garantir a equidade social onde o acesso às artes é um direito de todos os cidadãos. O contributo destas organizações é proporcionado através da produção de objetos artísticos, da programação regular das diversas formas de manifestações artísticas, da criação de programas de serviços educativos para crianças e adultos, entre outras. Neste sentido, os profissionais dos sectores da cultura e das artes, são indivíduos aos quais são exigidas competências várias e a polivalência é uma das competências mais requeridas no mercado profissional contemporâneo. Se por um lado é imprescindível que estes profissionais tenham sólidos conhecimentos na área da gestão e da produção, por outro, é de extrema importância que dominem, a área artística em que trabalham.

Nesta perspetiva, é importante que este assunto seja analisado e discutido de forma a sensibilizar os intervenientes nas decisões governamentais a encontrar outras soluções que não o corte nos orçamentos da cultura e da educação, dando assim oportunidade a estes sectores de se desenvolverem, de crescerem com a qualidade que os indivíduos de uma sociedade merecem.

O número de escolas, públicas e privadas, que garantem o nível secundário das mais variadas áreas artísticas tem vindo a aumentar, em Portugal. Nos cursos lecionados nestas escolas, os alunos podem profissionalizar-se e seguir diretamente para o mercado de trabalho ou simplesmente seguir estudos para o ensino superior ou universitário, mas, poucos são os alunos que, quando ingressam num qualquer curso de estudos superiores, conhecem a realidade do mercado da área artística em que se inserem, nomeadamente, as saídas profissionais, o vencimento médio, as competências, o estado económico do mercado das artes e da cultura, o contributo da sua área artística para o desenvolvimento local, nacional e internacional, os concorrentes, os financiadores, os agentes, etc.. Acabando muitos por não vingar na carreira porque os motivos de ingresso nesta não eram os mais sólidos.

No mercado contemporâneo não basta ser-se um “Picasso” se não sabemos valorizar o nosso trabalho/produto como tal, dentro do mercado que queremos conquistar. Conhecer, o melhor possível, este mercado, poderia levar estes alunos a escolher um percurso profissional diferente, mais assente na consolidação entre a vocação para as artes e a gestão da carreira profissional, com o objetivo de atingir o sucesso profissional, assim torna-se importante que, quando se escolhe uma profissão, seja ela nas áreas artísticas da literatura, da música, do teatro ou das artes visuais, se tenha a consciência do “valor do mercado”, ou seja, que se conheça qual a contribuição para o desenvolvimento económico da profissão escolhida.

Desta forma, o programa da disciplina de Gestão das Artes, lecionada no ensino artístico especializado, disciplina opcional no 11º e 12º ano, podia ter um papel mais importante na formação artística e ser transmissora destes conhecimentos, pois para além de fornecer competências imprescindíveis para o sucesso profissional fornece também os dados e as ferramentas referentes aos vários mercados, artísticos e culturais em que os artistas irão trabalhar. Surge então a questão: Se por um lado o desenvolvimento económico pode ser potenciado através da produção de cultura e das artes e por outro é importante formar profissionais da cultura de excelência, não seria ideal dar mais importância à disciplina de Gestão das Artes no ensino secundário? Torna-se assim necessário abordar a questão da “profissão” Gestão das Artes no contexto da fundamentação de LUPA.

Clarificaram-se os conceitos de cultura, das artes, de património. Faltam agora os conceitos mais amplos de Gestão da Cultura e das Artes e de Industrias Culturais e Criativas, e no sentido das constatações/questões/hipóteses que lançámos no início, analisar agora, dados estatísticos referentes aos sectores cultural e criativo dos últimos anos em Portugal, recolhidos pelo INE no documento anual *Estatísticas da Cultura* e pela consultora Augusto Mateus & Associados - Sociedade de Consultores, Lda. no relatório - *O sector cultural e criativo em Portugal* -, encomendado pelo Ministério da Cultura.

Com tudo isto, pretendemos fundamentar pelo argumento económico a existência do LUPA, assim como reforçar a necessidade de uma maior aposta no ensino da disciplina de Gestão das Artes no ensino secundário para permitir aos futuros artistas conhecer a dimensão operativa do conceito de gestão da cultura e das artes e reconhecer a gestão como um instrumento imprescindível, tanto para o desenvolvimento da sua carreira como artista como para o desenvolvimento económico nacional.

### 2.5.1. Gestão

*"Management is tasks. Management is a discipline. But management is also people. Every achievement of management is the achievement of a manager. Every failure is a failure of a manager. People manage rather than "forces" or "facts." The vision, dedication, and integrity of managers determine whether there is management or mismanagement."* (Drucker, 1986, p. 4)

Gestão, em inglês *management*, em português *administração*, não é um conceito novo nem consensual na sua forma mais complexa, tendo a sua definição evoluído bastante no último século. Desde a pré-história que o ser humano teve que aprender a gerir os recursos disponíveis no seu meio ambiente para poder realizar um conjunto de tarefas que lhe permitiam atingir objetivos elementares - sobreviver. Esta definição, simples e reconhecida universalmente do que é a gestão, é a base do conceito clássico inicialmente desenvolvido por Fayol<sup>22</sup>, assim, planejar, organizar, liderar, coordenar e controlar de forma a atingir os objetivos organizacionais pré-determinados são atividades da competência da gestão. Assim podemos reforçar que é, também, da competência da gestão otimizar o exercício das organizações através da tomada de decisões racionais fundamentadas na recolha e tratamento de dados estatísticos e informação relevante. Desta forma, a gestão deverá contribuir para o desenvolvimento e para a satisfação dos interesses das organizações.

Pelo facto de a gestão se basear muito, não só, no bom senso ou intuição e na experiência de cada gestor para a tomada de decisões mas também, na área de trabalho da organização, não podemos considerar que esta seja uma ciência. Assim, um bom gestor deve ser detentor de algum conhecimento empírico de forma a colmatar o vazio que separa a teoria da realidade de cada organização. A experiência torna-se assim uma das melhores formas de um gestor se educar.

Por sua vez Taylor<sup>23</sup>, relacionou a estratégia e a teoria empresarial destacando a necessidade de aprofundar a gestão e de promover as qualidades de liderança. Neste sentido, Fayol era defensor de que empresas de diferentes dimensões e de todo o tipo - industriais, comerciais, governamentais, políticas ou mesmo religiosas se podiam reger por estes mesmos princípios.

### 2.5.2. Economia

É difícil descrever o conceito de economia sem sentir que estamos a citar algum notável economista. Talvez porque este conceito é um conceito, na sua génese, muito simples e concreto, sendo esta a abordagem que lhe queremos atribuir.

---

<sup>22</sup> Henri Fayol. (1841-1925). Foi um dos primeiros estudiosos a analisar a natureza da atividade empresarial, a formular uma teoria completa de gestão e a definir as principais atividades do gestor dentro das organizações: planejar, organizar, liderar, coordenar e controlar.

<sup>23</sup> Frederick Taylor. (1856-1915). Um dos grandes precursores da Teoria Clássica da Administração.

Economia é uma expressão que deriva do grego *oikonomia* - oikos 'casa' e nomos 'costume ou lei' ou ainda 'gerir, administrar'<sup>24</sup>, o que nos remete para algo como regras ou gestão da casa. Assim, podemos dizer que economia é a ciência que analisa a forma como as sociedades utilizam os seus escassos recursos para a produção e consumo de bens e serviços com valor e de como estes são distribuídos entre os indivíduos dessas sociedades.

Para compreendermos melhor o conceito de economia podemos retirar desta definição duas ideias. A primeira relaciona-se com a escassez dos bens ou serviços, estes não existem em quantidade suficiente para colmatar, totalmente, as necessidades de determinada sociedade, a segunda relaciona-se com a utilização, dos recursos de que se dispõem, que se pretende criativa e eficiente de forma a maximizar a satisfação das necessidades dessa sociedade.

Contextualizando a definição de economia no tema desta análise podemos relacioná-la com outro termo, também ele já definido anteriormente que é "cultura". Esta relação pode ter duas perspetivas muito diferentes, estudar a relação entre dois sectores diferentes ou esferas da sociedade ou estudar a cultura e as artes sob o ponto de vista da análise económica.

### **2.5.3. Gestão da cultura e das artes**

A gestão da cultura e das artes é um termo mais complexo do que imaginamos à primeira vista, pois os limites tradicionais sempre foram confusos, ainda assim existem fortes debates sobre estes limites quando, os gestores das artes e da cultura, necessitam de conciliar objetivos administrativos, económicos e estéticos das suas organizações ou projetos.

Nos primeiros anos de vida de uma organização artística o foco recai normalmente, apenas sobre as suas criações, crescimento e desenvolvimento, suficiente para a sua sobrevivência, mas elas só realmente conseguem amadurecer, como organização competente e organizada, se se focarem, com empenho, na sua gestão. As entradas de dinheiros públicos, subsídios do estado e privados, bilheteiras, mecenas ou outros financiadores, trazem uma preocupação crescente para uma gestão mais eficaz. Assim, compreender os padrões de crescimento, sobrevivência e desenvolvimento das instituições e organizações culturais é uma chave importante para qualquer gestor.

Então, qual será a diferença entre um gestor cultural e um gestor das artes? A diferença está no objeto - a cultura e as artes -, mas como vimos anteriormente nas definições destes conceitos eles estão intrinsecamente ligados podendo ser ambos alvo de metodologias idênticas. Ambos os gestores destas organizações pretendem o mesmo, fazer pontes entre cultura, arte, artistas e público, combinando ferramentas de gestão, marketing, contabilidade financeira, operações de negociação, de captação de recursos com educação, divulgação, voluntariado e parcerias.

---

<sup>24</sup> Tradução livre. Vide <http://www.etymonline.com/index.php?term=economy>.

### **2.5.3.1. O sector da cultura e das artes na Educação: A disciplina de Gestão das Artes nos Cursos Artísticos especializados**

A disciplina de Gestão das Artes surge como resposta à evolução do conceito de cultura e de produção artística e às grandes transformações económicas que esta evolução nos proporcionou. Surge assim, a necessidade de formar, convenientemente, futuros profissionais<sup>25</sup> ligados à Gestão das Artes.

A disciplina de Gestão das Artes<sup>26</sup> é uma disciplina de opção, bienal, 11º e 12º ano, integrada na componente técnico-artística dos quatro cursos disponíveis do Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais e Audiovisuais, com uma carga horária semanal, em ambos os anos, de dois tempos letivos. Tem como objetivo dotar os alunos de competências e saberes, que lhes permitam a compreensão e conhecimento dos mecanismos pelos quais se rege o mercado artístico em todas as suas vertentes, a criação, a produção, a programação e a receção, e das várias organizações artísticas, das mais diversas áreas das artes, influentes na nossa vida cultural. Assim, o programa da disciplina procura conceder aos alunos informação e conhecimentos sobre as artes e o sector artístico, abrangendo os aspetos estéticos, sociológicos, antropológicos e simbólicos, bem como aspetos gerais de ordem económica e jurídica nomeadamente, direito, marketing, história e economia das artes, desenvolvidos nas vertentes teóricas e práticas.

Os conteúdos do primeiro ano da disciplina desenvolvem-se em torno de questões conceptuais gerais que pretendem introduzir os alunos num conjunto de teorias, conceitos e problemáticas que os familiarize com a prática da gestão das artes e da sua relação com a sua área de intervenção específica (especialização que pretende seguir), a sociedade em geral e a comunidade onde se inserem.

No segundo ano, embora que ainda abordando algumas questões conceptuais, pretende-se que a abordagem aos conteúdos seja mais prática, culminando assim este ano, o último, na realização de um projeto de um evento artístico, a ser desenvolvido em 3 fases distintas: definição do projeto (tendo sempre em conta a especialização do aluno), produção executiva e realização do evento.

No quadro QACGA<sup>27</sup> que se apresenta em apêndice, podemos analisar comparativamente o programa da disciplina de Gestão das Artes do 11º e 12º ano.

No entanto, lamentavelmente, a disciplina de Gestão das Artes, não é considerada indispensável na formação dos Cursos Artísticos Especializados, pois é uma disciplina de

---

<sup>25</sup> Consultar profissões e funções do Espetáculo em [http://gestaodasartes.no.sapo.pt/data/Prof\\_espectaculo.pdf](http://gestaodasartes.no.sapo.pt/data/Prof_espectaculo.pdf).

<sup>26</sup> Consultar o Programa da disciplina de Gestão das Artes em [http://gestaodasartes.no.sapo.pt/data/programa\\_novo.pdf](http://gestaodasartes.no.sapo.pt/data/programa_novo.pdf).

<sup>27</sup> Consultar quadro no Apêndice 1.

opção. Na verdade e cada vez mais, a Gestão das Artes é uma formação que se justifica economicamente, deixando aqui expresso o desejo de que, num futuro, exista um curso destinado a formar exclusivamente gestores culturais no ensino artístico especializado preparando melhor estes futuros profissionais da cultura e das artes, ingressem eles na vida profissional ou em cursos superiores.



## Capítulo 3:

### Portugal: A cultura e as artes em números

Este capítulo tem como objetivo apresentar as análises elaboradas pelo INE e pela Augusto Mateus & Associados em relação aos dados estatísticos recolhidos e, deste modo, poder deduzir ou inferir importantes variáveis que poderão afetar (positiva ou negativamente) a existência e progresso do LUPA.

#### 3.1. Estatísticas da Cultura

A publicação “Estatísticas da Cultura”<sup>28</sup> realizada anualmente pelo INE, tem como objetivo único, divulgar “*resultados relativos à oferta e à procura de bens e serviços do sector cultural*” apresentando uma breve análise dos mesmos. Assim, este documento baseia-se em resultados já realizados por outras fontes reconhecidas ou por estudos realizados pelo próprio INE.

O INE, para a realização deste estudo, e tendo como base as classificações das atividades culturais e criativas, bens e serviços definidos pela Eurostat no documento *ESSnet Culture - Final Report (2012)*<sup>29</sup>, caracteriza o sector cultural e criativo através de vários domínios e seus subdomínios<sup>30</sup>, entre os quais abordaremos apenas o ensino cultural e o emprego nas atividades culturais e criativas.

#### 3.2. O ensino cultural

O número de **alunos inscritos** nas áreas culturais e criativas no ano de 2010 era de 44 mil indivíduos<sup>31</sup> (+3,8% face ao ano anterior), representando 11,5% do total de alunos inscritos no ensino superior. Por áreas de estudo, verificou-se que arquitetura e urbanismo; informação e jornalismo; audiovisuais e produção dos média, concentraram 60% dos alunos inscritos nas áreas culturais e criativas. Considerando apenas a área de Artes do Espetáculo, destacaram-se os cursos de animação cultural, dança, estudos artísticos, música e teatro que registaram 51% das inscrições na área considerada.

O número de **alunos diplomados** nas áreas do ensino cultural passou de 8,2% no ano de 2000 para 11,3% em 2010, do total de diplomados do ensino superior. Neste ano, os diplomados dos cursos de artes (46,8%), informação e jornalismo (17,5%) e arquitetura e urbanismo (27,8%)

---

<sup>28</sup> Vide

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=149181316&PUBLICACOESstema=55554&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=149181316&PUBLICACOESstema=55554&PUBLICACOESmodo=2).

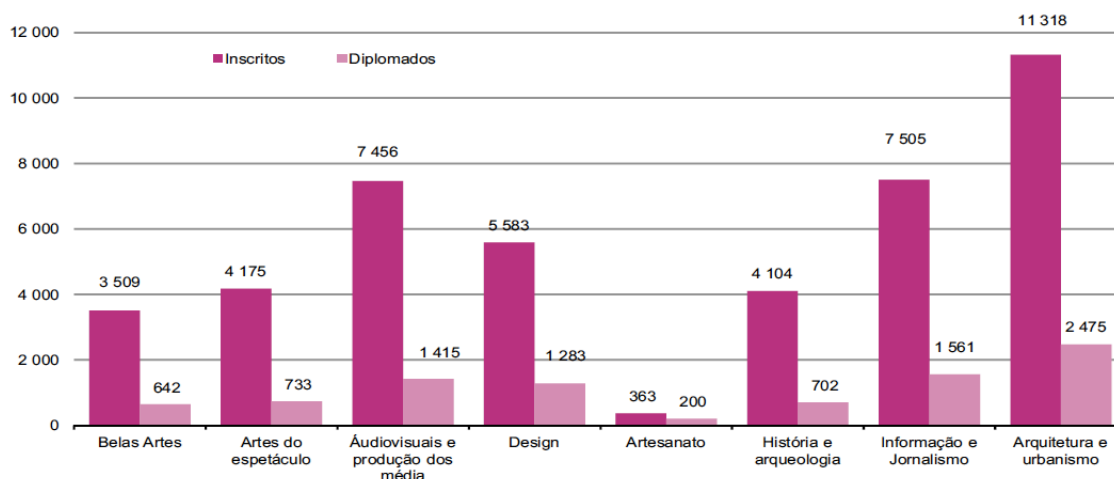
<sup>29</sup> Vide <http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/documents/ess-net-report-oct2012.pdf>.

<sup>30</sup> INE. (2011). *Estatísticas da Cultura - 2010*. p.227.

<sup>31</sup> De acordo com o inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior (RAIDES) do Ministério da Ciência e Ensino Superior/Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (MCTES/GPEARl). Informação retirada do documento *Estatísticas da Cultura - 2010* do INE.

representavam 92,1% no total dos diplomados nas áreas culturais e criativas. Os diplomados em animação cultural, dança, estudos artísticos, música e teatro representaram 54% na área das Artes do Espetáculo.

**Tabela 1 - Número de inscritos e diplomados no ensino superior, por áreas de estudo, em 2010 (Fonte INE - Estatísticas da Cultura) <sup>32</sup>.**



### 3.2.1. O emprego nas atividades culturais e criativas

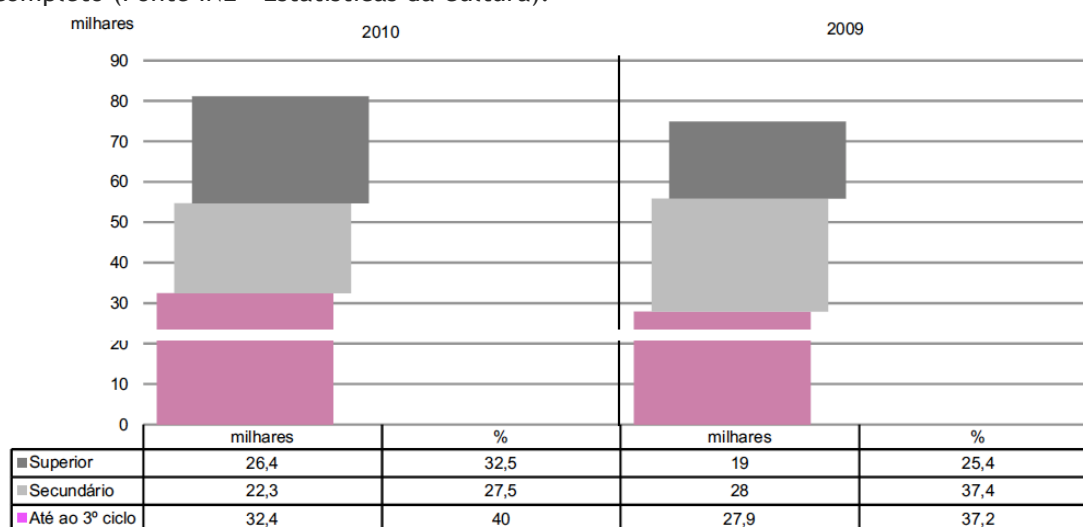
Segundo os dados de 2010 do Inquérito ao Emprego, recolhidos pelo INE, a população empregada nas atividades culturais e criativas<sup>33</sup> era de 81,1 mil indivíduos. Destes, 53,3% são homens, 59,2% têm entre 25 e 44 anos e cerca de dois terços têm como nível de escolaridade completo, o ensino secundário (27,5%) e até ao 3º ciclo (40%). Os indivíduos com nível de ensino superior empregados nas atividades culturais e criativas representavam 32,5% do total do emprego nesta área (19,2% em 2000).

Por atividade, o “Comércio a retalho de bens culturais e recreativos, em estabelecimentos especializados” empregava o maior número de pessoas (24,7%), seguida da “Edição de livros, de jornais e de outras publicações” (19%) e das “Atividades cinematográficas, de vídeo e de produção de programas de televisão, de gravação de som e de edição de música” (14,5%). As “Atividades de teatro, de música, de dança e outras atividades artísticas e literárias” empregaram 9% do total do emprego das atividades culturais e criativas.

<sup>32</sup> Dados retirados da publicação do INE - Estatística da Cultura 2010. Vide [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=132415701&PUBLICACOESstema=55554&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=132415701&PUBLICACOESstema=55554&PUBLICACOESmodo=2).

<sup>33</sup> As classificações das atividades culturais e criativas, bens e serviços culturais são as definidas pelo Eurostat, no documento “Project ESSnet Culture - Final Report (October 2011)”.

**Tabela 2** - População empregada nas atividades culturais e criativas por nível de escolaridade completo (Fonte INE - Estatísticas da Cultura).



### 3.3. O sector cultural e criativo em Portugal

O estudo *Sector Cultural e Criativo* realizado pela Augusto Mateus & Associados<sup>34</sup>, a pedido do Ministério da Cultura, tem como base a construção de um modelo conceptual específico para medir a relevância do sector cultural e criativo na economia portuguesa, que permitiu apurar qual o contributo destes sectores para a construção de riqueza e de emprego no nosso país entre 2000 e 2006. Descreve ainda, o tecido económico cultural e criativo português, nomeadamente, a dinâmica de crescimento, a dimensão e a distribuição dos estabelecimentos que se encontram distribuídos pelas 30 regiões (NUTS III) do país, a presença de capital estrangeiro e as características do emprego, e analisa, ainda, a posição de Portugal no comércio internacional de bens e serviços culturais e criativos, sendo que para o âmbito desta investigação apenas iremos abordar as características do emprego.

#### 3.3.1. A delimitação do sector cultural e criativo

A configuração global, proposta neste estudo, para o Sector Cultural e Criativo (SCC) conglomera quatro grandes componentes:

- O “sector cultural” em sentido restrito, como espaço de afirmação de bens e serviços públicos e semipúblicos onde as determinantes são os cidadãos portadores de direitos democráticos de acesso à cultura;
- As “indústrias culturais”, como espaço de afirmação de bens e serviços transacionáveis onde os determinantes são os consumidores portadores de hábitos e poderes de compra segmentados;
- O “sector criativo” como espaço de afirmação de competências e qualificações criativas onde as figuras centrais são os profissionais portadores de capacidades diferenciadoras;

<sup>34</sup> Vide

<http://www.jorgebarretoxavier.com/documentos/cadernosTematicos/CulturaeEconomia//2010%200%20Sector%20Cultural%20e%20Criativo%20em%20Portugal%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final.pdf>.

- A(s) língua(s) e as linguagens que suportam e alimentam as anteriores componentes, seja a “língua da comunidade” (português, no nosso caso) como elemento central do património cultural e eixo de diferenciação, seja a “língua da globalização” (inglês, atualmente) como eixo de comunicação e conexão global.

Assim a estrutura selecionada para representar o Sector Cultural e Criativo tem base em três sectores-âncora, que incluem, as seguintes atividades:

**Tabela 3 - Sectores e Subsectores do sector cultural e criativo em Portugal (Fonte SCC - Augusto Mateus & Associados).**

Sectores-âncora	Subsectores
<b>Atividades Nucleares do Sector Cultural</b>	Artes Performativas Artes Visuais e Criação Literária Património Histórico e Cultural
<b>Indústrias Culturais</b>	Cinema e Vídeo Edição Música Rádio e Televisão Software Educativo e de Lazer
<b>Atividades Criativas</b>	Arquitetura Design Publicidade Serviços de Software Componentes Criativas em Outras Atividades

### 3.2.2. Criação de riqueza e emprego

O SCC foi responsável, em 2006, por 2,8% de toda a riqueza produzida em Portugal, gerando um valor acrescentado bruto (VAB) de 3.691 milhões de euros. Este é um valor muito significativo, o que justifica totalmente a necessidade de olhar mais objetivamente para o papel da cultura e da criatividade na economia portuguesa.

**Tabela 4 - Contributo dos subsectores para a criação de riqueza (VAB). (Fonte SCC - Augusto Mateus & Associados).**

Subsector	VAB		Emprego	
	milhões €	%	trabalhadores	%
Artes Performativas	144	3,9	6.002	4,7
Artes Visuais e Criação Literária	101	2,7	6.160	4,8
Património Cultural	32	0,9	1.227	1,0
<b>Atividades Nucleares</b>	<b>277</b>	<b>7,5</b>	<b>13.389</b>	<b>10,5</b>
Cinema e Vídeo	165	4,5	6.020	4,7
Edição	1.264	34,2	39.793	31,3
Música	7	0,2	219	0,2
Rádio e Televisão	488	13,2	9.914	7,8
Bens de equipamento*	376	10,2	20.071	15,8
Distribuição/Comércio*	388	10,5	16.717	13,2
Turismo Cultural*	221	6,0	7.934	6,2
<b>Indústrias Culturais</b>	<b>2.908</b>	<b>78,8</b>	<b>100.667</b>	<b>79,2</b>
Arquitetura	25	0,7	742	0,6
Design	7	0,2	242	0,2
Publicidade	18	0,5	387	0,3
Serviços de Software	25	0,7	2.169	1,7
Componentes Criativas em outras Atividades	429	11,6	9.482	7,5
<b>Indústrias Criativas</b>	<b>505</b>	<b>13,7</b>	<b>13.023</b>	<b>10,2</b>
<b>Total SCC</b>	<b>3.691</b>	<b>100</b>	<b>127.079</b>	<b>100</b>

\* Atividades transversais de suporte ao Sector, autonomizadas p/ efeitos de cálculo.

### **3.4. O que os números nos dizem da cultura e das artes como motores de desenvolvimento económico**

Ainda que, não podendo referir todo os dados numéricos que nos apresentam estes estudos, podemos assumir que o sector cultural e criativo tem vindo a manifestar um papel de grande importância no que diz respeito à criação de emprego e de riqueza no sector da cultura e das artes, contribuindo para a criação ou consolidação de identidade e promoção da qualidade de vida nas cidades. Torna as cidades competitivas gerando mais criatividade, mais projetos novos, mais público, mais emprego, mais equipamentos culturais, mais conhecimentos, mais cultura - mais riqueza.



## Capítulo 4:

### A cidade como instrumento cultural

Para implementar um projeto, desta natureza, com a certeza de que será bem-sucedido, é necessário conhecer o contexto no qual este se insere, neste caso, a cidade como veículo cultural, a realidade cultural da mesma e da sua comunidade. Trata-se então indispensável fazer uma recolha de informação, o mais detalhada possível, sobre os equipamentos que a cidade dispõe, sobre os pontos de interesse patrimonial e sobre a comunidade.

Para enquadrar da melhor forma o perfil do público-alvo para o qual foi desenhado o LUPA é essencial, em primeiro lugar, compreender o meio cultural em que ele se insere. Assim, elaborou-se uma breve introdução à cidade de Castelo Branco seguida de uma análise a seis equipamentos culturais da cidade - Cine-Teatro Avenida/Sala da Nora, Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Museu Cargaleiro, Biblioteca Municipal de Castelo Branco, Antigo Edifício dos CTT e o mais recente equipamento, ainda por inaugurar, o Centro de Cultura Contemporânea - seguido de uma análise SWOT<sup>35</sup>. A escolha destes equipamentos deve-se ao facto de, em primeiro lugar serem equipamentos muito distintos entre eles, logo os seus públicos, também serem diferentes e, em segundo, por serem os mais mediáticos podendo gerar mais informação sobre o público que os habita.

#### 4.1. A cidade de Castelo Branco

**O topónimo Castelo Branco** - Em volta da origem do nome da cidade existem várias teorias, nomeadamente: a de José Hermano Saraiva que defendia que *os mantos brancos sobre as ameias do castelo, dariam ao mesmo uma cor alva, levando os habitantes a chamá-lo de Castelo Branco*; a de Pina Lopes que se devia ao aparecimento das Leucas<sup>36</sup> na encosta do castelo durante a Primavera, chamando assim ao castelo Castra Leuca; ou a de Pe. Luiz Conzaga de Azevedo que aponta que o nome teria sido atribuído por Templários em lembrança de um outro castelo situado na Síria.

**O Castelo**, situado no cimo da serra da Cardosa, a uma cota de 430 metros, encontra-se numa clara situação de estratégia militar. Do cimo da Cardosa avista-se toda a planície envolvente.

##### Pontos altos da história da cidade:

**Origens** Existem várias teorias sobre os primórdios de Castelo Banco mas não existem fontes documentais que reuam o suficiente, no tempo, que nos possam clarificar a sua origem. Sabe-se à partida da pré-existência romana na região fundamentada por algumas campanhas arqueológicas das zonas envolventes

---

<sup>35</sup> SWOT é um acrónimo que deriva do inglês, *Strengths* - forças, *Weaknesses* - fraquezas, *Opportunities* - oportunidades e *Threats* - ameaças. É uma ferramenta utilizada para fazer a análise ao panorama de determinada situação.

<sup>36</sup> Planta rasteira que dá flores brancas da família das Lamiáceas.

da cidade. Tal como era prática comum dos romanos, a povoação foi estabelecida nos morros da Cardosa que se estendia, possivelmente, até aos campos da Senhora de Mércules, denominando-se de Vila Franca da Cardosa. O nascimento da povoação tem ligação direta com a doação de D. Afonso Henriques à Ordem do Templo que teria sido fundada em 1119. Sendo a Cardosa uma localidade estrategicamente importante de onde divergiam vias para as principais artérias da Beira.

- 1214 Depois de, durante as conquistas, a Cardosa ter sido ocupada por monges e templários, D. Afonso II doava, na totalidade, a serra, à Ordem do Templo, sendo confirmada, a sua doação em 1245 onde surge, pela primeira vez, num registo documental, o topónimo *Castelo Branco*.
- 1535 Castelo Branco obtém título de *Vila Notável* concedido por D. João III.
- 20 Mar. 1771 Castelo Branco obtém título de cidade e sede de Bispado, através do Alvará de D. José e do Marquês de Pombal.
- 1816 Construção do quartel de Cavalaria, contíguo ao que passou mais tarde a ser o centro da cidade - Praça do Município - Devesa.
- 1821 Sem razão aparente os mercados voltam a realizar-se na Devesa.
- 1836 Vende-se parte do Convento de Santo António dos Capuchos para instalação de um Teatro, mas só em 1845 a parte sul do edifício é cedido a uma sociedade chamada de União para tais fins. O espaço desempenha funções até 31 de Março de 1888, tendo sido ordenado, depois de uma vistoria, o seu fecho.
- 1844 Ampliação do quartel de Cavalaria.
- 1851/52 Realizam-se grandes obras na Devesa, ordenando a zona onde se realizava o mercado e o passeio público.
- 16 Ago. 1858 Inaugura-se a linha telegráfica Abrantes - Castelo Branco.
- 14 Dez. 1860 Com efeito, a cidade inaugura a sua iluminação pública, passo importante para o desenvolvimento da cidade.
- 1862 A Devesa passa a chamar-se Praça d'El Rei D. Luiz.
- 1879 É rejeitado pela CMCB a proposta de construção de Teatro da Devesa.
- 1887 Inauguram as instalações do novo teatro, no agora Conservatório Regional de Castelo Branco no Largo da Sé Catedral. Aí se instala a sociedade União, mas por poucos anos até se iniciarem obras de reestruturação para ser ocupado pelos Paços do Concelho em 1901. Durante a residência do teatro passaram por este edifício inúmeras companhias de artistas amadores locais mas na maioria companhia de Lisboa e Porto, espanholas e ainda há registo de uma companhia russa.
- 1887 No atelier, criado no quintal do Visconde de Portalegre e Castelo Branco, o

- pintor Carmo Reis executa retratos fotográficos a homens e senhoras durante o dia.
- 1891 O passeio público é decorado “à veneziana” em paralelo com a inauguração da linha de caminho-de-ferro; Inicia-se a construção da praça metálica que albergaria o mercado; É construído, um bazar, no passeio público pelo Grémio dos Artistas.
- 1896/97 Grandes obras, são feitas no passeio público e no largo D. Luiz.
- 1928 Inaugura o Edifício dos Correios, no Largo da Sé Catedral, considerado “(...) *indubitavelmente, o melhor exemplar de arte nova da cidade.*” (Silveira, Azevedo & d’Oliveira, 2003, p. 318).
- Abr. 1950 Inicia-se a construção do Cine-Teatro Avenida contíguo à zona central de Castelo Branco denominada de Devesa.
- 02 Out. 1954 Inaugura-se o Cine-Teatro Avenida.
- 06 Nov. 1954 Tornado destrói grande parte da cidade arrancando telhados e vigamentos de vários edifícios, nomeadamente, ao Hotel Turismo, praça metálica e coreto existentes na época na zona da Devesa. Grande parte dos estragos, não foram reparados, devido à sua dimensão, optando-se pela demolição como, por exemplo, com o coreto, a praça metálica e alguns edifícios do quartel, libertando-se grande espaço na zona central da cidade, a Devesa.
- 14 Set. 1957 No seguimento dos acontecimentos gerados pelo tornado de 1954, é criado o *Círculo Cultural de Castelo Branco* (CC). Esta entidade, é constituída com a finalidade de levar adiante *um projeto simultaneamente genial e arrojado* - recuperar o local destruído, com fins culturais, educativos e recreativos. Previa-se, desta forma, a construção de um complexo onde residiria *um amplo e moderno edifício para albergar o MFTPJ*, a biblioteca da cidade e um posto de turismo.
- 12 Nov. 1957 Depois de reunidas todas as condições para se prosseguir para a fase de construção e dado parecer favorável por parte da CMCB, o projeto encontra um entrave quando a Direção dos Serviços e Melhoramentos Urbanos (DSMU) dá outro parecer. A DSMU entende que o projeto arquitectónico que inicialmente era composto por um edifício deve passar a ser composto por dois.
- 1959 A cidade viria a tornar-se capital do distrito.
- 01 Ago. 1959 É entregue a maquete final, juntamente com o projeto que identifica algumas propostas de alteração com algumas alterações ao nível da essência do MFTPJ. A proposta, passava por reconhecer o museu como, particular de interesse público e administrado por cinco elementos, dois dos quais representantes do CC, um designado pela CMCB, outro pela Junta da Província (JP) e ainda o diretor-conservador do museu. A aprovação da proposta leva o seu tempo a ser aprovada.
- Jan. 1960 Depois de grandes alterações políticas e de eleito um novo presidente da CMCB, o mesmo, não concordando com a proposta do CC segundo a qual a CMCB seria o maior investidor de uma instituição que passaria a ser privada e

da qual teria a menor cota na administração - repartida pela Gulbenkian, Estado e CMCB, defende, em paralelo, que o museu deve passar para a posse da CMCB e não para a posse do CC.

- 1965 Depois do projeto do CC ter sido cancelado, devido à clara oposição de políticas culturais, a CMCB aprova o início das obras de construção do edifício do tribunal no local anteriormente destinado à construção do museu, biblioteca e posto de turismo.
- 1973 Novo projeto de reconstrução da Praça do Município ou usualmente chamado de Devesa, é encomendado aos arquitetos José Pires Branco e Albano Frazão mas o mesmo fica sem efeito por decisão camarária.
- 1980 O Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) iniciou funções em Outubro de 1980 com as escolas superiores, em 1982, a Escola Superior Agrária (ESA) e em 1985 a Escola Superior de Educação (ESE). Em 1990 é criada a Escola Superior de Tecnologia e Gestão, que após ter sido extinta em 1997, suscitou a criação de duas novas escolas, a Escola Superior de Tecnologia (EST) e a Escola Superior de Gestão (ESG), em Idanha-a-Nova. A Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) é criada em 1999 e funciona atualmente no Campus da Sr.<sup>a</sup> de Mércoles mas à espera que as obras de construção do novo edifício na zona industrial de Castelo Branco terminem. Esta escola é hoje reconhecida nacional e internacionalmente pelos profissionais que forma nas áreas da música, design, comunicação e multimédia.
- 1983 É editado um pequeno catálogo elaborado por José Joaquim M. Hormigo - *A Beira Baixa vista por Artistas Estrangeiros (Séc. XVIII - XIX)*.
- 28 Set. a 20 Out. 1985 Exposição de Noronha da Costa, no MFTPJ, organizada com a colaboração de um grupo de amigos do artista. Na introdução, elaborada pelo próprio artista, este explica que usa a "pedra" como suporte: *...Que a "Pedra" passe a ser a lápide-memória de si próprio*.
- 22 Ago. 1986 Incêndio destrói o Cine-Teatro Avenida mantendo-se esquecido até 23 de Setembro de 2000 data de inauguração depois de profundas obras de restauro pela parte da CMCB. Inaugura com um concerto da orquestra da Gulbenkian.
- 1987 Durante os anos 80, novo concurso para a remodelação do centro da cidade é lançado. As zonas a ser requalificadas estariam um pouco mais além do que era considerada a zona central da cidade sendo introduzidas, no concurso, as zonas da Nossa senhora da Piedade (que fica na parte de cima do quartel, que na altura não era da CMCB) e todo o passeio público envolvente. Para o concurso, foram convidados vários arquitetos, nomeadamente os arquitetos albicastrenses Marçal Grilo, Conceição Trigueiros, Curado Mocito e Joaquim Bonifácio e, ainda, Tomás Taveira, o Atelier GITAP, entre outros. Todos os projetos foram apresentados publicamente sendo que o mais aclamado seria o do Arq. Tomás Taveira, talvez pela popularidade da época e pela dimensão megalómana do projeto apresentado mas talvez, também, por isso mesmo e porque este projeto incluía a requalificação do quartel que não pertencia à CMCB, o concurso acabou por ser anulado.

- 22 Set. a  
31 Dez. 1992
- Sobre a direção de Clara Vaz Pinto, é exposta pela primeira vez e na sua totalidade, a coleção de arte contemporânea do MFTPJ, composta por 101 artistas. Sobressaem nomes tais como, Cargaleiro, Lurdes Figueiredo, Melício, Noronha da Costa, Paulo Calapez, entre outros.
- 1993
- Mais uma vez, a ideia de requalificar a zona centro da cidade é tomada e é pedido ao GITAP que elabore um projeto para esta zona. O projeto é entregue, em 1995, mas não é bem aceite ficando mais uma vez a requalificação, no papel.
- 9 Mar. a  
5 Abr. 1995
- O IPCB, sobre a coordenação do Professor Fernando Raposo, organiza uma das mais importantes exposições de pintura em Castelo Branco, juntando dois grandes pintores, Arpad Szenes e Manuel Cargaleiro. Esta exposição foi cedida pela Galeria Marquês de Tomar de Lisboa.
- 24 Nov. 2000
- É constituída a POLISCASTELO BRANCO - Sociedade para o Desenvolvimento do Programa Polis em Castelo Branco, S.A., responsável pela gestão e coordenação do investimento do programa de requalificação urbana e valorização ambiental da cidade. As obras deste programa incidiram sobre o Castelo e o Miradouro de São Gens, um Solar do séc. XVIII situado na Rua dos Cavaleiros, a Praça Postiguinho Valadares, o Centro Cívico/Devesa, o Largo da Sé e Largo de D. José I, o Largo de São João, o Jardim do Paço Episcopal e o parque da Cidade.
- 2006/2007
- Reconstrução do Centro Cívico, antiga Devesa. Obra do arquiteto catalão Josep Lluís Mateo.
- 2012/2013
- Construção do Centro de Cultura Contemporânea no Centro Cívico. Obra do arquiteto catalão Josep Lluís Mateo, inaugurado dia 13 de Outubro de 2013.

## 4.2. Equipamentos culturais e seus públicos

### 4.2.1. Cine-Teatro Avenida e Sala da Nora

O CTA é um dos equipamentos mais importantes da cidade sendo este tutelado pela CMCB. É um auditório, situado no centro da cidade, com capacidade para 700 pessoas, inaugurado pela primeira vez em 1954 com as peças de teatro "Prêmio Nobel" e "Ceia dos Cardeais", representadas pela Companhia de Teatro Nacional de D. Maria II, de Lisboa, e pela segunda em 2000, depois de ter sido recuperado na sequência de um grave incêndio em 1986, que levou à total destruição do interior do edifício.

O CTA é um projeto de arquitetura notável, do final dos anos 40, elaborado pelos arquitetos Raúl César Caldeira e Alberto Cruzeiro Galvão Roxo, ambos de Castelo Branco. Na sua recuperação manteve-se a fachada original reajustando o espaço interior de forma a possibilitar a sua utilização para outros fins, nomeadamente, no piso -1, recupera-se uma antiga nora que já existia antes de 1954, que é atualmente a Sala da Nora, espaço polivalente, que faz parte integrante da programação do CTA.

Em 2002, dois anos depois da recuperação do edifício e sem uma programação estável nesse espaço de tempo, a CMCB e a Associação Belgais, pertencente à pianista Maria João Pires, alinhavam um protocolo com o intuito desta assumir a gestão, a programação e a comunicação das atividades culturais do concelho nomeadamente do CTA. Pretendia-se com esta colaboração uma programação mais coesa e bem articulada com Belgais e com todos os equipamentos da cidade e do concelho. Este protocolo viria ser assinado sob o programa INTERREG III<sup>37</sup>, em Março de 2004, tendo em Novembro do mesmo ano, Maria João Pires, pedido a suspensão deste protocolo sob o pretexto de que pretendia “*dedicar-se a outras atividades*”.

A breve duração deste protocolo deixa novamente o CTA desgovernado, assumindo a CMCB a programação deste espaço. É então em 2009, que nova equipa é criada pela CMCB convidando Carlos Semedo para programador, cargo no qual se mantém até hoje. Desde então o CTA tem mantido uma programação estável, diversificada e de elevada qualidade.

A equipa do CTA é composta por 7 elementos que se distribuem pelos seguintes cargos:

- Um Programador e Coordenador de Produção;
- Um Assistente de Programação e Produção;
- Dois Técnicos de Som e Luz;
- Dois Assistentes Técnicos;
- Um Assistente de Bilheteira.

**Tabela 5** - Número de atividades do CTA mais da Sala da Nora e média de público por ano<sup>38</sup>.

ANO	ATIVIDADES CTA E SALA DA NORA	PÚBLICO (média/ano)
2010	190	37 887
2011	186	37 829
2012	188	46 475

As atividades programadas no CTA e na Sala da Nora distinguem-se nas áreas do teatro, música, cinema, dança, espetáculos para público infantil, exposições, lançamentos de livros, conferências, conversas de palco, festivais, passagens de modelos e serviço educativo.

<sup>37</sup> Vide <http://www.qca.pt/iniciativas/interreg.asp>.

<sup>38</sup> Dados fornecidos pela gabinete de produção do CTA.



Figura 1 - CTA à noite. (Fonte: CMCB).



Figura 2 -Sala da Nora. Foto cedida por Alice Batista.

#### 4.2.2. Museu Francisco Tavares Proença Júnior

O MFTPJ foi fundado em 1910 por Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916), personalidade de múltiplos interesses no mundo da ciência e das artes que se notabilizou especialmente como arqueólogo. O MFTPJ foi inicialmente instalado no Convento dos Capuchos de Castelo Branco, na zona histórica da cidade e, após uma existência atribulada, foi transferido, em 1971, para o edifício do antigo Paço Episcopal adaptado para o efeito pela DGEMN. Nos anos noventa, este edifício foi alvo de grandes obras de requalificação e adaptação museográfica.

O núcleo original do MFTPJ tem por base a coleção arqueológica de Francisco Tavares Proença Júnior, posteriormente enriquecido com peças de arte antiga provenientes do recheio do

Paço Episcopal e com incorporações sucessivas de espólios arqueológicos, paramentaria e colchas bordadas, estas últimas provenientes da coleção de Vilhena<sup>39</sup>. Durante os anos oitenta, do século XX, incorporou diversas obras de arte contemporânea. O MFTPJ dispõe ainda de uma oficina-escola de bordados regionais, integrada no percurso das visitas onde se pode observar a manufatura de colchas e painéis bordados a seda sobre linho caseiro, a partir de desenhos tradicionais, por encomenda.



Figura 3 e 4 - Exterior do MFTPJ na data comemorativa do seu centenário. (Fonte: CMCB).

O serviço educativo do MFTPJ tem como objetivo principal sensibilizar os públicos relativamente ao património, estimular o contacto com as coleções patrimoniais, possibilitar uma aprendizagem multissensorial e desenvolver, nos participantes, um espírito crítico. O MFTPJ desenvolve iniciativas destinadas principalmente ao público escolar, embora tenha como alvo todos os tipos de público. Nesse sentido, promove visitas para idosos, para públicos com necessidades educativas especiais, recebe visitas em família com as quais desenvolve atividades específicas e organiza a comemoração de dias nacionais e internacionais, em particular o Dia Internacional dos Museus e Dia Mundial da Criança. Uma vertente de trabalho, muito importante do Serviço Educativo, relaciona-se com a colaboração prestada a instituições e organizações de solidariedade social e a orientação de estágios curriculares na área da dinamização cultural. O Serviço Educativo do MFTPJ prepara *ateliers* para funcionarem ao longo de cada ano letivo, dedicados a temáticas diversas, mas cujo objetivo principal é a exploração pedagógica da exposição de longa duração e das exposições temporárias. Estes *ateliers*, destinam-se às escolas e estão sujeitos a marcação prévia. São, igualmente, preparados *ateliers* de curta duração para as férias de Verão, de Natal e da Páscoa que se destinam a crianças e jovens de âmbito não escolar e sujeitos a inscrição prévia. No final de cada *atelier* é feita uma exposição dos trabalhos realizados.

---

<sup>39</sup> A coleção de Vilhena pertencia ao comandante Ernesto Jardim de Vilhena (1876-1967) que foi o mais importante colecionador de arte em Portugal na primeira metade do século XX.

**Tabela 6 - Dados do MFTPJ<sup>40</sup>.**

<b>Atividades organizadas:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Carnaval 2011 - Em colaboração com a Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco realizaram-se ateliers, referentes ao carnaval, para os residentes;</li> <li>· Corrida do Centenário do Museu (Novembro 2010) - Participaram diversas escolas da cidade, atletas a título individual assim como veteranos da Santa Casa da Misericórdia;</li> <li>· Maratona da Música (01 Dezembro 2010) - Atividade que contou a colaboração de diversos grupos e escolas, que encerraram o dia com músicas, cantares e danças africanas;</li> <li>· Atualmente (domingos às 16H00) - <i>Tardes Musicais</i>, com a colaboração de professores e alunos do Conservatório Regional de Castelo Branco.</li> </ul>	
<b>Equipa:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Um Diretor Geral;</li> <li>· Um Técnico Superior de Serviço Educativo;</li> <li>· Cinco Assistentes Técnicos.</li> </ul>	
<b>Orçamento:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· O MFTPJ não usufrui de orçamento próprio por ser tutelado pela DRCC. Esta entidade faz a gestão dos recursos humanos, materiais e financeiros do museu.</li> </ul>	
<b>Público-alvo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Todo o público mas essencialmente o escolar.</li> </ul>	
<b>Nº Visitantes/ano</b>	· 2008	· 19 504
	· 2009	· 15 036
	· 2010	· 16 192
	· 2011	· 14 541
	· 2012	· 10 050

### 4.2.3. Museu Cargaleiro

O **Museu Cargaleiro** é um equipamento cultural municipal, tutelado pela CMCB, instalado em dois edifícios contíguos que se inauguraram em duas fases - o primeiro, situa-se num palacete de meados do século XVIII, o Solar dos Cavaleiros que inaugura no dia 9 de Setembro de 2005 depois de concluídas obras de intervenção, e o segundo, num edifício contemporâneo construído com esta finalidade de ser o Museu Cargaleiro, um pouco mais acima do primeiro na Praça Académica e que inaugura a 10 de Junho de 2011. Ambos se situam na zona histórica da cidade. O museu contém um notável conjunto de obras, que integram o acervo da Fundação Manuel Cargaleiro cujo objetivo central é a divulgação, estudo e conservação das peças que o integram, nomeadamente, pinturas, cerâmicas, azulejaria, tapeçarias e obras de outros prestigiados autores nacionais e estrangeiros. O acervo do edifício da Praça Académica divide-se em 194 obras de autor e 81 obras de coleção. No edifício do Solar dos Cavaleiros encontram-se 94 obras de coleção.

A oferta do museu complementa-se com um conjunto de serviços, dos quais se podem destacar, o serviço educativo, as visitas orientadas, a biblioteca de arte/centro documental e a loja, para além de um pequeno anfiteatro ao ar livre, com condições para acolher as mais diversas atividades e espetáculos.

<sup>40</sup> Dados fornecidos por Aida Rechená, atual diretora do MFTPJ.



Figura 5 e 6 - O Museu Cargaleiro no Solar dos Cavaleiros e recepção deste edifício. (Fonte: CMCB).



Figura 7 e 8 - Exterior e Interior do edifício do MC inaugurado em 2011. (Fonte: CMCB).

O museu, encontra-se aberto ao público de terça-feira a domingo, nas manhãs, entre as 10h e as 13h e às tardes, entre as 14h e as 18h00. O preço de entrada geral é de 2,00 €. Os seniores beneficiam de uma redução de 50%, no preço do bilhete, enquanto para os portadores de Centro Card<sup>41</sup> a redução é de 25%. A entrada é gratuita para os alunos de todos os níveis de ensino e para professores quando em trabalho (acompanhamento de visitas de estudo).

O **serviço educativo** do Museu Cargaleiro tem como missão a promoção e divulgação da arte do Mestre Manuel Cargaleiro, inculcando nas crianças o gosto pela arte. Promove no final das visitas escolares um atelier de pintura em azulejo com o intuito de prolongar e enriquecer a experiência da visita ao museu.

Nas férias escolares são dinamizados ateliers semanais que decorrem entre as 14h00 e as 18h00 desenvolvendo atividades nas áreas da pintura, jogos, culinária, música, dança, visitas temáticas ao exterior. Estes ateliers destinam-se a crianças dos 6 aos 10 anos de idade.

<sup>41</sup> Vide [http://www.turismodocentro.pt/pt/centro\\_card\\_.28/saiba\\_mais\\_.36.html](http://www.turismodocentro.pt/pt/centro_card_.28/saiba_mais_.36.html).

**Tabela 7** - Atividades de serviço educativo desenvolvidas pelo Museu Cargaleiro.

Data	Nome da atividade	Descrição
19 Mar 2013	Tal e qual o meu pai	Comemoração dia do pai com um atelier de artes plásticas partilhado entre pai e filhos.
05 Mai 2013	Gosto de ti às mãos cheias	Comemoração dia da Mãe com um atelier de artes plásticas partilhado entre mãe e filhos.
01 Jun 2013	O Museu vai ao Hospital	O Museu deslocou-se ao serviço de pediatria do Hospital Amato Lusitano dando oportunidade às crianças de ficarem a conhecer o Museu e realizarem uma pintura em azulejo.
03 a 07 Jun 2013	Semana da Criança com Cargaleiro	Esta iniciativa teve como objetivo a divulgação do Museu nas escolas do 1º ciclo das freguesias do concelho de Castelo Branco. Assim, o Museu foi à escola e 217 crianças ficaram a conhecer este espaço cultural da cidade.
Férias de Verão 2012	Splash no Museu	Atividades para as crianças dos 6 aos 12 anos ocuparem as suas tardes livres das férias do Verão. Este <i>atelier</i> desenvolveu diferentes atividades de expressão artística, disponibilizando, às crianças, instrumentos e meios de instrução, que lhes permitiram fazer inúmeras descobertas e experiências que visam promover a criatividade e imaginação. Algumas das atividades propostas são, entre muitas outras, uma visita ao Museu Cargaleiro, pinturas e carimbagem com especiarias, plantação de ervas aromáticas, moldagem de barro e atividades experimentais. As inscrições, estavam limitadas a um número máximo de 20 crianças e o preço das atividades foi de 10€ por criança/semana.

Apresenta-se na seguinte tabela os dados fornecidos sobre a média anual de visitantes dos últimos 4 anos, sendo que nesta média verificou-se que os visitantes do Museu Cargaleiro são, maioritariamente da Beira Interior e, minoritariamente da zona de Trás-os-Montes.

**Tabela 8** - Média de visitantes por ano do Museu Cargaleiro (valores aproximados)<sup>42</sup>.

Ano	Número de visitantes
2010	3 000
2011	5 400
2012	8 000
2013	5 000

<sup>42</sup> Dados fornecidos pela CMCB.

#### 4.2.4. A Biblioteca Municipal de Castelo Branco

A BMB, agora situada e desde 2007, nos espaços do antigo quartel do Regimento de Cavalaria, detém o catálogo de parte do Fundo Local da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, que reúne cerca de 130 mil registos bibliográficos, provenientes de 129 bibliotecas públicas e encontra-se disponível online no site da Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas<sup>43</sup>.

Tabela 9 - Dados sobre o público da BMB<sup>44</sup>.

RH/total		18
<b>Atividades</b>		
Hora do Conto		463
Apresentação de livros		21
Clubes de leitura		12
Exposições literatura		2
Exposições artes plásticas		13
Conferências		47
Ateliers		403
Ações de formação		30
Outras		65
<b>Público</b>		
Ano	Utilizadores Inscritos	Visitantes
2009	5 547	103 155
2010	6 295	98 345
2011	7 010	90 155
2012	7 707	61 800



Figura 9 - Interior da BMB.



Figura 10 - Lago exterior da BMB.

<sup>43</sup> Vide <http://rcbp.dglb.pt>.

<sup>44</sup> Dados fornecidos pela BMB.

#### 4.2.5. Antigo Edifício dos CTT

O Antigo edifício dos CTT de Castelo Branco, construído em 1928 e recuperado em 2011 pela Câmara Municipal de Castelo Branco sob o programa POLIS, pretende ser um novo espaço polivalente ligado à cultura e às artes. Este edifício reabre portas ao público em Fevereiro de 2011, recebendo a primeira exposição de fotografia de Jorge Molder - *Operações Especiais*, após a conquista do Prémio EDP 2010.

Atualmente neste espaço, e em paralelo com as funções polivalentes que a CMCB lhe concedeu, funcionam o Gabinete de Reabilitação da Zona Histórica e a Oficina-Escola do Bordado de Castelo Branco.

Em seguida apresenta-se uma tabela que faz referência aos visitantes de cada uma das exposições patentes até hoje no Antigo Edifício dos CTT. Para além destas exposições outras atividades de menores dimensões passaram por este espaço, nomeadamente várias exposições das escolas ESART e ETEPA.

**Tabela 10** - Dados sobre as atividades do Antigo Edifício dos CTT e seus visitantes.

Data	Atividade	Total Visitantes	Nº de visitantes por segmento	
18 Fev. a 15 Mai. 2011	Exposição - <i>Operações Especiais</i> de Jorge Molder.	1498	Crianças	113
			Homens	654
			Senhoras	731
			Locais	1175
			Nacionais	264
			Internacionais	59
10 Jun. a 18 Set. 2011	Exposição coletiva <i>Portugal, Pontos de Fuga</i> . Iniciativa do Museu da Presidência da República e da CMCB no âmbito das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das comunidades Portuguesas 2011.	1271	Crianças	136
			Homens	525
			Senhoras	610
			Locais	415
			Nacionais	336
			Internacionais	70
5 Out. a 11 Nov. 2011	Exposição coletiva <i>Arte no Feminino</i>	748	Crianças	73
			Homens	268
			Senhoras	407
			Locais	410
			Nacionais	186
			Internacionais	34
25 Nov. a 26 Fev. 2011	Exposição coletiva <i>Onde mora a diferença</i> + Exposição <i>CHINA</i> de Mauro Cerqueira	1234	Crianças	120
			Homens	521
			Senhoras	593
			Locais	866
			Nacionais	291
			Internacionais	64
26 Fev. a 27 Mai. 2011	Exposição <i>Villa Bidão</i> de Carlos No + <i>Página de Desambiguação</i> de Susana Anágua	1065	Crianças	108
			Homens	432
			Senhoras	525
			Locais	675
			Nacionais	305
			Internacionais	67
26 Mai. a 26 Ago. 2011	Exposição <i>Caminhos Cruzados</i> de Costa Camelo (parceria com o MFTPJ)	1401	Crianças	55
			Homens	549
			Senhoras	797
			Locais	615
			Nacionais	510
			Internacionais	276
29 Jun. a 29 Set. 2011	Exposição <i>Do Desaparecimento</i> de João Louro	1132	Crianças	100
			Homens	441
			Senhoras	591
			Locais	280
			Nacionais	472
			Internacionais	367

#### 4.2.6. Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco

O CCC é o mais recente equipamento cultural da cidade, mas que mostra já sinais da sua grandiosidade. Este edifício de grandes contrastes foi inaugurado, pelo ainda presidente da CMCB, Joaquim Morão, no dia 13 de Outubro de 2013 e contou com as presenças do arquiteto catalão Josep Lluís Mateo e Joe Berardo que através de protocolo assinado com a CMCB emprestou a sua coleção de arte contemporânea Latina-América, que permanecerá no local durante um ano.

Projeto ganho pelo arquiteto catalão Josep Lluís Mateo - um dos nomes mais conhecido da arquitetura espanhola, notabilizado com obras espalhadas por várias cidades europeias como Amesterdão, Barcelona ou Paris - no seguimento do concurso internacional promovido em 2004 pela autarquia, também ele responsável pela requalificação de toda a zona da Devesa/Centro Cívico na qual se insere o CCC - programa POLIS. Obra orçada em cerca de 5 milhões de euros, tem sido alvo de grandes críticas por parte da comunidade albicastrense, ao qual o ex-presidente da CMCB, Joaquim Morão, responde, em entrevista<sup>45</sup> à Beira TV, que parte do orçamento gasto foi participado em 85% por fundos europeus (QREN e POVT).

Este edifício está contemplado com 4 pisos. No piso -1, situam-se duas entradas, um hall imenso, 4 salas de exposição, bilheteiras e serviços administrativos. No piso 0 encontra-se na zona exterior a Pista de gelo (que no tempo quente se transforma em pista para patins com rodas) e um pequeno auditório ao ar livre. Nos pisos 1 e 2 encontramos um auditório com capacidade para 254 pessoas e espaços para exposições e projeções, e uma cafeteria de apoio.

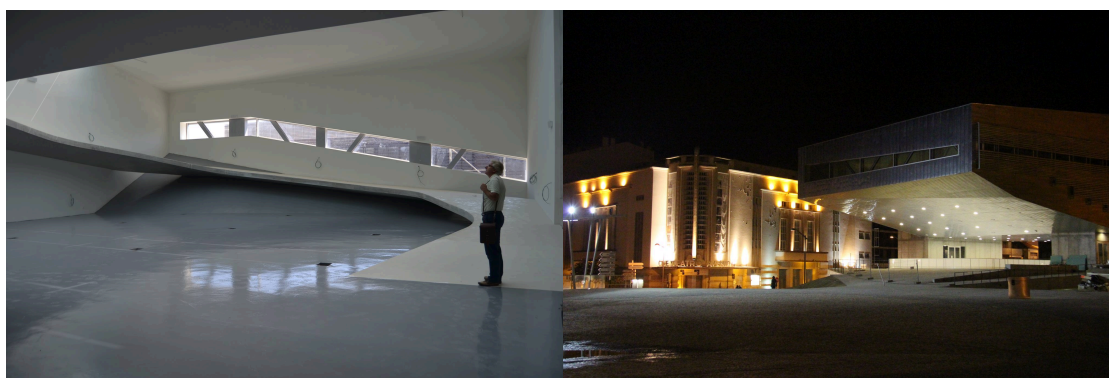


Figura 11 e 12 - Interior e exterior do novo edifício do CCC, ao lado do CTA.

---

<sup>45</sup> Vide <http://www.youtube.com/watch?v=ndYclROvdDo>.

### 4.3. Análise SWOT<sup>46</sup>

FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visível crescimento cultural;</li> <li>• Clara aposta da autarquia na cultura;</li> <li>• Equipamentos culturais variados, de qualidade e suficientes para a dimensão da cidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hábitos de consumo de cultura ainda baixos;</li> <li>• Os serviços educativos dos equipamentos culturais, são, no geral, escassos, limitados e pouco divulgados.</li> </ul>
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O investimento em infraestruturas físicas para a cultura, para o desporto e para o lazer;</li> <li>• Equipamentos culturais com consciência social;</li> <li>• Crescente desenvolvimento de entidades criativas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empregabilidade a baixar;</li> <li>• Despesa, por parte do público, com a cultura também cada vez mais baixa;</li> <li>• Baixo investimento em recursos humanos qualificados e/ou em formação dos quadros.</li> </ul>

À exceção do MFTPJ todos os equipamentos culturais apresentados neste capítulo, são tutelados pela CMCB. A autarquia, nos últimos 16 anos, sob o mandato de Joaquim Morão, apostou claramente na requalificação do património urbano da cidade, recuperando alguns edifícios e concedendo-lhes funções culturais. Para o autarca, "*Castelo Branco tem todas as condições para, através da cultura, ter uma estratégia de desenvolvimento*"<sup>47</sup>.

Ainda assim, estes equipamentos mostram um tímido avanço na captação de novos públicos e até mesmo na conservação dos atuais, demonstrando que esta estratégia de desenvolvimento não basta com o passar apenas, pela construção de condições físicas e estruturais, mas deve passar também pelo desenho de políticas culturais bem definidas e capitalizando o trabalho em rede, como prioridades estratégicas.

As medidas até agora tomadas pela autarquia, foram sem dúvida o mote que, a cidade e o interior do país, necessitava para se desenvolver culturalmente e esta é uma oportunidade impar na história de cidade, culminando da melhor forma possível com a inauguração do CCC deixando uma legado à cidade de grande qualidade.

Ainda sobre a inauguração deste novo equipamento, em entrevista aos canais de televisão RTP e SIC<sup>48</sup>, Joe Berardo diz que, o que o levou a emprestar a sua coleção para inaugurar este

<sup>46</sup> Esta análise elaborou-se com base nos dados possíveis de obter em relação aos públicos, atividades, visitantes, recursos humanos e orçamento anual de cada equipamento cultural e hábitos culturais dos albicastrenses.

<sup>47</sup> Fonte Agência Lusa. Vide

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=683188&tm=4&layout=121&visual=49>.

<sup>48</sup> Notícias do dia 14 de Outubro 2013. Vide

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=687763&tm=4&layout=122&visual=61>

e

centro de cultura contemporânea no interior de Portugal é, acreditar que a cultura é o novo motor de desenvolvimento económico, e por entender que é da responsabilidade de todos os portugueses ajudar o interior do país a desenvolver-se. Também em entrevista<sup>49</sup> no programa da RTP, Portugal em Direto, o professor e poeta albicastrense António Salvado refere o que se tem vindo a defender neste trabalho, não basta fazer obra arquitectónica se estes equipamentos não estiverem munidos de recursos humanos competentes focados no futuro.

Foi sob esta visão que o LUPA emergiu e espera vir a ser uma mais valia para a criação de identidade desta cidade.

---

<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2013/10/14/centro-de-cultura-contemporanea-abre-em-castelo-branco>.

<sup>49</sup> Consultar entrevista na inauguração do CCC dia 13 de Outubro 2013  
<http://www.rtp.pt/play/p47/e131358/portugal-em-direto/319224>.

## Capítulo 5:

### O projeto LUPA

O LUPA pretende ser um projeto probatório no seu primeiro ano. Desta forma foi decidido, pela equipa organizadora criar, ao longo deste ano, 12 atividades/laboratórios, um por mês. Estes laboratórios, foram inicialmente, criados de acordo com a formação e competências da equipe formada por quatro alunas do MEAV-UBI, o que levou a que as áreas de intervenção artística, definidas para os laboratórios LUPA, passem pela observação e interpretação pessoal do património, material e imaterial, da cidade de Castelo Branco e pela sua representação individual do participante ou do grupo de participantes, através das várias áreas de representação artística. Desta forma, esta metodologia pretende proporcionar aos participantes a aquisição de novos conhecimentos e competências com o intuito de, através da observação, da experiência e da partilha, construírem uma nova ideia de cidade, de património e de identidade urbana.



Figura 13 - Esquema que mostra a convergência de conceitos com o espaço público do projeto LUPA.

#### 5.1. Missão

A missão do LUPA, enquanto serviço educativo e espaço de educação não formal, consiste na promoção da construção de identidade urbana, através do saber observar, da experiência e da partilha. Assim, este projeto, embora se sustente em conceitos já referidos anteriormente, nomeadamente, o serviço educativo e a educação pela arte, pretende trabalhar o público partindo dele próprio. As necessidades, interesses e quereres da

comunidade, no contexto cultural, são os pontos de partida que este projeto pretende despertar com a ajuda de uma rede de contatos e parcerias, organizada, cujos interesses sejam convergentes aos interesses da comunidade. Por conseguinte, o LUPA passa a ser um meio para atingir os fins: os mediadores/orientadores dos laboratórios promovem a criatividade e a partilha intergeracional e multicultural; os laboratórios, criados para o público, laboram na transdisciplinaridade das áreas académicas, da educação e da comunidade, respondendo às necessidades da sociedade contemporânea.

*“O conhecimento é o resultado da relação entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido”.* Esta frase de Susana Gomes da Silva<sup>50</sup> reflete, de forma muito sucinta, a missão educativa deste projeto. Explica no seu artigo, que *“segundo Piaget, todo o conhecimento resulta da reorganização de um conhecimento anterior e toda a nova aquisição que tenha a marca da novidade é posta em relação com aquilo que foi adquirido previamente. (...) Uma relação que não pode ser separada do mundo social circundante nem do contexto em que esta aprendizagem se realiza”.* Os laboratórios LUPA desenvolvem-se sobre esta noção de aprendizagem e, também, através da construção ativa de conhecimento, que se baseia num processo de partilha de conhecimentos individuais e de grupo, sobre o que se conhece e o que se aprende, relacionando-o ao objeto e ao contexto em que se desenvolve a aprendizagem. É desta forma, que um serviço educativo/educação não formal, como o LUPA, se torna fundamental na promoção da consciência enquanto espaço de negociação e discussão participada. Neste sentido, o serviço educativo/educação não formal, permite o desenvolvimento da “arena cultural” nas suas múltiplas manifestações criativas, colocando-as ao serviço de toda a comunidade como instrumentos de reflexão, mudança e intervenção.

Em todo este processo é importante que se consiga alcançar uma conjuntura aberta, ou seja, que as relações que se estabeleçam entre LUPA, comunidade - participantes e potenciais participantes, património, equipamentos, parceiros, seja uma relação de proximidade em que a partilha de conhecimentos e de experiências esteja acima de tudo e cujos interesses sejam comuns. Esta conjuntura torna-se importante na medida em que as atividades que vão sendo desenvolvidas dependem disso mesmo. Quanto melhor for a relação entre todos os envolvidos, mais e melhor poderá o LUPA ser e dar.

Podemos assim, definir como missão do LUPA, a transdisciplinaridade<sup>51</sup> entre cidade, comunidade, educação não formal, identidade urbana, que permite consolidar uma visão sobre a cultura e sobre as artes expressando novas perspetivas e formas de aquisição de conhecimento e de compreensão de processos criativos com base na cidade e no que já é conhecido.

---

<sup>50</sup> Responsável pela orientação e programação educativa do CAM/Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

<sup>51</sup> A.A.V.V. (2002) “Etimologicamente, *trans* é o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de todas as disciplinas, remetendo também à idéia de transcendência.”

## **5.2. Definição de metas, objetivos e estratégias**

### **5.2.1. Metas**

Para apresentar as metas do LUPA elaborou-se um breve exercício, que pretende formar uma visão holística, descrito em quatro pontos: a situação atual do LUPA; a situação que se ambiciona para o LUPA; as estratégias para atingir os fins; os recursos necessários para atingir os fins.

Assim, na situação atual, temos um projeto novo, acabado de nascer, sem qualquer historial, sem orçamento e, por tudo isso, ainda um pouco frágil. Numa situação futura, para o LUPA, quer-se um projeto autossustentável. No desenrolar dos laboratórios é esperado que se criem parcerias e redes de contactos, coesas e de interesses comuns, que permitam maior envolvência, da comunidade, no projeto. Assim, pretende-se que o LUPA seja apadrinhado pelo público de forma a que, este, o público, seja ator ativo do desenvolvimento e sucesso do projeto e não ter que depender da organização para poder crescer. Como estratégias para atingir os fins, o LUPA prevê a concepção de 12 laboratórios a acontecer ao longo do ano probatório com a capacidade de cativar a comunidade envolvendo-a no projeto e dando-lhe direitos e responsabilidades sobre o futuro do projeto. Os recursos necessários para atingir o sucesso deste projeto são essencialmente os recursos humanos, pois é a partir deles que os laboratórios se criam, se organizam e se produzem, imputando também a eles as necessidades materiais indispensáveis ao desenvolvimento dos laboratórios que são conseguidas através das redes de contactos e parcerias, que são, também eles, recursos humanos.

Destacamos assim, 3 metas fundamentais ao LUPA:

- Comunidade albicastrense 100% envolvida no projeto;
- Parcerias e rede de contactos coesas e com interesses comuns com comunidade envolvida;
- Projeto autossustentável.

### **5.2.2. Objetivos**

As atividades, propostas neste projeto - embora nem todas sejam criadas pela equipa do LUPA, todas têm a sua orientação - têm como objetivo incentivar o diálogo entre o ser urbano e a arte, educação não formal, e cultura, promovendo a criatividade - olhar, observar, identificar, avaliar, identificar "problemas" e propor "soluções" - de forma a contribuir para a construção pessoal e social do indivíduo, uma comunidade mais participativa e ativa no seu contexto urbano - cultural e educativo - capaz de reconhecer a cidade e as instituições culturais como meios para o desenvolvimento global do ser humano e para a criação de identidade.

Os objetivos deste projeto são desafios impostos pela equipa criadora e organizadora que determinam, a médio prazo, o que se pretende cumprir e garantem que as metas definidas se cumpram.

Assim, foram definidos como objetivos:

- Incentivar a construção de identidade urbana vinculando a comunidade ao seu património, material e imaterial;
- Construir conhecimento através da experimentação e da cooperação, explorando competências artísticas;
- Formar o indivíduo, respeitando a sua singularidade, para a construção de uma relação de empatia, identificação e cooperação com a cidade, espaço físico e social e por conseguinte com o projeto;
- Trabalhar para a resolução de problemas, estimulando a criatividade e a autonomia;
- Dinamizar o envolvimento das comunidades nos projetos culturais e artísticos estimulando a participação dos albicastrenses e das organizações culturais locais;
- Contribuir para que a cultura e o conhecimento se afirmem como dimensões estruturantes do desenvolvimento local;
- Promover a difusão das artes e ampliar o acesso da comunidade à fruição e criação culturais;
- Captar, formar e fidelizar públicos;
- Favorecer a coesão social através da educação pela arte e pela cultura;
- Constituir-se como espaço de cooperação e diálogo cultural entre os parceiros e com outras redes e organizações culturais, promovendo e preservando a diversidade cultural;
- Garantir a rentabilização de recursos de forma a garantir a autossustentabilidade do LUPA;
- Contribuir para a criação de emprego no sector cultural, dentro ou fora do LUPA.

### **5.2.3. Estratégias**

Como estratégias prevê-se a conceção de 12 laboratórios a acontecer ao longo do ano probatório, que possuam a capacidade de cativar a comunidade, convocando-os para a ação, participação ativa e colaborativa, levando-a a querer envolver-se no projeto, dando-lhe direitos e responsabilidades sobre o futuro do projeto.

Todos os laboratórios têm dois pontos em comum. O primeiro, mais importante, tem como ponto de partida e fonte de inspiração a cidade de Castelo Branco sobre as suas mais variadas perspetivas: a história; as gentes; os jardins; as árvores; os canteiros; a paisagem; o urbanismo; a arquitetura; a calçada; a escultura e arte pública; os artistas visuais albicastrenses; o artesanato; o folclore; os cantares; as romarias; as feiras; as festas; a literatura; a tradição oral; no fundo - o património e a cultura da comunidade albicastrense.

O segundo é a utilização das artes como condutoras para a concepção dos laboratórios, daí o contexto da educação pela arte.

Um outra estratégia, a ter em conta, é a formalização de parcerias e/ou redes de contactos. Estas parcerias, serão excelentes fontes de informação/formação/impulso abrindo portas a novos projetos ou até mesmo à possibilidade de encontrar mecenas<sup>52</sup>, ou patrocinadores, que acreditem no projeto e o queiram levar, mais além, com ou sem contributo pecuniário.

### 5.3. Equipa

A equipa criadora, organizadora e coordenadora do LUPA, é composta por quatro estudantes finalistas do Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade da Beira Interior que se têm associado regularmente na realização de vários trabalhos, essencialmente, académicos. A experiência académica, pessoal e profissional, de cada uma das coordenadoras deste projeto e o sucesso alcançado enquanto equipa, fruto de um trabalho de grupo, de qualidade, foi sem sombra de dúvida fator decisivo para, mais uma vez, se associarem para esta nova “viagem”.



Figura 14 - A equipa do LUPA em passeio de reconhecimento da zona histórica da cidade.

A formação inicial e as competências da equipa nuclear vão desde, o design gráfico, o design de produto, o design multimédia e audiovisuais, a gestão cultural, a produção de eventos, professor do 1º ciclo do ensino básico, a arquitetura e a cerâmica, competências estas que tornam a equipa uma equipa coesa, no sentido em que existem elementos de convergência de interesses e que, em muito, podem beneficiar o projeto LUPA:

**Andrea Monteiro** (1974). É licenciadaa em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde foi monitora durante o ano letivo de 1998/99 da unidade curricular de Projeto III. Ainda em 1999, recebeu, em conjunto com o arquiteto Pedro Vicente, o 1º Prémio no concurso de organização do espaço de exposições da Feira de Emprego do IEFP. Desde 2002, é sócia da empresa Formas Simples Arquitetura e neste âmbito recebeu, em 2008, uma menção honrosa na categoria de edificação nova, no Prémio de Arquitetura e Urbanismo do Município de Loulé. Em 2011, ingressou no curso de Doutoramento em Arquitetura da Universidade da Beira Interior, Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura, no âmbito do qual desenvolve uma investigação sobre o ensino de Arquitetura, *Do ensino à práxis de Arquitetura, como se forma um Pritzker?*, neste momento,

---

<sup>52</sup> Pessoa ou instituição que apoia financeiramente um projeto artístico e/ou cultural.

materializada em artigos teóricos e comunicações. Desde Fevereiro de 2013, é docente neste departamento da unidade curricular de orientação tutorial de Projeto IV/2 e, desde Maio de 2013, bolsista de investigação da Faculdade de Engenharia. Em 2012, ingressou no curso de Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade da Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes que desenvolve em paralelo com a investigação de Doutoramento.

Andreia Fernandes (1988) é licenciada em Design de Cerâmica e Vidro (2009) pela ESAD das Caldas da Rainha, onde também obteve formação em Técnicas de produção de vidro Soprado (2009) e em Técnicas de fusão de Vidro (2009). Foi Professora Contratada do 2º e 3º Ciclos e Secundário no Grupo 600 (2011). Atualmente é Cofundadora e coordenadora do projeto LUPA, em paralelo com as colegas Andrea Monteiro, Alice Batista e Cláudia Silva.

Alice Batista (1974), licenciada em Design de Comunicação e Produção Audiovisual (2007) pela ESART em Castelo Branco e no Curso de Professores de 1º Ciclo do Ensino Básico (2003) da ESE que lhe confere profissionalização. Tem formação em Animação cultural (2002-03) e em Fotografia (2010). Foi docente profissionalizada, ensino 1º Ciclo do Ensino Básico (2005) e docente contratada, com habilitação própria, do 2º e 3º Ciclos e Secundário no Grupo 600 (2008-11). Tem competências sólidas na área da fotografia - conceção e realização de atividades e projetos na área do vídeo e fotografia, no tratamento e edição de imagem, fixa e animada (vetorial, fotografia e vídeo) e na conceção de produtos multimédia (Web sites e CD-ROM). Cofundadora e coordenadora do projeto LUPA, em paralelo com as suas colegas Andrea Monteiro, Andreia Fernandes e Cláudia Silva.

Cláudia Silva<sup>53</sup> (Castelo Branco, 1974), autora deste relatório, termina em 1998 o Bacharelato em Design e Tecnologia das Artes Gráficas na Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Tomar e em 2005, termina a licenciatura do mesmo curso. Após 7 anos a exercer profissão, como trabalhadora estudante, nas áreas da produção gráfica e design gráfico, trabalhando nos mercados de Lisboa e do Porto, com empresas como Âmbar, Advance Care, CAIMA, Decathlon, Grupo Portucel Soporcel, Herdade da Espirra, Oracle Portugal, Sixt - Rent-a-car, Vesauto (Campanha Lançamento Renault Velsatis), entre outras, muda-se para Barcelona para continuar os seus estudos. Em 2006 termina uma Pós-graduação em Produção e Gestão de Espetáculos e 2007 o Mestrado de Gestão Cultural, ambos na Universidade de Barcelona. Durante os seguintes anos, desenvolveu e ajudou a desenvolver vários projetos, nomeadamente, como membro fundador da associação Carapau de Corrida (2006) em Barcelona, membro fundador e presidente da assembleia geral da associação Bixo Mau (2009) nas Caldas da Rainha, membro fundador e presidente da associação Mau Maria (2010) em Castelo Branco, e colaborou com algumas instituições, tais como, a Advanced Music (2006) como produtora no festival de música avançada Sónar em Barcelona, a Cooperativa Cultural - Crew Hassan (2007) em Lisboa como gestora de produção, o Festival Soundtrack (2008) em

---

<sup>53</sup> Consultar Curriculum Vitae da professora estagiária, Claudia Silva, no Apêndice 2.

Lisboa como diretora de produção, a etic\_ (2008/09) em Lisboa, como formadora das unidades curriculares de Gestão de Eventos e Eventos na Economia e em 2009 e 2010 organizou, com o apoio da Câmara Municipal de Castelo Branco, as duas edições do MAU - Mercado de Artesanato Urbano, no centro da cidade de Castelo Branco. No ano letivo de 2010/2011, regressa a Castelo Branco para exercer o cargo de professora contratada do 2º ciclo do ensino básico da disciplina de Educação Visual e Tecnológica na Escola EB 2, 3/S José Silvestre Ribeiro em Idanha-a-Nova. Cofundadora e Coordenadora do projeto LUPA, em paralelo com as suas colegas Andrea Monteiro, Andreia Fernandes e Alice Batista.

#### **5.4. Público-alvo**

Numa primeira abordagem a este projeto, podemos considerar que o **público-alvo é toda a comunidade albicastrense**, pois o objetivo do LUPA é dotar a comunidade de novos conhecimentos e competências relacionadas diretamente com o património material e imaterial da cidade. Mas dizer que é um serviço para toda a comunidade é muito lato. Na verdade, prevê-se o público-alvo, de acordo com os laboratórios programados, fazendo-se aí, a distinção do público ao qual se adequaria melhor a programação e com o qual se gostaria de trabalhar e, evidentemente, como. Tendo sempre em conta que o objetivo é fidelizar este público ao projeto para se obterem as mais-valias esperadas, teve que se garantir um determinado número de laboratórios para diferentes faixas etárias, por exemplo, tentando, sempre que possível, reunir crianças ou jovens e seus familiares, ou crianças ou jovens com a população albicastrense da terceira-idade. Mas, o que verdadeiramente interessa é que a programação se faça direcionada a segmentos de público em função de interesses comuns que podem, ou não, residir entre faixas etárias ou outros grupos específicos se assim se sentir a necessidade disso.

Ao contrário dos equipamentos culturais apresentados, anteriormente, que direcionam os seus serviços educativos para determinados públicos, de acordo com a sua missão institucional, o LUPA tem que seguir por um caminho diferente. Por esse facto, todos os laboratórios são diferentes uns dos outros, vejamos o caso dos laboratórios PeddyPaper - jovens e adultos e Upa LUPA - crianças e suas famílias.

#### **5.5. Programação**

Embora o projeto, que se apresenta, tenha a duração de um ano, considera-se que este primeiro ano seja um ano probatório e que o verdadeiro alcance do projeto dependa do que se consiga atingir durante este espaço de tempo. Espera-se assim, que este se estenda numa programação de pelo menos 3 anos, com o ano probatório incluso. Tendo consciência de que esta situação não é de todo controlável, visto depender de influências externas à organização inicial, e sendo este um projeto novo, sem historial, a concepção dos primeiros laboratórios dependem exclusivamente da experiência das coordenadoras do projeto. Sendo que os esforços de programação, por um lado envolvem propostas concebidas pela comunidade e,

por outro, dependem de parcerias realizadas no decurso de vida do LUPA, nomeadamente o facto de a agenda cultural da cidade - a *Cultura Vibra*<sup>54</sup> (o meio de comunicação/divulgação mais usado e um dos mais importantes neste projeto), ser organizado por trimestres, decidiu-se que, também a programação do LUPA deveria ser trimestral. Assim, neste primeiro ano de LUPA, pretende-se realizar atividades nas seguintes datas, segundo o cronograma apresentado em baixo, sendo que o 2º trimestre deste ano já foi concluído e o 3º trimestre se encontra em fase de programação. Desta forma, apenas serão apresentados os laboratórios já realizados e sucintamente os que estão em fase de programação.

**Tabela 11 - Cronograma do 1º ano de atividades LUPA.**

Cronograma 2013/14			
2º trimestre de 2013	3º trimestre de 2013	4º trimestre de 2013	1º trimestre de 2014
19 Abril - <b>Apresentação do projeto à comunidade</b>	6 Julho - <b>Collage de Memórias</b>	12 Outubro - LUPA (re)conhece pela <b>Arquitectura I</b>	11 Janeiro (previsão) - <b>por programar</b>
11 Maio - <b>PeddyPaper LUPA</b>	7 Setembro - LUPA <b>Pinhole I</b>	9 Novembro - LUPA (re)conhece pela <b>Arquitectura II</b>	8 Fevereiro (previsão) - <b>por programar</b>
1 Junho - <b>Upa LUPA no Dia da Criança</b>	28 Setembro - LUPA <b>Pinhole II</b>	14 Dezembro - <b>O espelho da Alice</b>	8 Março (previsão) - <b>por programar</b>

### 5.5.1. Apresentação do projeto à comunidade

A apresentação do projeto<sup>55</sup> à comunidade e à comunicação social, aconteceu no dia 19 de Abril pelas 17h no pequeno auditório da BMCB.

Foram convidados para esta sessão os meios de comunicação social de Castelo Branco, nomeadamente jornais, rádios e televisões locais, tendo comparecido representantes do jornal O POVO DA BEIRA e a LOCALVISÃO TV. Foram ainda convidados a estar presentes o Exmo. Sr. Joaquim Morão, Presidente da CMCB e a Vereadora Cristina Granada que foi peça fundamental no desenvolvimento do LUPA enquanto projeto, que ambos, por motivos inerentes às suas funções junto da CMCB, não puderam estar presentes.

Estiveram ainda presentes os representantes da Junta de Freguesia, do CTA e do Cybercentro de Castelo Branco, que elogiaram esta iniciativa e mostraram interesse em futuras parcerias, tornando-se, à data, duas destas instituições efetivamente nossos parceiros desde esse dia.

<sup>54</sup> Vide <http://www.culturavibra.com/>.

<sup>55</sup> Consultar Apêndice 3 sobre a apresentação pública do projeto LUPA.



Figura 15 - Momento de debate no final da apresentação do projeto LUPA no auditório da BMCB.

### 5.5.2. *PeddyPaper* LUPA

De entre muitas das atividades pensadas para integrar o LUPA, foi selecionada para ser a primeira, o *PeddyPaper* LUPA<sup>56</sup>. A decisão pelo *peddy paper* foi unânime após reflexão sobre o rumo que se queria dar a este projeto.

Não conhecendo público e por conseguinte a aceitação por parte da comunidade de um projeto deste tipo, seguiu-se destemidamente por um caminho desconhecido. A solução passaria por criar um laboratório que conseguisse ter um público o mais diversificado possível, idade, género, habilitações literárias, orientações artísticas entre outros. Seria assim, mais fácil entender os factos que levaram o público a participar, neste laboratório em particular, na perspetiva de confirmar se a escolha teria sido acertada e se o caminho que se percorria era o correto, no sentido de melhorar a criação de futuros laboratórios.

Esta atividade, realizada com a cooperação do Cybercentro de Castelo Branco que garantiu apoio logístico e espaço para a recepção dos participantes e realização do laboratório da parte da tarde, teve por objetivo aproximar a comunidade à cidade de Castelo Branco, propondo uma reflexão sobre o conceito de património cultural - material e imaterial, de forma a, por um lado, promover a construção de identidade urbana e, por outro, estimular o olhar mais atento e conciliador de novas e diferentes perspetivas.

A proposta feita aos participantes, para a parte da manhã, passou por criar uma possível situação - “imaginar que acompanhavam um amigo num percurso pela cidade e tinham como missão explicar-lhe o vosso conceito de património”. Para isso, “recorrem às suas memórias e histórias individuais, mas também às memórias e histórias que constituem e que reconstruem

---

<sup>56</sup> Consultar Apêndice 4 sobre informação relativa ao *PeddyPaper* LUPA.

a identidade coletiva da cidade”. Mas, em simultâneo, foi-lhes pedido a criação de “um novo olhar, mais atento, minucioso e mais discutido no seio do grupo de trabalho”.

Deste modo, propôs-se a construção de um percurso educativo que relacionasse a memória do passado com a experiência do presente, através do registo, por diferentes meios de expressão artística, dos momentos selecionados, pelo grupo, como construtores de identidade urbana. O que se constitui então como património? O património edificado? As pessoas? Os sons? O espaço público? Os elementos visuais, as cores, os materiais, as texturas? O percurso, desenvolvido por cada grupo, deveria totalizar no mínimo 10 momentos e incluir, obrigatoriamente, cinco momentos à escolha do percurso, dependendo do interesse e criatividade de cada grupo.

Após o trabalho de registo e o descanso do almoço, foi pedido a cada grupo que organizasse uma apresentação com recurso aos meios disponibilizados pelo Cybercentro, que sintetizasse o conceito de património de cada grupo. Seguiu-se uma apresentação, breve, com o objetivo de partilhar os percursos construídos dos três grupos, que abriria, tal como era esperado, espaço a uma conversa amena, ao debate e à troca de experiências entre os participantes.



Figura 16 e 17 - Preparação e apresentação da equipa *Pessoas Giras*.



Figura 18 e 19 - Preparação e apresentação da equipa *3R*.



Figura 20 e 21 - Preparação e apresentação da equipa *Os Castelinhos*.

Os trabalhos realizados e apresentados pelas três equipas, foram, depois de autorizados, editados e publicados na página de facebook do LUPA. Nos seguintes links pode-se analisar o trabalho final das três equipas:

- *Pessoas giras* - <https://www.facebook.com/photo.php?v=435188409910516>;
- *3R* - <https://www.facebook.com/photo.php?v=435186943243996>;
- *Os Castelinhos* - <https://www.facebook.com/photo.php?v=435563566539667>.

### 5.5.3. *Upa* LUPA no Dia da Criança

Esta atividade<sup>57</sup>, em colaboração com o *Espaço Mamã*, e inserido no evento *Da Barriga ao Colinho*, realizou-se no espaço do antigo quartel da Devesa (em frente à Biblioteca Municipal de Castelo Branco), no dia 01 de Junho de 2013, sábado, entre as 10h e as 20h, e tem por objetivo celebrar o Dia da Criança. Onde a criança, em família, experimenta o prazer da criação e da construção, arregaça as mangas e dá asas à imaginação. Neste âmbito, é proposta a construção de uma maquete da cidade (Apêndice 5), de modo, a promover a identificação do património albacastrense e desenvolver de forma lúdica a percepção espaço-visual.

São objetivos desta atividade:

- (Re)Conhecer o espaço urbano;
- Desenvolver a percepção espaço-visual;
- Aprender/partilhar/dialogar/experienciar;
- Explorar competências artísticas e criativas;
- Promover o relacionamento interpessoal;
- Cooperar no seio familiar.

Foram propostas, às crianças e suas famílias, duas atividades distintas que se desenvolveram em simultâneo. A primeira passaria por completar uma maquete da cidade. Construção de uma secção de malha urbana de Castelo Branco, planificada em papel de cenário e subdividida em quatro subsecções, onde em cada subsecção haveria um edifício em destaque

<sup>57</sup> Consultar Apêndice 5 sobre informação relativa ao *Upa* LUPA no Dia da Criança.

previamente construído pela organização, selecionado de acordo com o seu valor patrimonial. Os edifícios envolventes, em cada subsecção, foram construídos pelas crianças com o apoio familiar e a orientação da organização. E a segunda, foi a construção de brinquedos de cartão e outros materiais passíveis de reciclar/reutilizar. Na perspetiva de que cada criança tenha uma recordação deste dia, o objetivo é a construção, em família e sob a orientação da organização, de brinquedos de cartão seguindo os exemplos modelo disponibilizados no espaço do evento ou dando asas à imaginação e criatividade.



Figura 22 - O fogão da Inês Maria.

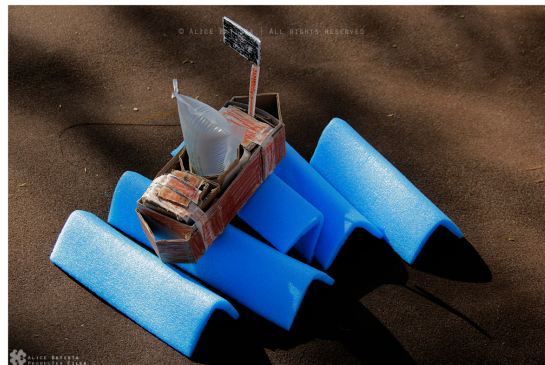


Figura 23 - Um barco à vela à deriva no mar.

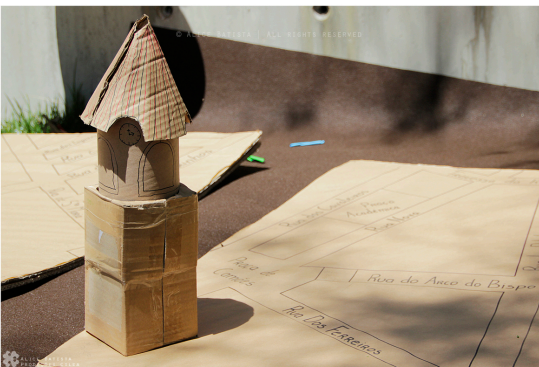


Figura 24 - A torre do relógio na maquete LUPA.



Figura 25 - O Francisco em delírio com o seu dragão.

#### 5.5.4. Collage de Memórias

O *Collage de Memórias*<sup>58</sup> foi o 3º laboratório programado pela equipa LUPA, que aconteceu no seguimento de proposta apresentada ao LUPA por Anabela Silva - Técnica de Análises Clínicas de formação e designer artesã de vocação. As referências que a equipa tinha da Anabela eram irrefutáveis. Há 20 anos a reunir e testar materiais diversos e aplicando-os nos seus trabalhos, enriquecendo-os trabalho após trabalho, levaram a equipa LUPA a aceitar esta proposta. Faltava apenas encontrar a relação do movimento artístico, que se propunha trabalhar neste

<sup>58</sup> Consultar Apêndice 6 sobre informação relativa ao *Collage de Memórias*.

laboratório, com a cidade. Rapidamente esta relação surgiu quando, em conversa sobre o *Collage* de Memórias, com o programador do CTA, Carlos Semedo, este sugeriu que o tema para a elaboração do cartaz, fosse sobre o espetáculo da fadista Carminho que iria acontecer no CTA no dia 13 de Setembro 2013. Toda a equipa LUPA concordou com a ligação estabelecida e programou-se neste sentido.

Participaram neste laboratório 12 pessoas, estando este número dentro dos limites de participação, estabelecidos previamente (entre 8 a 15 pessoas). Destas 12 pessoas, 5 tinham participado no 1º laboratório LUPA e 5 já conheciam o LUPA, tendo estado inscritas no 1º laboratório mas por motivos pessoais tiveram que anular a inscrição, um participante já tinha ouvido falar do LUPA mas não conhecia bem o projeto e outro, que acompanhou o anterior, não conhecia de todo o projeto. Este panorama mostrou-se muito positivo visto que apenas um dos participantes nunca tinha ouvido falar do projeto LUPA.

O *Collage* de Memórias desenvolveu-se durante as 6h que ocuparam este sábado e dividiu-se em duas partes. A primeira parte, durante a manhã, começou com a apresentação da orientadora do laboratório e dos participantes de forma a revelar neste momento as motivações que levaram cada um a participar e em seguida, em modo de introdução ao tema, a orientadora apresentou um powerpoint (Apêndice 6) onde começa por explicar, de forma breve o que é o collage, apresentando em seguida vários exemplos de collage, como conduzir o processo criativo, quais os materiais que podem ser usados e por fim termina exemplificando algumas técnicas simples que podem usar nos seus trabalhos. A primeira parte termina com o desenvolvimento do processo criativo e experimentação de algumas técnicas apresentadas pela orientadora. Na segunda parte, os participantes começaram a produção dos seus trabalhos.



Figura 26 - Compilação de 4 pormenores dos trabalhos realizados no *Collage* de Memórias.

### 5.5.5. LUPA Pinhole I e II

O 4º e 5º laboratório foram mais uma proposta sugerida por Alexandre Ferreira, da Associação de Informática de Castelo Branco (AICB), durante a sua participação no 1º laboratório LUPA.

O laboratório LUPA Pinhole pretende dar a conhecer um processo de fotografia que permite a autonomia em relação aos meios digitais e tecnológicos, desde o momento da construção de "*máquinas fotográficas*" até ao momento da revelação manual das fotografias obtidas. Deste modo, esta atividade divide-se em dois laboratórios distintos mas articulados entre si, nomeadamente, o laboratório da construção da "*máquina*" - **LUPA Pinhole I** e o laboratório de fotografia e revelação - **LUPA Pinhole II**.

O LUPA Pinhole viria a acontecer nas instalações do IPDJ em Castelo Branco, em dois momentos distintos como referimos anteriormente. Num primeiro momento, durante a tarde de sábado, apresentou-se o 4º laboratório, LUPA Pinhole I, ao qual chamámos - A construção da "*máquina*". Teve início com uma breve apresentação sobre o que é o Pinhole e em seguida cada participante construiu a sua máquina/caixa sob a orientação do Alexandre. Num segundo momento, aconteceu o 5º laboratório, LUPA Pinhole II onde se preparam as caixas com papel fotográfico, fizeram-se as fotografias, nas áreas exteriores circundantes ao edifício do IPDJ, e revelaram-se os resultados no laboratório fotográfico.

Esta atividade não exigia ter conhecimentos prévios de fotografia nem ter capacidades específicas, não sendo, portanto, muito exigente quanto à seleção do público alvo. Deste modo, o público alvo deste laboratório, fez-se bastante abrangente quando se especificou aquando a divulgação "**Público alvo:** Curiosos e amantes da fotografia experimental analógica.". O grupo era bastante eclético. Entre os participantes pudemos encontrar desde arquitetos, a engenheiros informáticos, designers, professores e todos eles curiosos com vontade de experienciar e manipular a fotografia analógica.

Participaram um total de 13 pessoas, 11 no Pinhole I e as mesmas 11 e mais 2 pessoas no Pinhole II. Apenas 4 destas 13 pessoas já tinham participado em laboratórios promovidos pelo LUPA. Todas as outras pessoas, embora a maioria já tivesse conhecimento do projeto LUPA não tinham participado em nenhum dos laboratórios promovidos até à data.



Figura 27 - A construção da "*máquina*".

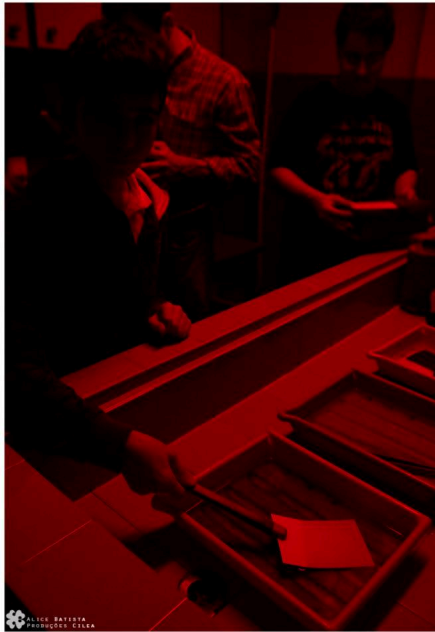


Figura 28 e 29 - Revelação e resultado fotográfico.

### 5.5.6. LUPA (re)conhece pela arquitectura I e II

O LUPA (re)conhece pela arquitectura<sup>59</sup> pretende a construção de conhecimento sobre o património edificado da cidade, pela exploração de técnicas de observação e levantamento, pela partilha de conhecimentos e memórias, e pela (re)construção tridimensional em suporte digital de elementos formais, identitários da cidade. Estes dois laboratórios articulados aumentam progressivamente o grau de complexidade na modelação tridimensional.

Este laboratório teve a iniciativa de um dos membros do LUPA, Andrea Monteiro que por sua vez convidou Pedro Salvado, um dos grandes conhecedores das camadas patrimoniais da cidade de Castelo Branco. Assim, articularam entre si dois saberes que permitiram aos participantes percorrer *as ruas do castelo* com entusiasmo, à procura dos magníficos portados quinhentistas que se espalham aleatoriamente por toda a parte antiga da cidade, e desenhá-los mais tarde de forma tridimensional com o recurso ao software de modelação tridimensional, SketchUp 3D<sup>60</sup>.

O laboratório tinha um limite de 15 participantes e o seu público alvo situava-se numa faixa etária a partir dos 15 anos, inclusive, direcionando-se a quem tenha noções básicas de desenho assistido por computador e aceite o desafio de aprender a modelar tridimensionalmente.

<sup>59</sup> Consultar Apêndice 7 sobre informação relativa ao LUPA (re)conhece pela arquitectura I e II.

<sup>60</sup> Vide <http://www.sketchup.com/>.

## PLANIFICAÇÃO LUPA (re)conhece pela arquitectura

### Manhã:

#### CYBERCENTRO

10h às 10h 15 - Introdução da atividade: Estrutura (Levantamento, Desenho, Modelação)

10h 15 às 10h 30 - Levantamento: Técnicas

#### CENTRO HISTÓRICO

10h 30 às 13h - Levantamento fotográfico e métrico, e partilha de histórias/memórias (Pedro)

### Tarde:

#### CYBERCENTRO

15h às 15h 30m - Sketchup: Ferramentas de desenho bidimensional

15h 30m às 16h - Desenho bidimensional do levantamento efectuado

16h às 16h 30 - Sketchup: Ferramentas de modelação tridimensional

16h 30 às 17h 45 - Modelação tridimensional

17h 45 às 18h - Conversa sobre a experiência e preenchimento de formulário



Figura 30 - Imagem de Alice Batista, ilustrativa dos laboratórios LUPA (re)conhece pela arquitectura I e II.

### 5.5.6. O espelho da Alice

“O espelho da Alice” tem por objetivo proporcionar aos participantes um contacto com diversas formas de exploração de materiais, por meio da observação, interpretação e reprodução de diversas imagens fotográficas da autora Alice Batista, cujos trabalhos estarão expostos na Sala da Nora.

Este laboratório, pretende propiciar uma troca de experiência de forma espontânea através da experimentação de diferentes modos de linguagem: desenho, pintura, colagem, escrita, fotografia, entre outros, e provocar uma visão mais ampla da linguagem visual aumentando o repertório de produção pessoal e o conhecimento da cultura local.

O espelho da Alice será o 8º laboratório LUPA, a ter lugar na Sala da Nora durante o dia de sábado, 14 de Dezembro, com um limite de 20 participantes.

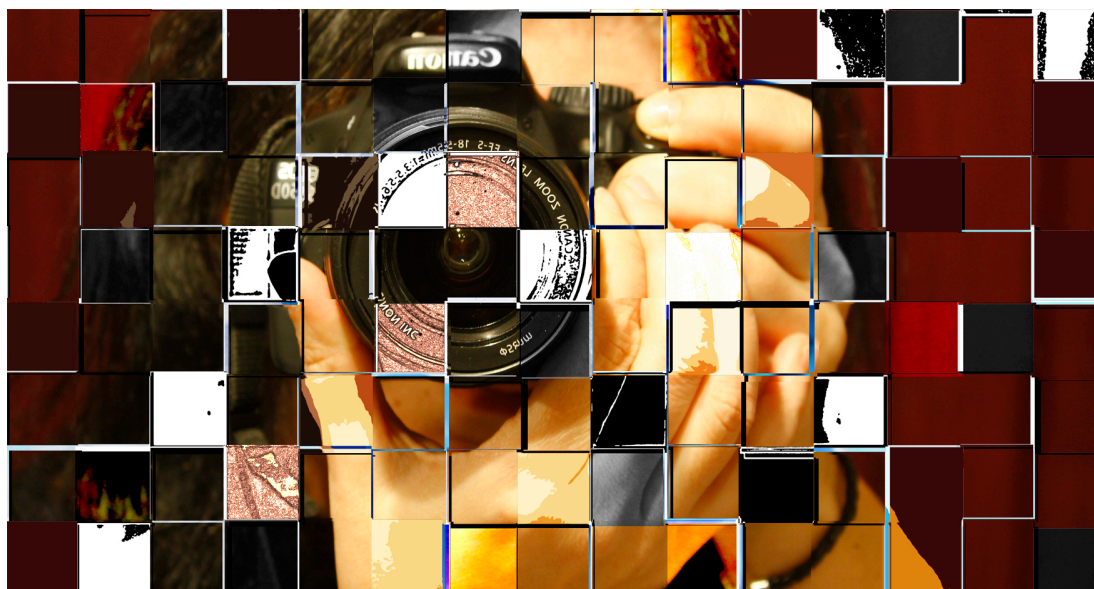


Figura 31 - Imagem ilustrativa de “ O espelho da Alice”, composta por Alice Batista.

## 5.6. Comunicação

Com a consciência de que, na sociedade atual, a comunicação constitui um recurso, por excelência, para alcançar o sucesso ambicionado - defina-se *sucesso* neste contexto, a formação e captação de públicos/participantes nos laboratórios do LUPA - tendo como objetivo satisfazer clientes, se falarmos de empresas e públicos, se falarmos em organizações com e sem fins lucrativos, instituições culturais, eventos ou projetos culturais, entre outros, desenhou-se um plano de comunicação para o LUPA com base no modelo proposto por Schramm<sup>61</sup>. Este é um modelo unidirecional que pretende associar uma resposta a um estímulo e considera cinco fases essenciais no processo: o emissor, a codificação, a mensagem, a decodificação e o recetor.

<sup>61</sup> Modelo descrito por João Pinto e Castro no seu livro *Comunicação de Marketing*.

Desta forma, a comunicação do LUPA assenta numa estratégia coerente que representa a essência do projeto. Visto este ser um projeto académico e experimental, e portanto de baixo custo, a escolha dos meios de comunicação é preparada criteriosamente tendo em conta estas mesmas condições. Assim, para a concepção e implementação de uma estratégia global de comunicação o LUPA apoiou-se, por um lado, nos contactos e na experiência pessoal de cada uma das coordenadoras deste projeto, acumulados ao longo das suas vidas pessoais e carreiras profissionais e, por outro, nos contactos dos seus parceiros, baixando os custos de comunicação, em larga escala.

### 5.6.1. Interna

A comunicação interna é direcionada para os indivíduos envolvidos diretamente com o projeto - organização, coordenação e colaboradores - e tem como base três princípios fundamentais: *orientar* - ouvir e sensibilizar os colaboradores deste projeto sobre os objetivos do projeto; *informar* - criar uma política de informação com vista a dar resposta às necessidades de todos os colaboradores e coordenadores deste projeto; *motivar* - através da construção de empatia entre a organização, coordenação e colaboradores com as estratégias adotadas.

Assim, de forma a fazer fluir a informação, convenientemente, entre a organização, a coordenação e os colaboradores do LUPA, foi decidido criar um grupo informal na plataforma de rede social facebook. Este grupo é um grupo fechado, por isso, de acesso exclusivo aos indivíduos envolvidos diretamente com o projeto. Com este grupo pretende-se não só poder comunicar à distância mas, também, assegurar que todas as ações importantes fiquem registadas, desde uma simples alteração a um documento à partilha de outras atividades que possam interessar à implementação do projeto ou à atualização do cronograma de atividades.

Outra ferramenta utilizada é o Dropbox. O Dropbox é um servidor online, compatível com a rede social facebook, onde se guardam todos os ficheiros relativos ao LUPA e assim, partilhados entre os membros coordenadores.

### 5.6.2. Externa

A comunicação externa está direcionada ao ambiente externo do projeto. Trata-se da forma como o projeto LUPA comunica com seu público-alvo na promoção e divulgação da sua imagem e dos seus laboratórios.

Começou-se por criar a imagem do projeto. O nome estava escolhido, *laboratório urbano pela arte* e, por uma coincidência feliz, as iniciais que o contemplam formam o acrónimo LUPA. Seguiu-se, assim, para o design gráfico com a construção do logo<sup>62</sup> que se pretendia simples e de uma só cor. Como remate da imagem gráfica, e com base na ilustração do castelo da cidade de Castelo Branco, elaborada no séc. XVI, por Duarte d'Armas, criou-se uma nova

---

<sup>62</sup> Consultar Imagem Gráfica do LUPA no Apêndice 8.

versão na linha do logo já criado (Apêndice 8), mais moderna e que pensamos refletir uma nova visão da cidade, a visão do projeto.

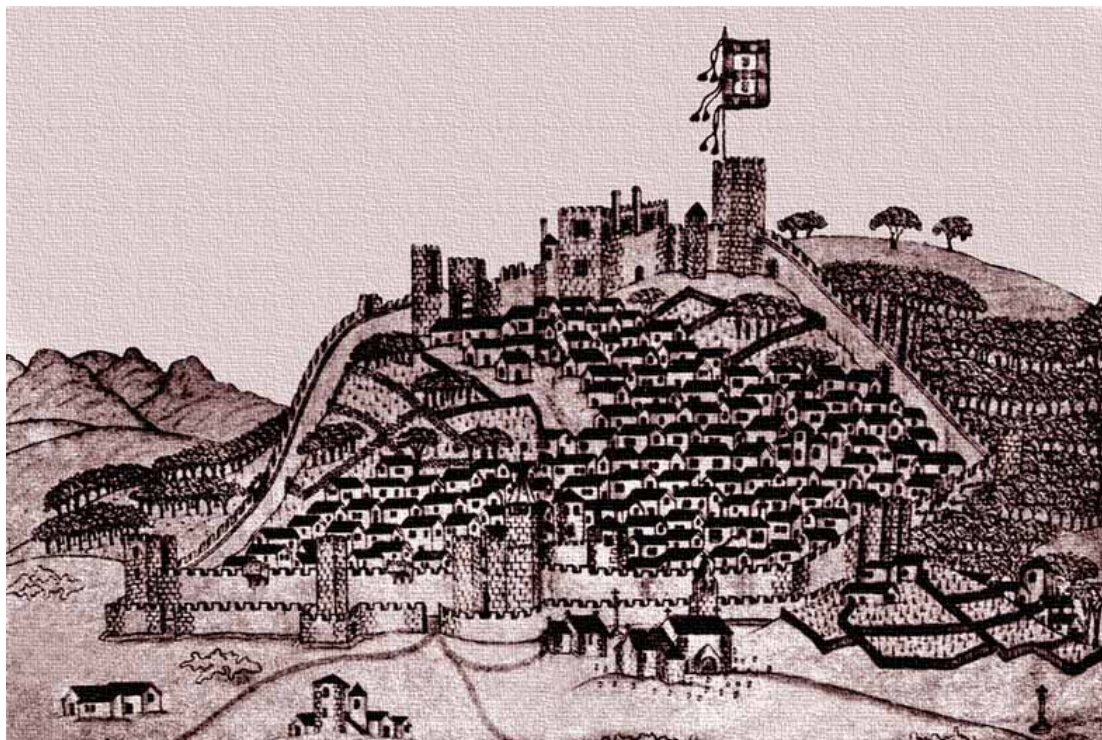


Figura 32 - Ilustração de Duarte d'Armas do castelo da cidade de Castelo Branco no séc. XVI.

A criação de uma página facebook<sup>63</sup> e de uma conta de email<sup>64</sup> são as formas mais usadas para comunicar, tanto com os nossos parceiros, como na divulgação, organização e produção dos laboratórios LUPA. São também usados os telefones pessoais de dois membros da equipa<sup>65</sup>.

No dia 19 de Abril de 2012, pelas 17h, no auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, depois de divulgado através dos contactos da comunicações social local e da nossa página do facebook, o LUPA foi apresentado<sup>66</sup> (Apêndice 4), à comunidade, numa conferência de imprensa. Estiveram presentes cerca de 50 pessoas que se repartiram entre: jornalistas de vários meios locais de comunicação social de onde surgiram um artigo no jornal *Povo da Beira* e uma reportagem da Localvisão TV Castelo Branco; representantes de várias instituições culturais entre elas, o Cybercentro e o Cineteatro, de onde surgiu de imediato intenção de colaboração com o LUPA; o Museu Cargaleiro; a BMCB e a CMCB, curiosos, amigos e familiares.

Os laboratórios são comunicados essencialmente via facebook e email, como já foi dito, mas são ainda comunicados em várias outras plataformas de divulgação de eventos culturais,

<sup>63</sup> Endereço web: <https://www.facebook.com/projecto.lupa>.

<sup>64</sup> Endereço de email da plataforma Gmail: [laburbanopelarte@gmail.com](mailto:laburbanopelarte@gmail.com).

<sup>65</sup> Com vista a redução de custos de aquisição de novos números e equipamento.

<sup>66</sup> Entrevista da LocalvisãoTV em <http://videos.sapo.pt/qyulwk9ZsJ081yPcBALQ#share>.

impressas e digitais, tais como, Agenda Viral, Cultura Vibra (impressa e digital), Jornal Povo da Beira, Diário Digital Castelo Branco, Localvisão TV Castelo Branco, entre outros.

## 5.7. Parcerias e redes de contatos

As parcerias são pontes entre instituições culturais e a realidade exterior, fortalecem a amplitude do trabalho que a instituição desenvolve, ao mesmo tempo que incrementam o contacto com parceiros cujos objetivos, interesses e perspectivas são comuns, disponibilizando-se, deste modo, a partilhar recursos e/ou estratégias.

São inúmeras as vantagens de se trabalhar em parceria, que pode não só passar pelo reconhecimento público, privado e institucional, mas também pela consolidação de relações importantes para o desenvolvimento de estratégias de sucesso, pelo aconselhamento e engrandecimento de projetos, derivado da troca de experiências entre os parceiros, pela possibilidade de formar equipas mais competentes, pela redução de custos a vários níveis, pelo financiamento mais facilitado na conceção e na produção de recursos, tanto materiais como humanos, pela cedência de espaços e logística da instituição, entre outros.

Não é só, de acordo com estes princípios que o LUPA se rege, ou seja, as parcerias que este projeto ambiciona concretizar, passam não só por parcerias com outras instituições mas também com parcerias com indivíduos, pessoas que pelas suas competências são elementos que trazem mais-valias para o projeto. Daqui podemos retirar que a programação está diretamente relacionada com as parceiras que este projeto concretiza. Assim, com as redes de contactos estabelecidas, pode ser traçado o perfil de cada laboratório.

Até ao momento foram consolidadas as seguintes parcerias:

- Cybercentro de Castelo Branco - O principal parceiro, que garante ao LUPA um local de residência para criar, organizar e produzir os seus laboratórios; apoio logístico para armazenamento de material necessário aos laboratórios; utilização de material informático, nomeadamente, tablets, computadores, impressora e rede wireless; apoio na divulgação das atividades do LUPA;
- *Cultura Vibra* - Parceiro ao nível da comunicação garantindo a divulgação trimestral das atividades do LUPA;
- Cine-Teatro Avenida/Sala da Nora - Na disponibilização dos espaços que integram este conjunto;
- IPDJ - Parceiro na disponibilização dos espaços e na comunicação dos laboratórios LUPA;
- *Espaço Mamã* - Parceiro ao nível da integração do laboratório Upa LUPA no Dia da Criança, no evento por eles organizado;
- Câmara Municipal de Castelo Branco - Na comunicação e apoio logístico;
- Biblioteca Municipal de Castelo Branco - Na comunicação e apoio logístico.

Parcerias que se pretendem consolidar brevemente:

- Junta de Freguesia de Castelo Branco;
- Escola Superior de Artes de Castelo Branco (ESART) - Para a realização de dois laboratórios em fase de programação;
- Posto de Turismo de Castelo Branco - Para alargar, em número e qualidade de parceiros, ao nível da comunicação;
- Museu FTPJ;
- Museu Cargaleiro;
- Centro Artístico Albicastrense.

## 5.8. Financiamento, gestão económica e orçamento

Este projeto, porque é à partida um projeto académico e de natureza experimental, como já foi explicado anteriormente, no primeiro ano da sua existência, não contempla um orçamento ou um plano de sustentabilidade a médio prazo. A cada laboratório foi-lhe aplicado um valor simbólico de um euro para a sua realização, valor que nos permite angariar os fundos necessários ao investimento em outras atividades realizadas, dentro do projeto, às quais não podemos, por questões logísticas, aplicar este valor. Foi o caso do laboratório *Upa LUPA* no Dia da Criança - atividade ao ar livre, inserida num evento, organizado por outra entidade.

Em relação ao financiamento e até mesmo à gestão económica, pode-se dizer que o financiamento de que este projeto auferir baseia-se na cedência de serviços. Podemos dar como exemplo, a nossa relação com o Cybercentro de Castelo Branco que nos cede o seu espaço físico para inúmeros fins, tal como mencionado ou com a agenda cultural *Cultura Vibra*<sup>67</sup> que é nosso parceiro de comunicação.

## 5.9. Avaliação

Por ser construído ao longo do tempo e por conseguinte nunca fechado, qualquer projeto tem que ser avaliado regularmente, podendo e devendo ser alterado sempre que se detetem falhas, ou pontos menos claros, passíveis de ser melhorados. As ações externas ao projeto, ou até mesmo as ações decorrentes dentro da instituição que promove o projeto, podem sofrer alterações imprevistas e são, estas ações, promotoras da importância da avaliação tanto interna como externa de um projeto, fixando-se assim, como objetivo máximo da avaliação, a melhoria do projeto, no seu decurso. A avaliação do projeto é indispensável na medida que produz informação em torno dos resultados dos laboratórios, sustenta a reflexão sobre os procedimentos, melhora a qualidade do projeto e apresenta resultados concretos e assertivos podendo até ser mensuráveis (dependendo dos laboratórios) que auxiliarão para verificar o valor e a eficácia do plano elaborado e dos laboratórios criados.

---

<sup>67</sup> Vide <http://www.culturavibra.com/>.

A avaliação deve ser definida, no momento da preparação do PAE, e aí devem ser esclarecidos os critérios, os objetivos, a equipa responsável pelo projeto e o cronograma de atividades. Neste sentido, optou-se por não adotar um modelo único de avaliação visto os laboratórios serem programados com regularidade trimestral e o público-alvo variar de laboratório para laboratório.

Neste momento o LUPA realizou 7 atividades, sendo que a primeira não foi um laboratório mas sim a apresentação do projeto à comunidade. Esta atividade não auferiu de uma avaliação com critérios muito cerrados elaborando-se uma apreciação global, nomeadamente, aos comentários finais do público que se encontrava na apresentação, no que a imprensa local publicou sobre o projeto, nos comentários pós-apresentação na página do facebook do projeto, nas abordagens via email e até presenciais que cada um dos membros da equipa do LUPA recebia, entre outros que nos vão surgindo, até hoje.

Na segunda atividade e primeiro laboratório, no PeddyPaper LUPA, existiram dois momentos de avaliação, um que fazia parte da própria atividade e que consistia na compilação do produto final do peddy paper e sua apresentação aos restantes grupos e organização e na elaboração de um questionário de avaliação (Apêndice 4), de acordo com a escala de Likert<sup>68</sup>, para os participantes preencherem de forma anónima. Como resultado do peddy paper surgiram três apresentações que mostraram o trabalho de cada grupo e que manifestamente traduz o empenho e o gosto com que o peddy paper foi realizado. O questionário foi dividido em duas partes, a primeira que pretende avaliar o funcionamento do laboratório e subdivide-se em quatro secções - autoavaliação, organização e funcionamento do laboratório, condições/recursos materiais e objetivos específicos, e a segunda parte sobre o desempenho da organização do laboratório. Por ter sido o primeiro laboratório, deste projeto, as expectativas da equipa organizadora não eram nem altas nem baixas, eram simplesmente inesperadas. Tudo podia acontecer. Existiam vinte e três pré-inscrições e na última hora três pessoas cancelaram a sua presença, participando neste laboratório vinte pessoas e só catorze responderam ao questionário que, por motivos pessoais, não puderam assistir às atividades da parte da tarde. Por conseguinte e tendo, durante a atividade, constatado que o desempenho dos participantes era alegremente criativo, empenhado e colaborativo, os resultados foram surpreendentemente bons. Alguns dos participantes fizeram questão de, nos seus questionários, deixar alguns comentários como, "Esperamos por novas iniciativas, com a dinâmica excelente do grupo LUPA. O meu obrigada!" ou "- Pode ser realizada com mais frequência; - Ajudar a "analisar" o produto final para aprender a fazer melhor noutras realizações deste género".

---

<sup>68</sup> A Escala de Likert é frequentemente usada em questionários de resposta psicométrica, ou seja, em questionários cujas respostas variem entre estádios (entre 5 a 6) de concordância com a afirmação inicial.

No segundo laboratório, *Upa LUPA* no dia da Criança a avaliação fez-se de forma global, ou seja, fez-se através da observação da atividade e da captação dos comentários dos participantes durante a atividade e no pós atividade via facebook, permitindo-nos perceber o grau de satisfação das famílias participantes. Tendo sido impossível de mensurar o número de pais e crianças que passaram pelo espaço criado neste laboratório, podemos com toda a certeza, afirmar que muitas famílias e crianças saíram felizes do *Upa LUPA*. Como foi explicado, anteriormente, este laboratório dividia-se em duas partes distintas, uma que refletia a essência do LUPA, onde se apresentava uma maquete de parte da cidade de Castelo Branco, sem edifícios, em que as crianças, com a ajuda dos seus pais, construíam edifícios e ajudavam a completar a dita maquete, e outra dedicada exclusivamente ao aspeto lúdico da construção de brinquedos de cartão e outros materiais, em família.

Em relação à participação das crianças, o interesse esteve direcionado para a construção de brinquedos mais do que na maquete da cidade, onde podemos verificar, através de algumas das imagens já apresentadas, a sua dedicação e felicidade por criar e construir com a ajuda e orientação dos pais. Em relação aos pais, na sua maioria, responderam ao desafio deste laboratório e ajudaram os seus filhos a construir brinquedos criativos.

Os laboratórios do Collage de Memórias e ao Pinhole, pelo facto de não terem sido orientadores nenhum membro da equipa do LUPA fez-se uma avaliação meramente observadora. Assim, avaliou-se o feedback dos laboratórios apurando alguns indicadores que conduziram a uma percepção positiva sobre o desenvolvimentos dos mesmos:

- A assiduidade de alguns participantes;
- As abordagens por parte dos participantes com o intuito de propor a repetição dos laboratórios porque gostariam de desenvolver mais trabalho;
- Os testemunhos deixados no mural da página de facebook do LUPA, nos emails e comentários *in situ*.

Para o laboratório (re)conhecer pela arquitectura I, foi elaborado um questionário de avaliação em conformidade com a escala de Likert mas devido ao este laboratório se encontrar dividido em duas partes não se conhecem ainda os resultados deste questionário. De qualquer das formas, foi constatado por parte dos poucos participantes deste laboratório um grande entusiasmo, pois se por um lado existia a parte histórica e a visita à zona velha da cidade, por outro existia o contacto com uma técnica gráfica pouco conhecida mas desafiante.

Em modo de conclusão, pode-se dizer que o LUPA está no bom caminho. Destes laboratórios, surgiram participantes felizes por fazer parte das atividades do LUPA e assíduos, que pediram mais atividades como as organizadas, e daí surgiram também muitas ideias para novos laboratórios de forma a podermos dar resposta à comunidade, um dos principais objetivos deste projeto.



## Capítulo 6:

### Reflexão sobre o projeto LUPA

“As instituições culturais são elementos fundamentais para a construção das representações e identidades das comunidades e marcas importantes desta vitalidade criativa, uma vez que têm a capacidade de gerar, promover e reflectir a diversidade, o potencial criativo, o dinamismo e a transformação permanentes que caracterizam o crescimento e evolução das sociedades. Em termos de paradigma de referência, nas últimas décadas, temos vindo a caminhar da Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem, e, mais recentemente, da Criatividade. A crescente associação da criatividade ao conhecimento reforça a importância e a transversalidade do pensamento criativo.” (Gomes da Silva, 2008).

Os serviços educativos, enquanto espaços de negociação e discussão participada, consideram-se assim, essenciais na promoção da consciência de que o conhecimento, a aprendizagem e a criatividade é o caminho para a construção de identidade das comunidades e da captação e fixação de públicos.

Elaborar um projeto como *LUPA*, que pretende ser um projeto fundamentado no conceito de serviço educativo, tem as suas espinhas. É um projeto inovador, porque não é aplicado a uma instituição cultural mas sim a toda uma cidade com tudo aquilo que a cidade pode oferecer, não tem um espaço físico de residência pois a sua residência é a cidade, é um projeto sem orçamento, é uma experiência que tem como objetivo analisar o feedback do público e tem uma programação trimestral que depende da análise de propostas elaboradas pela comunidade para novos laboratórios. Todos estes fatores não são fatores de (in)segurança para um projeto mas, laboratório a laboratório, o projeto constrói-se e toma forma.

Como todo e qualquer trabalho que se constrói ao sabor do presente, o seu resultado é desconhecido e inesperado. Se esta situação por um lado trás a instabilidade que referimos anteriormente, também nos trás a adrenalina do não saber, da incógnita, que nos move para fazer mais e melhor, com mais gosto, com novas pessoas que vão tropeçando e abraçando este projeto, com novos projetos com futuros promissores, com a ideia de algo muito bom se está aqui a construir e... não estamos sozinhos. A equipa é confrontada laboratório a laboratório com esta dualidade mas foi traçado um objetivo muito claro quanto ao futuro deste projeto, e esse futuro, será discutido no final do primeiro ano de projeto *LUPA* juntamente com toda a bagagem arrecadada.

Neste momento, é ainda difícil entender o rumo que ele está e vai tomar mas esse é o desafio ao qual a equipa do *LUPA* se propôs. Até ao momento, o sucesso imperou.



## **PARTE II:**

### **Prática de Ensino Supervisionada Geometria Descritiva A (11º ano)**



# Capítulo 1:

## Introdução à Prática de Ensino Supervisionada

A segunda parte deste documento refere-se, inteiramente, à elaboração do relatório em modo reflexão, sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES) da professora estagiária Cláudia Silva, em conjunto com as suas colegas de curso, Andreia Fernandes e Alice Batista, no âmbito da Unidade Curricular (UC), Estágio Pedagógico (EP) do MEAV-UBI referente ao ano letivo 2012/2013.

De entre as várias escolas do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário disponíveis para elaborar a PES, a escola que a professora estagiária preferiu foi a Escola Secundária/3 de Amato Lusitano (ESAL) em Castelo Branco, devido à sua proximidade residencial. Era sabido que, à partida, a PES elaborada nesta escola só poderia ser exequível na UC de GDA e sob a orientação pedagógica do professor José Manuel Neves dos Santos, pois foi o único professor a disponibilizar-se para orientar as professoras estagiárias neste ano letivo. Assim, a professora estagiária, sentindo-se à vontade com todas as outras disciplinas que contemplam o grupo 600 de Artes Visuais à exceção de GDA, e visto que o último contacto da com esta disciplina teria acontecido há cerca de uns 20 anos atrás, achou por bem a realização da PES no âmbito desta disciplina, colmatando assim a lacuna que sentia.

### 1.1. Metodologia e estrutura da Parte II

Esta segunda parte encontra-se dividida da seguinte forma:

- No primeiro capítulo, para além da anterior introdução à 1ª parte do relatório referente à PES, descrevem-se as atividades previstas durante o espaço de tempo do estágio, os objetivos e interesse do trabalho desenvolvido, as metodologias e estrutura do relatório;
- No segundo capítulo, caracteriza-se o meio escolar e a comunidade escolar albicastrense, descrevem-se as infraestruturas e os recursos da ESAL, passando por elaborar uma breve história da ESAL. Fazem-se ainda as caracterizações do grupo de Artes Visuais, do professor coordenador, do núcleo de estágio e da turma 11AVIS2;
- A PES relata-se no terceiro capítulo, iniciando pela análise do programa ministerial, nacional, de Geometria Descritiva A (10º e 11º ano), passando à descrição/reflexão sobre as metodologias de ensino adotadas incluindo a preparação das aulas, os recursos utilizados, a descrição das aulas assistidas e avaliação da PES;
- O capítulo quatro refere-se à atividade extracurricular proposta pelo núcleo de estágio - *Projeto Vídeo Arte*;
- E, por último, no capítulo cinco, faz-se a reflexão sobre a PES.

## 1.2. Atividades, previstas para o estágio

Na primeira reunião de núcleo de estágio na ESAL, o professor José Santos, em conjunto com as professoras estagiárias, definiu linhas de orientação para as boas práticas da PES. Assim previram-se as seguintes atividades ao longo da prática:

- Reuniões regulares, para orientação pedagógica;
- Assistências às aulas do professor orientador (obrigatórias e facultativas), facultando os horários das turmas a lecionar;
- Aulas supervisionadas, planeadas em grupo pelo núcleo de estágio (NE) e preparadas individualmente por cada professora estagiária (aulas teóricas, práticas, de exercícios e avaliação);
- Implementação de uma atividade extracurricular.

## 1.3. Objetivos e interesse do trabalho desenvolvido

A PES tem como objetivo fornecer aos alunos do MEAV-UBI credibilidade científica e pedagógica para o desempenho da docência no agrupamento de disciplinas de Artes Visuais nos graus do 3º ciclo do ensino básico e secundário, no grupo de recrutamento 600.

Assim, e de acordo com o Artigo 12º do Regulamento de Funcionamento do MEAV-UBI<sup>69</sup>, apresentam-se os objetivos e interesse da PES, que se dividem em objetivos gerais e objetivos pedagógicos, que definem de uma forma genérica objetivos e competências de várias ordens.

### Objetivos gerais da PES:

- **Adequação aos contextos da prática:** conhecimento e problematização dos contextos da prática, no sentido de desenhar e desenvolver planos de ação relevantes face às variáveis situacionais em presença.
- **Orientação para a prática:** definição de temas, objetivos e estratégias de ação que decorram da observação e análise das práticas de ensino e aprendizagem na área de docência e contribuam para a compreensão e melhoria dessas práticas.
- **Fundamentação ético-conceptual:** fundamentação em pressupostos éticos e conceptuais atuais e relevantes, orientados para o desenvolvimento de práticas inclusivas, centradas nas aprendizagens e favorecedoras do sucesso educativo.
- **Investigação ao serviço da pedagogia:** recurso a estratégias de investigação pedagógica que apoiem a compreensão e melhoria das práticas de ensino e aprendizagem na área de docência.
- **Potencial formativo:** articulação entre os objetivos do projeto e os objetivos de formação do mestrando, no quadro de uma prática profissional que favoreça o desenvolvimento de capacidades de reflexão, auto-direção, colaboração e criatividade/ inovação.

---

<sup>69</sup> Consultar regulamento no Anexo 1 sobre o Regulamento de funcionamento do MEAV.

### **Objetivos específicos da PES:**

- *Adquirir experiência organizacional e profissional na área da Pedagogia e Didática das Artes Visuais em ambiente real - Escola Básica ou Secundária, junto de discentes e Orientador Cooperante (Professor Coordenador de Estágio);*
- *Ter oportunidade de desenvolver competências didáticas, num ambiente profissional e técnico;*
- *Aperceber da aplicação prática "quotidiana" dos temas abordados durante o curso.*
- *Ter oportunidade de aplicar alguns desses conhecimentos/competências a situações específicas;*
- *Ser percebido pela Organização acolhedora como um elemento que trouxe mais-valias para as atividades da Organização;*
- *Ser capaz de o continuar a fazer com a sua capacidade de iniciativa própria;*
- *Ter a possibilidade de desenvolver competências comportamentais transversais como: relacionamento interpessoal, autoconfiança, disciplina, métodos de trabalho, capacidade de cumprir prazos e horários (incluindo planeamento), capacidade de integração em Organizações e equipas de trabalho;*
- *Desenvolver a sua rede de contactos pessoais e profissionais.*



## Capítulo 2: A escola, o meio escolar e o seu enquadramento

Neste capítulo pretende-se, em primeiro lugar, elaborar uma breve introdução - onde se explica, de forma breve, as origens da ESAL, escola onde se realizou a prática pedagógica da professora estagiária e autora deste relatório, Mestre Cláudia Silva, descrevendo a localização, as instalações e as infraestruturas da mesma. Em segundo lugar, descreve-se o meio escolar, com base nos seguintes documentos: o Plano Anual de Atividades<sup>70</sup> (PAA) 2012/2013, O Projecto Curricular de Escola 2009-2010<sup>71</sup>, o Projeto Educativo<sup>72</sup> (PE), Regulamento Interno<sup>73</sup> (RI) e Avaliação Externa das Escolas<sup>74</sup>, e site da ESAL<sup>75</sup>. Em terceiro lugar, caracteriza-se a envolvência socioeconómica e educativa da população albicastrense.

### 2.1. A Escola Secundária/3 de Amato Lusitano

A Escola Secundária/3 de Amato Lusitano (ESAL), outrora denominada de Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco, foi construída em Outubro de 1962, numa zona central da cidade, próximo do Hospital, num terreno com uma área total de 22 400 m<sup>2</sup>. A ESAL foi construída para ter capacidade de albergar uma população estudantil de cerca de 1200 alunos para ingressar num dos cursos que aí eram ministrados *“Cursos do Ciclo Preparatório, Complementar de Aprendizagem - eletricista -, de Formação - electromecânico, formação feminina, geral de comércio e secções preparatórias para os Institutos -, de Mestrança - encarregado de obras - e oficinas anexas de canteiro e bordadora.”*<sup>76</sup>.



Figura 33 - A ESAL em 1962. (Fonte: ESAL).

<sup>70</sup> Consultar o Plano Anual de Atividades 2012/2013 da ESAL no Anexo 2.

<sup>71</sup> Consultar o Projeto Curricular de Escola 2009-2010 da ESAL no Anexo 3.

<sup>72</sup> Consultar o Projeto Educativo da ESAL no Anexo 4.

<sup>73</sup> Consultar o Regulamento Interno da ESAL no Anexo 5.

<sup>74</sup> Consultar a Avaliação Externa das Escolas no link: [http://www.ige.min-edu.pt/content\\_01.asp?BtreeID=03/01&treeID=03/01/03/03&auxID=&newsID=930#content](http://www.ige.min-edu.pt/content_01.asp?BtreeID=03/01&treeID=03/01/03/03&auxID=&newsID=930#content).

<sup>75</sup> Vide <http://esal.pt/pt>.

<sup>76</sup> Retirado do site da ESAL.

As salas de aula estão distribuídas pelos quarto andares que compõem o edifício da ESAL. No **pisso -1** as extremidades do corredor dão acesso aos diferentes pátios exteriores - na ala esquerda acesso ao pátio de recreio dos alunos, reprografia (de 2ª a 6ª feira, das 8h30 às 17h), papelaria e cafetaria e na ala direita acesso aos campos de jogo e salas oficina - Construção Civil, Artes, Mecânica, Eletricidade e Eletrónica, e acesso aos balneários (masculino, feminino) e refeitório. No **pisso -2**, de entre várias salas de aula, encontramos os laboratórios de física e química, uma sala de informática e o espaço do Grupo de Informática. No **pisso 1** está instalada a Biblioteca Escolar, integrada na Rede de Bibliotecas Escolares<sup>77</sup>, a sala de audiovisuais e as salas de apoio ao curso de artes visuais, nomeadamente onde se lecionam as aulas de Desenho e de Geometria Descritiva. São serviços da Biblioteca (de 2ª a 6ª feira, das 8h às 19h): empréstimo para leitura, consulta de obras de referência, consulta de jornais e revistas, visionamento de filmes VHS/DVD, audição de música, consulta de CD-ROM, acesso à Internet, sala de estudo individual, sala de trabalhos de grupo, escrita e impressão de trabalhos, jogos de mesa. A entrada faz-se pelo **pisso 0** e neste podemos encontrar os serviços de administração e direção escolar (de 2ª a 6ª feira, das 9h30 às 11h45 e das 14h às 16h45), o Serviço de Ação Social Escolar (SASE), a tesouraria, a sala e bar dos professores, 3 salas de informática e ginásio principal que por sua vez dá acesso ao ginásio pequeno.

## 2.2. O meio escolar

Não sendo possível ter acesso aos dados referentes ao ano letivo 2012/2013, apresentam-se os últimos dados conhecidos referentes aos alunos inscritos nesta escola e suas famílias. Estes dados foram retirados do Relatório de escola para a Avaliação Externa das Escolas, elaborado pela Inspeção-Geral da Educação e são resultado de visita às instalações da ESAL nos dias 21 e 22 de Abril de 2010.

**Em relação aos alunos** - Este relatório revela que, em 2010, a ESAL tinha inscritos aproximadamente 1000 alunos repartindo-se da seguinte forma (dados atuais sobre o número de alunos inscritos permitir-nos-ia verificar se tem havido ou não decréscimo acentuado dos mesmos, como parece acontecer em muitas escolas do país):

- No 3º ciclo do ensino básico: 146 alunos - *distribuídos por cinco turmas do ensino regular e três turmas de cursos de educação e formação (Instalação e Reparação de Computadores e Desenho Assistido por Computador)*;
- No ensino secundário: 818 alunos distribuídos por 42 turmas - 463 alunos inscritos nos Cursos Científico-Humanísticos distribuídos por 21 turmas, 87 alunos inscritos no Cursos Tecnológico de Desporto distribuídos por 5 turmas e 268 alunos inscritos nos Cursos Profissionais distribuídos por 16 turmas;
- Neste ano funcionava uma turma com 6 alunos no ensino recorrente noturno.

---

<sup>77</sup> Vide <http://rbe.min-edu.pt/np4/mapas?id=502272>.

Foram, em 2010, apoiados pela Ação Social Escolar (ASE), 23,4% dos alunos inscritos entre os quais 6 requeriam de Necessidades Educativas Especiais (NEE) de carácter permanente.

Verifica-se (numa amostra de 769 alunos) que, uma percentagem muito reduzida de alunos (1,8%), não têm computadores pessoais e que 6% não têm acesso à internet em suas casas.

**Em relação aos pais e famílias** - No âmbito da atividade profissional das famílias dos alunos inscritos, este relatório verifica que 13% de pais se encontram desempregados, 71,7% se encontram empregados no sector terciário<sup>78</sup>, 24% no sector secundário<sup>79</sup> e 4,3% primário<sup>80</sup>. Já em relação ao nível de escolaridade dos pais dos alunos inscritos 14,6% dos pais concluíram o ensino superior, 23,4% o ensino secundário e 30,5% o ensino básico.

**Em relação aos recursos humanos da ESAL** - Conta com 158 docentes (89,2% com vínculo aos quadros do Ministério da Educação e 88,6% com mais de 10 anos de experiência profissional). Fazem parte do pessoal não docente - 9 assistentes técnicos, 29 assistentes operacionais e uma psicóloga (contratada).

Em relação às *Bases, metas e objectivos gerais* divulgados no PAA e no PE, a ESAL apoia-se na autonomia participativa de todos os envolvidos e na construção de um projeto educativo participativo, centrando-se na formação humanística, para a cidadania e científico-humanística do aluno e tendo como objetivos a promoção de boas atitudes face à vida dentro e fora da escola, a promoção do sucesso educativo, a prevenção do abandono escolar, entre outros.

### 2.1.2. Oferta Educativa da ESAL

Segundo os *Dados da Unidade de Gestão - Rede Escolar 2012/2013*<sup>81</sup>, recolhidos no site da DREC podemos verificar a oferta educativa da ESAL para a temporada que se apresenta. Estes dados mostram o número de turmas formadas para cada ciclo, ano, tipo de ensino e curso:

- **3º ciclo (7º/8º/9º anos)** - total de 6 turmas, divididas igualmente pelos 3 anos;
- **Ensino Secundário (10º/11º/12º)** - total de 25 turmas, divididas pelos cursos Científico-Humanísticos das áreas de Artes Visuais, Ciências e Tecnologia e Ciências Socioeconómicas e Curso Tecnológico de Desporto;
- **Cursos Profissionais (diurnos)** - total de 14 turmas, divididas pelas áreas de Apoio à Gestão Desportiva, Gestão, Gestão e Programação de Sistemas Informáticos,

<sup>78</sup> O sector terciário é o sector que, no contexto económico, se refere aos serviços. Este contempla, de uma forma geral, a comercialização de produtos e a oferta de serviços comerciais, pessoais ou comunitários, a terceiros.

<sup>79</sup> É o sector da economia que tem como objectivo transformar a matéria prima em produtos e bens de consumo.

<sup>80</sup> Pertencente ao sector primário é toda a atividade económica que produz ou extrai matéria prima com o objectivo de a transformar em produtos primários.

<sup>81</sup> Vide [http://www.drec.min-edu.pt/pub\\_apps/Aplicacoes/RedeEscolar/12\\_13/dados.aspx?do=/mpgS+9TMdw=](http://www.drec.min-edu.pt/pub_apps/Aplicacoes/RedeEscolar/12_13/dados.aspx?do=/mpgS+9TMdw=).

Mecatrónica, Multimédia, Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Mecatrónica, Multimédia, Design, Gestão de Equipamentos Informáticos, Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Multimédia, Mecatrónica;

- **Cursos de Educação e Formação (CEF)** - total de 2 turmas de Instalação e Reparação de Computadores.

## 2.3. Caracterização socioeconómica da população albicastrense

### 2.3.1. Castelo Branco

A caracterização, que se segue, justifica-se não só para entender a realidade em que a ESAL se insere como, sobretudo, para poder cruzar, com maior conhecimento de causa, importantes variáveis com o LUPA.

A cidade de Castelo Branco está situada na região centro de Portugal, mais propriamente, na Beira Baixa, sub-região da Beira Interior Sul, é capital do distrito e sede de um dos maiores municípios portugueses, com uma superfície de 1439 km<sup>2</sup>. A população albicastrense era, em 2011<sup>82</sup>, em todo o município, de 56.109 mil habitantes. Segundo o *Diagnóstico Social do Concelho de Castelo Branco*, elaborado em 2010 sobre a alçada do *Programa de Rede Social*, cujo objetivo “(...) é combater a pobreza e exclusão social e promover o desenvolvimento local.”, este distrito terá sido, nos anos 60 e 70, brutalmente afetado pela emigração e pelo abandono da agricultura em prole das grandes cidades. A população cada vez mais reduzida e envelhecida demonstra uma evolução demográfica desfavorável, sendo que em 2010 se verifica um aumento da população estudantil residente. A faixa etária onde o *fenómeno migratório* se expressou mais, situa-se entre os 15 e os 49 anos, explicando, desta forma, a “(...) forte diminuição dos escalões da população em idade fértil activa.”, conduzindo este fator, a uma taxa de natalidade reduzida.

Segundo dados recolhidos<sup>83</sup> em 2011, o município de Castelo Branco tinha: 2.679 inscritos no desemprego; 188 idosos por cada 100 jovens; 15% da população tinha habilitações literárias ao nível do ensino superior; 16.949 habitantes eram pensionistas.

**Tabela 12** - População residente no município segundo grandes grupos etários e género (INE-2011).

Grupos etários	Género		
	HM	H	M
Dos 0 aos 14 anos	7 038	3 588	3 450
Dos 15 aos 24 anos	5 364	2 654	2 710
Dos 25 aos 64 anos	29 945	14 570	15 375
A partir dos 65 anos	13 477	5 695	7 782

<sup>82</sup> Dados recolhidos da base de dados PORDATA referentes aos últimos dados conhecidos (2011).

<sup>83</sup> Dados recolhidos da base de dados PORDATA e INE.

### 2.3.2. Oferta educativa

No quadro, que a seguir se apresenta, podemos verificar alguma variedade na oferta de escolas e ciclos, possibilitando a escolha por parte dos pais, segundo critérios que podem ir desde a escolha de uma escola pública ou privada, proximidade de casa, qualidade reconhecida, entre outros. Há que ressaltar que estes dados não são atualizados podendo este panorama ser diferente na atualidade.

**Tabela 13** - Estabelecimentos nos ensinos, básico e secundário público e privado: total e por nível de ensino do Município de Castelo Branco<sup>84</sup>.

		2009	2010	2011
Público	Ensino básico - 3º Ciclo	8	8	8
	Ensino Secundário	4	3	3
Privado	Ensino básico - 3º Ciclo	0	1	1
	Ensino Secundário	3	3	3
Total	Ensino básico - 3º Ciclo	8	9	9
	Ensino Secundário	7	6	6

<sup>84</sup> Dados obtidos de [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt) em 2013-09-15, Fontes de Dados: DGEEC/MEC - Recenseamento escolar, Fonte: PORDATA.



# Capítulo 3:

## Prática de Ensino Supervisionada

Neste capítulo pretende-se, contextualizar o programa ministerial da disciplina de Geometria Descritiva A, no ensino secundário nos Cursos Científico-humanísticos de Artes Visuais, elaborar a caracterização do grupo de artes visuais da ESAL, do núcleo de estágio e da turma 11AVIS2, descrever as metodologias e os recursos adotados, relatar em modo de reflexão as aulas assistidas e por fim referir a avaliação da PES.

Começemos por, muito rapidamente, tentar perceber como se divide o ensino secundário e funciona a sua estrutura, e em seguida resumir o programa de Geometria Descritiva A (disciplina específica do grupo 600 do **Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais**) - objetivos, conteúdos, competências, carga horária, metodologia de ensino/aprendizagem e recursos existentes na ESAL para a disciplina.

### 3.1. O ensino secundário

Ao chegar ao Ensino Secundário encontramos 4 tipos de cursos com vertentes diferentes de ensino que visam proporcionar formação e aprendizagens diversificadas: Cursos científico-humanísticos; Cursos tecnológicos; Cursos artísticos especializados; Cursos profissionais. Estes cursos destinam-se a alunos que, tendo concluído o ensino básico (9º ano ou habilitação equivalente), pretendam obter uma formação de nível secundário.

Os cursos científico-humanísticos estão vocacionados para prosseguir estudos de nível superior (universitário ou politécnico) e têm a duração de 3 anos letivos (10º, 11º e 12º anos de escolaridade). A oferta formativa dos cursos científico-humanísticos compreende quatro cursos: Ciências e Tecnologias; Ciências Socioeconómicas; Línguas e Humanidades; Artes Visuais. Os planos de estudo destes cursos integram:

- Uma **componente de formação geral** (comum aos quatro cursos) com as disciplinas de: Português; Língua Estrangeira I, II ou III (Alemão, Espanhol, Francês ou Inglês); Filosofia; Educação Física.
- Uma **componente de formação específica** (formação científica específica de cada curso) que compreende: uma disciplina trienal obrigatória (10º, 11º e 12º anos); duas disciplinas bienais (10º e 11º anos), a escolher de entre o leque de opções de cada curso, obrigatoriamente ligadas à natureza do mesmo; duas disciplinas anuais (12º ano), a escolher de entre o leque de opções de cada curso, sendo pelo menos uma obrigatoriamente ligada à natureza do mesmo.

Nos cursos científico-humanísticos a avaliação assume duas modalidades: a formativa (concretizada ao longo do ano letivo), a sumativa interna (integrada no processo de ensino-aprendizagem ou através de provas de equivalência à frequência) e externa (exames nacionais). A avaliação sumativa externa, concretizada na realização de exames finais nacionais, tem lugar no ano terminal das seguintes disciplinas: Português (componente de formação geral); Trienal (componente de formação específica); Bienais - 2 (componente de formação específica).

A conclusão dos cursos depende da aprovação em todas as disciplinas e nas áreas não disciplinares do plano de estudos respetivo. Estes cursos conferem um diploma de conclusão do nível secundário de educação. Desta forma, apresenta-se a matriz do Curso de Artes Visuais:

Componentes de formação	Disciplinas	Carga horária semanal (x 90 minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III (a)	2	2	-
	Filosofia	2	2	-
	Educação Física	2	2	2
<i>Subtotal</i>		<b>8</b>	<b>8</b>	<b>4</b>
Específica	Desenho A	3,5	3,5	3,5
	Opções (b):			
	Geometria Descritiva A	3	3	-
	Matemática B	3	3	-
	História da Cultura e das Artes	3	3	-
	Opções (c):			
	Oficina de Artes	-	-	3,5
	Oficina Multimédia B	-	-	3,5
	Materiais e Tecnologias	-	-	3,5
	Opções (d):			
	Antropologia (e)	-	-	3
	Aplicações Informáticas B (e)	-	-	3
	Ciência Política (e)	-	-	3
	Clássicos da Literatura (e)	-	-	3
Direito (e)	-	-	3	
Economia C (e)	-	-	3	
Filosofia A (e)	-	-	3	
Geografia C (e)	-	-	3	
Grego (e)	-	-	3	
Língua Estrangeira I, II ou III (e) *	-	-	3	
Psicologia B (e)	-	-	3	
<i>Subtotal</i>		<b>9,5</b>	<b>9,5</b>	<b>10,5</b>
	Formação Cívica (f) - JÁ NÃO EXISTE	0,5	-	-
	Educação Moral e Religiosa (g)	(1)	(1)	(1)
<i>Total</i>		<b>18,5</b>	<b>18,5</b>	<b>17,5</b>

(a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, inicia obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. No caso de o aluno iniciar uma língua, tomando em conta as disponibilidades da escola, pode cumulativamente dar continuidade à Língua Estrangeira I como disciplina facultativa, com aceitação expressa do acréscimo de carga horária.

(b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.

(c) e (d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções c).

(e) Oferta dependente do projeto educativo da escola.

(f) A Formação Cívica é assegurada por um só professor.

(g) Disciplina de frequência facultativa.

(\*) O aluno deve escolher a língua estrangeira estudada na componente de formação geral, nos 10º e 11º anos.

### 3.2. O programa de GDA (10º e 11º ano)

A Geometria Descritiva A<sup>85</sup> é uma disciplina bienal (10º e 11º anos, ou 11º e 12º anos), e integra dois Cursos Científico-Humanísticos: Ciências e Tecnologias; Artes Visuais (na

<sup>85</sup> Consultar o programa Nacional da Disciplina de Geometria Descritiva A no Anexo 6.

componente de formação específica). É, também, parte integrante dos Cursos Artísticos Especializados.

A GDA é uma disciplina essencial a diversas áreas disciplinares, tais como, a arquitetura, a engenharia, as artes plásticas e o design onde a representação do espaço tem elevada importância. Esta permite desenvolver a capacidade de ver, de perceber, de organizar e catalogar o espaço envolvente. Desta forma, a presença desta disciplina no currículo do curso de artes visuais pretende também contribuir não só para a formação de indivíduos enquanto tal mas também para a criação de "diálogo" entre a mão e o cérebro, no desenvolvimento recíproco de ideias e representações gráficas.

**Tabela 14** - Análise sumária ao programa de GDA ao longo dos 2 anos.

	GEOMERIA DESCRITIVA A	
	10º/11º ANO	11º/12º ANO
<b>OBJECTIVOS</b>	Transversais aos 2 anos.	
<b>CONTEÚDOS</b>	Os conteúdos estão divididos pelos dois anos que compõem a disciplina havendo revisão no início do segundo ano.	
<b>COMPETÊNCIAS</b>	Transversais aos 2 anos.	
<b>CARGA HORÁRIA</b>	Mantém-se igual para os dois anos.	
<b>METODOLOGIA ENSINO/APRENDIZAGEM</b>	A metodologia de ensino difere de um ano para outro na medida em que os alunos vão adquirindo novas competências.	
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	Transversal aos 2 anos.	

### 3.2.1. Objetivos da disciplina

Os objetivos gerais compreendem o desenvolvimento das capacidades de perceção visual - ver, perceber, organizar e catalogar o espaço. Estes materializam-se nos seguintes objetivos específicos:

- Conhecer a fundamentação teórica dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;
- Identificar os diferentes tipos de projeção e os princípios base dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;
- Reconhecer a função e vocação particular de cada um desses sistemas de representação;
- Representar com exatidão sobre desenhos que só têm duas dimensões os objetos que na realidade têm três e que são suscetíveis de uma definição rigorosa (Gaspard Monge);
- Deduzir da descrição exata dos corpos as propriedades das formas e as suas posições respetivas (Gaspard Monge);
- Conhecer vocabulário específico da Geometria Descritiva;
- Usar o conhecimento dos sistemas estudados no desenvolvimento de ideias e na sua comunicação;
- Conhecer aspetos da normalização relativos ao material e equipamento de desenho e às convenções gráficas;
- Utilizar corretamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho, adotando atitudes comportamentais construtivas, solidárias tolerantes e de respeito.

### 3.2.2. Conteúdos do programa da disciplina

Os conteúdos desta disciplina, divide-se em módulos, nos 2 anos: **Módulo inicial** (contempla conteúdos essenciais de Geometria Euclidiana do Espaço); **Introdução à Geometria**

**Descritiva; Representação Diédrica** (tema central do Programa que se divide pelos dois anos); **Representação Axonométrica** (a sua aplicação na representação de formas tridimensionais). Paralelamente a estes conteúdos existem outros, também muito importantes, como por exemplo, as questões sobre a normalização do desenho em relação ao equipamento utilizado e aos seus aspetos de representação.

São conteúdos para o 10º ano:

- **Módulo Inicial** - Ponto; Reta; Plano; Posição relativa de retas e planos; Perpendicularidade de retas e planos; Superfícies; Sólidos; Secções planas de sólidos e truncagem;
- **Introdução à Geometria Descritiva** - Geometria descritiva; Tipos de projeção; Sistemas de representação; Introdução ao estudo dos sistemas de representação triédrica e diédrica;
- **Representação Diédrica** - Ponto; Segmento de reta; Reta; Figuras planas I; Plano; Intersecções; Sólidos I; Métodos geométricos auxiliares I; Figuras planas II; Sólidos II.

São conteúdos para o 11º ano:

- **Representação Diédrica** - Paralelismo de retas e de planos; Perpendicularidade de retas e planos; Métodos geométricos auxiliares II; Problemas métricos; Figuras planas III; Sólidos III; Secções; Sombras;
- **Representação Axonométrica** - Introdução; Axonometrias oblíquas ou clinogonais; Axonometrias ortogonais; Representação axonométrica de formas tridimensionais.

### 3.2.3. Competências

São competências a adquirir e desenvolver:

- A perceção visual da tridimensionalidade no espaço;
- Aplicar de forma correta as normas de representação dos processos de construção;
- Reconhecer a normalização da representação do desenho;
- Utilizar de forma correta os instrumentos de desenho e executar traçados com precisão;
- Saber utilizar a Geometria Descritiva em situações de comunicação e registo;
- Saber representar formas reais ou imaginadas;
- Ser autónomo no desenvolvimento de atividades individuais;
- Planificar e organizar;
- Integrar grupos de trabalho.

### 3.2.4. Carga horária

Na matriz do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais a carga horária de Geometria Descritiva é de 3 tempos semanais de 90 minutos cada. No entanto, e voltando aos conteúdos deste programa, o aconselhável será dividir a carga horária de seguinte forma: 9 aulas, para o Módulo Inicial; 4 aulas, para a Introdução à Geometria Descritiva; 164 aulas, para a Representação Diédrica e 21 aulas para a Representação Axonométrica, o que dá um total de 198 aulas de 90 minutos cada.

### 3.2.5. Metodologias

As metodologias sugeridas no programa de GDA, recomendam ao professor um modo coeso de conduzir as suas aulas, articulando de forma harmoniosa a teoria e a prática da disciplina. Desta forma, o programa sugere que as aulas de GDA devam ocupar carácter teórico-prático

onde a participação dos alunos tem relevante importância, beneficiando a participação dos alunos, durante o tempo das aulas, de planificação teórica dos conceitos. É necessário que o professor consiga estimular a atenção nestas aulas, levando os alunos a construir conhecimento colocando as suas próprias dúvidas no momento da aula ou nas seguintes aulas, depois da reflexão sobre o tema da aula, para testar a apreensão e compreensão das aprendizagens adquiridas com as aulas práticas. Para consolidar a aula teórica, será indispensável passar para as aulas práticas os conceitos adquirido nas aulas teóricas, de forma a facilitar “(...) a compreensão das situações espaciais que se colocam, permitindo vislumbrar o seu encadeamento e fundamentação.”<sup>86</sup> conforme é explicado pelos autores do programa de GDA.

Devido ao grau de abstração com que o aluno se deparam no início do 1º ano desta disciplina, aconselha-se a utilização de formas/modelos tridimensionais para compreender melhor o abstrato fazendo uma ligação ao concreto através da simulação:

- O recurso a software de Geometria Dinâmica<sup>87</sup> em complemento com os modelos tridimensionais fortalece esta ideia podendo dar ao aluno respostas mais imediatas, tornando a experimentação uma realidade.
- Promover trabalhos práticos de levantamento de medidas de equipamentos, tais como, edifícios, móveis, entre outros, com o intuito de construir maquetas tridimensionais ou até mesmo em softwares específicos como o AutoCad.
- Como nem todas as escolas têm possibilidade de auferir de modelos tridimensionais específicos para GDA ou de computadores apetrechados de software de geometria dinâmica, o professor pode e deve planear aulas práticas com o objetivo de construir, com os alunos, conjuntos de modelos tridimensionais que os irão ajudar a entender os conceitos que irão sendo introduzidos, nas aulas, durante todo o ano letivo.
- A divisão dos módulos pelos dois anos que perfazem esta disciplina é outro método dirigido essencialmente a alunos médios que têm normalmente mais dificuldades na aprendizagem. Os autores do programa justificam-se com a necessidade de se fazer uma pausa na aprendizagem para reflexão dos seus conteúdos e cimentar conhecimentos.
- O professor deve promover momentos de exploração teórica dos conceitos inerentes à disciplina dando espaço para a discussão e reflexão em contexto de sala de aula.

Sugerem também os autores, que sejam convidados profissionais de áreas integrantes da Geometria Descritiva para dar palestras ou participar nas aulas não só para transmitir experiência profissional mas também para contextualizar a disciplina no mercado de trabalho.

### 3.2.6. Avaliação

A avaliação desta disciplina é continua tendo em conta três componentes: diagnóstica, formativa e sumativa.

---

<sup>86</sup> Vide Programa de GDA, página 13.

<sup>87</sup> A Geometria Dinâmica é uma forma dinâmica de ensinar a Geometria Descritiva recorrendo a software de representação gráfica 3D rigorosa. É uma método que interage mais com o utilizador podendo este manipulá-lo e experienciá-lo apreendendo melhor os resultados finais.

Os domínios avaliados estão intrinsecamente ligados com os objetivos e com as competências adquiridas e são eles: a aplicação dos conceitos adquiridos; a utilização dos instrumentos de desenho e a execução dos traçados; a realização - competências implicadas na utilização imediata da disciplina em situações de comunicação ou registo e competências que atuam na capacidade de perceção e de visualização; atitudes manifestadas na realização do trabalho; técnicas e instrumentos de avaliação tais como, trabalhos realizados, observação direta e provas de avaliação.

### **3.3. Caracterização do grupo de Artes Visuais**

O núcleo de estágio privou, no decorrer do estágio, apenas com o professor coordenador, também professor da disciplina de Geometria Descritiva A e orientador pedagógico do núcleo de estágio do MEAV-UBI. No entanto, as professoras estagiárias preocuparam-se em saber quais as formações e disciplinas atribuídas aos restantes docentes do grupo de Artes Visuais no sentido de poder vir a estabelecer eventuais parcerias, assim como se procurou informação sobre as médias de idades e tempo de serviço<sup>88</sup>, no sentido de entender, também, qual a experiência docente dos mesmos. A formação destes professores distribui-se por três áreas de formação diferentes - as belas artes, as tecnologias artísticas e o design gráfico sendo este último predominante (5 dos 7 professores têm Licenciatura em Design Gráfico e Equipamento Geral).

As disciplinas pertencentes ao grupo 600 - Artes Visuais, lecionadas pelos professores do grupo de Artes Visuais são: no 3º ciclo do ensino básico - Educação Visual e Expressões e Tecnologias e no ensino secundário - Geometria Descritiva A, Desenho A, História da Cultura e das Artes, Materiais e Tecnologias, Oficina Multimédia B e Oficina de Artes como oferta de escola.

### **3.4. Caracterização do Núcleo de Estágio**

O núcleo de estágio é formado pelo Orientador Científico (UBI), pelo Orientador Pedagógico (ESAL) e pelas 3 professoras estagiárias e alunas finalistas (MEAV-UBI, 2011-2013) - Andreia Fernandes; Alice Batista; Cláudia Silva (autora deste relatório) - cujas áreas de formação já foram referidas aquando se descreveram os membros da equipe do LUPA.

Como Orientador Científico - Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Oliveira Caiado<sup>89</sup> (1967), Professora Auxiliar Convidada da UBI, doutorada em Belas Artes pela Universidade Complutense de Madrid. Atualmente exerce o cargo de Diretora do MEAV-UBI.

---

<sup>88</sup> O grupo de Artes Visuais é composto por 7 professores com idades compreendidas entre os 49 e os 57 anos, todos eles pertencentes aos quadros efetivos da escola. O tempo de serviço dos professores deste grupo, está compreendida entre os 22 e os 37 anos, perfazendo uma média de tempo de serviço de 29,5 anos.

<sup>89</sup> Consultar Curriculum Vitae da Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Oliveira Caiado no Anexo 7.

Como Orientador Pedagógico - Dr. José Manuel Neves dos Santos<sup>90</sup> (1959), licenciado em Design Gráfico e Equipamento Geral pelo IADE, atualmente professor da disciplina de Geometria Descritiva A (ESAL) e coordenador do grupo disciplinar de Artes Visuais.

### **3.5. Caracterização da turma 11AVIS1**

Da PES do ano letivo 2012/2013, faziam parte 3 turmas de Geometria Descritiva A. Uma de 10º ano e duas de 11º ano do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Ficaram assignadas a cada professora estagiária, da seguinte forma: a turma 10AVIS1 (10º ano) à professora Alice Batista; a turma 11AVIS1<sup>91</sup> (11º ano) à professora estagiária Cláudia Silva e a turma 11AVIS2 (11º ano) à professora estagiária Andreia Fernandes.

Da turma de 11º ano, AVIS 1, faziam parte 32 alunos, dos quais apenas 18 frequentavam a disciplina de Geometria Descritiva A, nesta turma (2 alunos, por sobreposição de horário e a pedido elaborado ao professor da disciplina, frequentavam as aulas de GDA da turma AVIS 2). Em relação aos restantes alunos, não foram informados os verdadeiros motivos que os levaram a não frequentar as aulas de GDA mas, de qualquer forma, através da grelha de alunos constata-se que eram na sua maioria alunos inscritos no 12º ano.

As idades dos 18 alunos que frequentavam a disciplina concentravam-se entre os 15 e os 20 anos de idade - 7 alunos com 15 anos; 6 alunos com 16 anos; 5 alunos com 17 anos, um aluno com 18 e outro com 20.

### **3.6. Recursos e Metodologias de ensino adotadas**

Os recursos adotados pelo professor coordenador da PES passaram maioritariamente pelo uso do quadro branco. A destreza dos cerca de 20 anos de ensino desta disciplina permite-lhe facilmente explicar aos alunos os conceitos necessários para a compreensão holística do tema em abordagem. Os modelos tridimensionais também foram usados pelo professor coordenador, nas aulas sobre intersecção de sólidos por planos.

Os recursos materiais necessários e obrigatórios para elaboração da disciplina de GDA são: material de escrita - de preferência lapiseira de minas, por ser mais rigorosa, ou caneta específica para desenho; borracha branca; papel A<sub>3</sub> resistente - por exemplo o chamado “papel cavalinho”; régua de 50 cm; esquadro de 45º; aristo; compasso.

Tendo consciência que, uma das maiores dificuldades que os alunos desta disciplina encontram é o entendimento da correlação entre o real, a tridimensionalidade, e o abstrato, com a representação no plano, a professora estagiária optou por adotar estratégias que

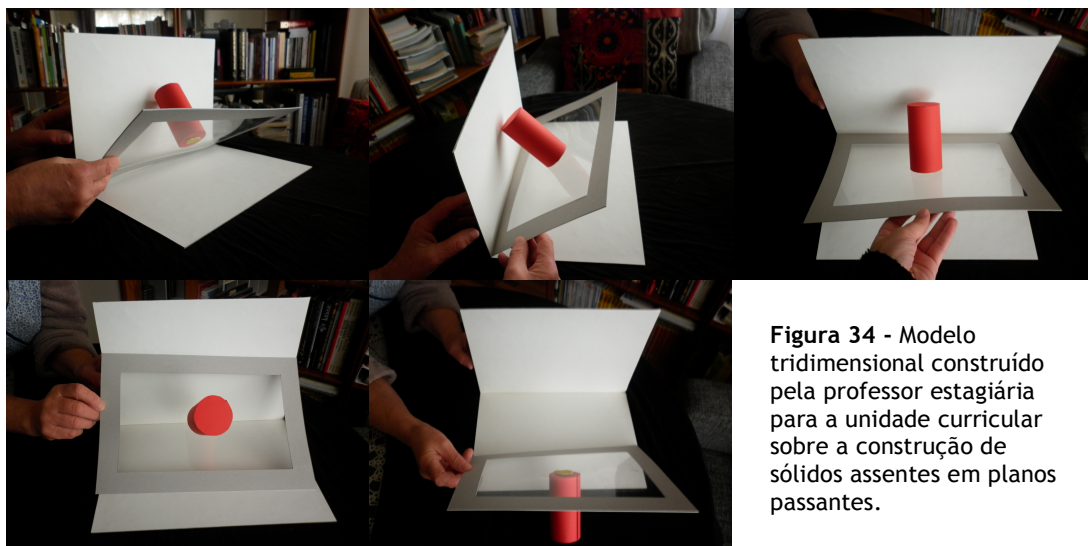
---

<sup>90</sup> Consultar Curriculum Vitae do Dr. José Santos no Anexo 8.

<sup>91</sup> Consultar no Anexo 9 os lista de alunos 11AVIS1, horários e cronograma de atividades da PES.

estabelecessem esta ligação com a premissa de construir uma aprendizagem assertiva sobre o abstrato.

A professora estagiária optou pelo uso da projeção de exercícios pré estabelecidos passo a passo, com o auxílio de software específico, de forma a minimizar os riscos de erro e da construção de um modelo tridimensional para auxiliar na explicação da unidade de trabalho sobre a construção de sólidos assentes em planos passantes.



**Figura 34** - Modelo tridimensional construído pela professor estagiária para a unidade curricular sobre a construção de sólidos assentes em planos passantes.

As aulas definiram-se segundo teóricas ou práticas da seguinte forma esquematizada:

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Aulas teóricas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Apresentação de exercícios passo-a-passo com recurso ao quadro branco e, essencialmente, a vídeo-projeção de slides concebidos especificamente para os conteúdos da aula. A preparação das aulas, os exercícios contidos nos slides e os slides foram construídos com recurso ao seguinte software: Microsoft Office - Word, PowerPoint e Excel e Adobe - Illustrator e Photoshop;</li> <li>· Demonstrações, com recurso a modelos tridimensionais, apresentando a possibilidade de manobrar estes modelos com o intuito de aprender pela experimentação, tornando-se mais fácil a tradução para o papel da perceção espacial;</li> <li>· Demonstrações com recurso a software de Geometria Dinâmica, SketchUp 3D e Geogebra.</li> </ul>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Aulas práticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Resolução de exercícios retirados dos manuais adotados;</li> <li>· Revisão de matéria de aulas anteriores para tirar dúvidas;</li> <li>· Resolução de exercícios elaborados como trabalho para casa (TPC);</li> <li>· Fichas de avaliação sobre a matéria lecionada.</li> </ul>

### 3.7. Aulas assistidas

Foram 6 as aulas assistidas, planeadas pela professora estagiária redatora deste relatório. Apresentam-se na seguinte tabela as datas e sumários de cada aula.

	Data	Sumários
Aula 1 <sup>92</sup>	6 Nov. 2012	<ul style="list-style-type: none"><li>· Revisão dos conteúdos abordados anteriormente necessários para a matéria a abordar na aula;</li><li>· Ângulo formado por dois planos projetantes Frontais;</li><li>· Ângulo formado por dois planos projetantes Horizontais;</li><li>· Ângulo formado por dois planos Oblíquos;</li><li>· Ângulo formado por um plano Oblíquo e um plano de Topo;</li><li>· Ângulo formado por um plano Oblíquo e um plano Vertical;</li><li>· Ângulo formado por dois planos de Rampa;</li><li>· Ângulo formado por um plano de Rampa e um plano Horizontal (Nível);</li><li>· Resolução de exercícios;</li><li>· Esclarecimento de dúvidas.</li></ul>
Aula 2 <sup>93</sup>	7 Nov. 2012	<ul style="list-style-type: none"><li>· Realização de uma Ficha de Avaliação (Ficha nº2) com exercícios sobre a determinação da verdadeira grandeza (V.G.) dos ângulos diedros entre dois planos;</li><li>· Correção da Ficha de Trabalho elaborada em de casa (Ficha nº1);</li><li>· Esclarecimento de dúvidas acerca da Ficha nº1.</li></ul>
Aula 3 <sup>94</sup>	27 Nov. 2012	<ul style="list-style-type: none"><li>· Revisão da construção de figuras planas assentes sobre planos oblíquos;</li><li>· Construção de sólidos assentes em planos oblíquos;</li><li>· Resolução de exercícios.</li></ul>
Aula 4 <sup>95</sup>	11 Dez. 2012	<ul style="list-style-type: none"><li>· Revisão da construção de figuras planas assentes sobre planos de rampa;</li><li>· Construção de sólidos, pirâmides, prismas e cilindros, assentes em planos de rampa;</li><li>· Revisão da construção de figuras planas assentes sobre planos passantes;</li><li>· Construção de sólidos assentes em planos passantes;</li><li>· Resolução de exercícios.</li></ul>
Aula 5 <sup>96</sup>	18 Fev. 2013	<ul style="list-style-type: none"><li>· Seccionamento de sólidos, retos e oblíquos, por planos de rampa;</li><li>· Resolução de exercícios;</li><li>· Esclarecimento de dúvidas.</li></ul>
Aula 6 <sup>97</sup>	19 Fev. 2013	<ul style="list-style-type: none"><li>· Seccionamento de sólidos, retos e oblíquos, por planos de rampa;</li><li>· Resolução de exercícios;</li><li>· Esclarecimento de dúvidas;</li><li>· Ficha de avaliação sumativa.</li></ul>

De uma forma geral, as aulas assistidas da professora estagiária Cláudia Silva correram dentro da normalidade, foi sempre pontual, demonstrando-se disponível para corrigir dúvidas decorrentes das aulas teóricas, ainda que sempre algo nervosa. Os planos de aula foram cumpridos embora, com algumas decisões menos felizes, relativas aos métodos afetos a cada conteúdo.

<sup>92</sup> Consultar informação da Aula nº 1 no Apêndice 9.

<sup>93</sup> Consultar informação da Aula nº 2 no Apêndice 10.

<sup>94</sup> Consultar informação da Aula nº 3 no Apêndice 11.

<sup>95</sup> Consultar informação da Aula nº 4 no Apêndice 12.

<sup>96</sup> Consultar informação da Aula nº 5 no Apêndice 13.

<sup>97</sup> Consultar informação da Aula nº 6 no Apêndice 14.

Assim, para melhor explicar o decorrer destas aulas optou-se por elaborar a seguinte tabela/análise:

Aula	Pontos Positivos	Pontos menos Positivos
1	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foi pontual e elaborou a chamada recorrendo à planta da sala<sup>98</sup>;</li> <li>· Apresentou os conteúdos programáticos com recurso à projeção em PowerPoint;</li> <li>· Explicou, recorrendo a uma maquete, o procedimento para determinar o ângulo formado entre dois planos;</li> <li>· Interagiu de forma natural, clara e assertiva com os alunos;</li> <li>· Cumpriu a planificação prevista.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Apresentava-se nervosa;</li> <li>· Optou por não fornecer ficha de apoio aos alunos, o que obrigou os alunos a tirar notas da aula, tornando-a mais lenta;</li> <li>· Apresentou um exercício finalizado, ou seja com os traços finais, com o intuito de o explicar. Notou-se dificuldade por parte dos alunos em entender o exercício quando não apresentados exercícios passo-a-passo;</li> <li>· Embora a planificação tenha sido cumprida faltou no final da aula elaborar um resumo para clarificar melhor os conteúdos.</li> </ul>
2	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foi pontual e elaborou a chamada;</li> <li>· Entregou as fichas de avaliação, lendo-as e alertando para o rigor dos traçados, tirando as dúvidas iniciais dos alunos que as tinham;</li> <li>· Assumiu os erros cometidos corrigindo-os com assertividade e atempadamente;</li> <li>· Experimentou, de forma positiva, a resolução de um exercício do TPC da aula anterior no quadro branco com a ajuda de uma das alunas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Durante o tempo de realização da ficha o OP detetou dois erros em exercícios que teriam sido remetidos anteriormente para sua aprovação;</li> <li>· No seguimento destes erros um dos exercícios teve que ser anulado.</li> </ul>
3	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foi pontual e elaborou a chamada;</li> <li>· A professora mostrou-se eloquente;</li> <li>· Mesmo após alguns contratempos foi possível cumprir o plano de aula previsto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Alunos especialmente cansados o que levou a ter que explicar várias vezes a mesma coisa a duas alunas perdendo algum tempo da aula que não estava previsto;</li> <li>· Este tempo despertou alguma inquietação por parte da maior parte dos alunos tendo a professora sido obrigada a chamar, várias vezes, a atenção durante a aula;</li> </ul>
4	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foi pontual e elaborou a chamada;</li> <li>· Mostrou-se mais segura que nas aulas anteriores tendo esta aula decorrido de acordo o previsto;</li> <li>· Quando necessário foi assertiva a manter a ordem na sala.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· No tempo estipulado para a realização de alguns exercícios os alunos mostraram alguma inquietação o que perturbou um pouco a aula. Esta foi a última aula antes das férias e mostravam sinais de cansaço.</li> </ul>
5	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foi pontual e elaborou a chamada;</li> <li>· Apresentou os conteúdos da aula;</li> <li>· Explicou a matéria com clareza demonstrando mais segurança;</li> <li>· Recorreu a novos recursos, software de Geometria Dinâmica, para auxiliar a explicação dos conteúdos da aula;</li> <li>· A professora mostrou enorme segurança conseguindo cumprir com todos os objetivos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· O recurso a software de Geometria Dinâmica para explicar os conteúdos acabou por entusiasmar alguns alunos originando um ligeiro atraso no planeamento da aula;</li> <li>· A ficha de exercícios prevista devido ao atraso no planeamento teve que ser terminada como TPC.</li> </ul>
6	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foi pontual e elaborou a chamada;</li> <li>· A professora conseguiu de forma muito positiva solucionar a dificuldade na apresentação de uma das resoluções;</li> <li>· Ficha de avaliação decorreu sem contratempos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Na projeção dos trabalhos de casa teve alguma dificuldade em explicar a resolução dos mesmos devido à deficiente projeção dos desenhos - falta de legibilidade;</li> <li>· Alguns alunos não terminaram a ficha dentro do tempo estipulado.</li> </ul>

<sup>98</sup> Consultar Apêndice 15 referente ao mapa da sala de aula.

### 3.8. Avaliação

De acordo com o que já foi esclarecido em relação à avaliação do programa de GDA, a avaliação desta disciplina foi elaborada, continua e teve em conta três componentes: diagnóstica, formativa e sumativa, intrinsecamente ligados com os objetivos e com as competências adquiridas<sup>99</sup>.

A **avaliação diagnóstica** foi elaborada no início do ano letivo pelo professor da disciplina, ainda sem a presença das professoras estagiárias. Esta avaliação tem como objetivo elaborar uma análise do grau de conhecimentos dos alunos em relação à disciplina de GDA, podendo a partir dessa avaliação traçar um plano real tendo em conta as características da turma.

A **Avaliação Formativa** foi todo um processo contínuo elaborado em cada aula lecionada pela professora estagiária de forma a melhorar o processo de ensino-aprendizagem e de o adequar à turma e, quando possível, a cada aluno.

A **Avaliação Sumativa** partiu dos resultados obtidos nas Fichas de Avaliação, Exercícios das aulas, TPC que foram sendo elaborados durante o tempo letivo, de acordo com a evolução das aprendizagens e competências pré-definidas para a disciplina de GDA.

---

<sup>99</sup> Consultar Critérios de Avaliação da Disciplina de Geometria Descritiva A - 11º ano no Anexo 10.

## Capítulo 4:

### *Projeto Vídeo Arte*

As professoras estagiárias propuseram, no início do ano letivo 2012/2013, através de candidatura<sup>100</sup> entregue ao orientador pedagógico, professor José Santos e ao diretor da ESAL, professor João Belém, desenvolver com os alunos do ensino secundário o projeto que se apresenta neste capítulo. Foi bem aceite pela direção da escola colocando à disposição das professoras estagiárias todo o material necessário à realização do mesmo.

A ideia deste projeto surge na determinação do núcleo em alcançar competências que não adquiririam apenas com a realização da prática de ensino supervisionada em GDA. Essas competências poderiam facilmente acontecer através da concepção e elaboração de projetos próprios, inovadores no contexto escolar da ESAL, cuja gestão fosse da inteira responsabilidade deste núcleo e tendo como público-alvo todos os alunos do ensino secundário desta escola.

A Videoarte surge como a área, de entre as propostas, mais aliciante tanto para o núcleo de estágio como para os alunos desta escola por vários motivos: a escola tinha todo o material necessário para a elaboração de um projeto de vídeo - infraestruturas, som e imagem; era a área de formação da professora estagiária Alice Batista e a professora estagiária Cláudia Silva trazia as competências na gestão e produção de eventos que auxiliaria a organização dos projetos; alguns alunos manifestaram interesse na área do vídeo, da realização e da pós-produção.

#### 4.1. O projeto

“Importa, portanto, “educar” na idade juvenil, quando o rigor da razão e da vida está em pleno crescimento; todas as faculdades crescem e lançam profundas raízes.” (Coménio, *Didáctica Magna*, 2006, p.209)

Vivemos numa sociedade carente de figuras promotoras de regras e de valores marcada, também, pela crise das famílias caracterizada pelo modo como os adultos (pais e famílias) têm desistido das suas responsabilidades relativamente aos jovens. A globalização e a multiculturalidade trazem desafios às comunidades que nem sempre são entendidos ou aproveitados da forma mais correta - a intolerância à diferença gera comportamentos racistas e xenófobos e os alunos nem sempre entendem a diferença entre informação e conhecimento. Aliado a tudo isto, uma incerteza cada vez maior do que nos reserva o futuro. Esta é a realidade na qual o professor e a escola têm de atuar tornando-se essencial que o professor faça esta reflexão, que enquadre a sua escola nesta diversidade que tanto caracteriza a

---

<sup>100</sup> Consultar Apêndice 16 - Carta proposta para atividade extracurricular - projeto Vídeo Arte.

sociedade do Séc. XXI e que, considerando as suas especificidades, planifique o seu trabalho e as suas estratégias de intervenção educativa numa tentativa de antecipar o que poderá ser a sociedade para estes futuros adultos que pretendemos responsáveis, portadores de valores, de regras, capazes de entender os seus direitos e deveres, que trabalhem em equipa e que consigam sentir empatia pelo próximo.

Assim, o núcleo de estágio entendeu que proporcionar aos estudantes a prática do raciocínio/pensamento artístico e criativo, acompanhados de um estímulo por uma preocupação ético-política dos seus produtos de criação, ao nível do seu impacto, em que os visiona, os motiva e auxilia a atingir estes objetivos, através de uma proposta educativa que oriente o aluno a criar, a expressar-se e a questionar, na procura de um vínculo entre a imagem, a imaginação e o conceito, o alertar para a mensagem, estética e ética, perspetivando uma reflexão sobre o eu artístico ainda em construção.

## 4.2. Videoarte

A Videoarte é uma expressão da arte contemporânea que tem como elemento principal a projeção da imagem fixa ou em movimento verificando-se a possibilidade de exploração poética pela experiência, leitura da imagem e reflexão. Pretende-se, desta forma, que os alunos ao produzirem os seus próprios trabalhos em Videoarte, consigam alterar a sua relação com qualquer tipo de imagem, tais como a animação, a performance ou a narrativa experimental. A Videoarte distingue-se de outros usos de vídeo (em documentários, notícias e outros campos significativos). A arte está na intenção do artista em fazer algo sem a limitação de algum outro objetivo que não as questões estéticas (incluindo éticas) que pretende abordar.

Traçando um brevíssimo recorrido pelos principais artistas da Videoarte e principais características das suas propostas neste campo e mostrando imagens de obras relevantes que falam por si, começemos por referir:

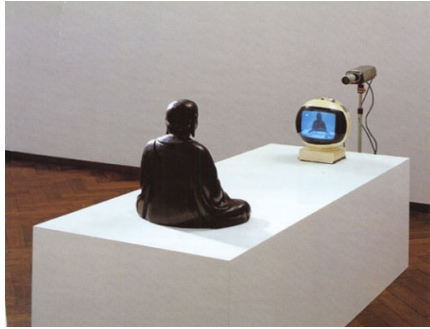
**Nam June Paik<sup>101</sup> (1932, Seoul/Korea - 2006, Miami/EUA)** - as suas pesquisas realizadas na década de 60 com material electrónico, eletromagnetismo, vídeo e música consagram-no como precursor e principal expoente da Videoarte, em concreto através de: pioneirismo e

---

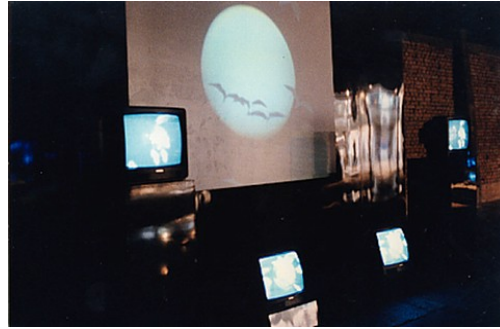
<sup>101</sup> Paik formou-se em História da Arte e História da Música na Universidade de Tóquio, Japão, para onde mudou-se aos 18 anos. Completou seus estudos na Universidade de Munique, Alemanha, onde começou a desenvolver os primeiros trabalhos que, já então, definia como "multimédia", integrando música, performance e monitores de TV. No fim da década de 50 conhece John Cage e participa do movimento artístico de vanguarda Fluxus, através do qual, já em 1963, apresenta a primeira exposição de obras montadas com monitores de TV na Galeria Parnass, em Wuppertal.

No fim da década de 60 seu trabalho já se manifesta de várias formas - performances, vídeos, instalações e videoesculturas. Na década de 70, o reconhecimento de sua obra amplia-se, valendo-lhe o título de criador de uma nova linguagem, adquirindo seguidores e firmando-se como uma escola artística. Apresenta as primeiras exposições retrospectivas na Alemanha e nos Estados Unidos, em espaços consagrados como o Whitney Museum de Nova York. Na década de 80 confirma seu pioneirismo realizando a primeira transmissão broadcast via satélite do vídeo Good Morning Mr.Orwel e, em 1987, é eleito membro da Akademie der Künste em Berlim.

experimentalismo com a televisão e o vídeo; subversão de expectativas do telespectador, libertação do cinema comercial e alternativo/underground.



**Figura 35 - Nam June Paik. *TV Buddha*, 1974, vídeo-instalação, Victoria and Albert Museum of London.**  
Uma escultura do Buda contempla sua própria imagem numa tela de TV. "TV Budha" representa a superficialização do princípio de confronto do ser com ele mesmo.



**Figura 36 - Nam June Paik. *TV Moon*, 1996, vídeo-instalação.**  
Evoca as fases da lua, em doze monitores com imagens em preto-e-branco se movendo simultaneamente, imagens luminosas e circulares, quadros meditativos das fases lunares.



**Figura 37 - Nam June Paik. *Electronic Superhighway*, 1995 (Bienal de Veneza), Vídeo-instalação.**  
Quarenta e sete canais e instalação de circuito fechado de vídeo com 313 monitores, néon e estrutura de aço; aprox. 15x32x4 feet. 15x32x4 pés.

Verifica-se assim que estas obras de Paik se situam no "sub-campo" da Videoarte denominado como Vídeo-instalação e cujas principais características resumimos como se segue: o ambiente que cerca a obra faz parte do trabalho; reconhecimento do ambiente externo ao monitor; espaço escultural expandido; diálogo com o espaço arquitetónico; Importância do contexto (*site specific*); interatividade/participação do espetador; aprimora a exploração do "tempo", conceito central da Videoarte; apesar das raízes remontarem a uma atitude anti-museu, os trabalhos são exibidos principalmente em espaços institucionais (museus e galerias).

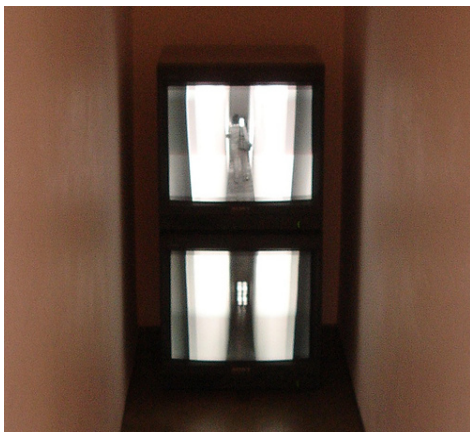
Já, nos anos 80 do séc. XX, a Videoarte apresenta as seguintes tendências: ampliação da ideia de videoinstalação - Projetores (UMATIC); vídeo em campo expandido / ampliação do campo sensorio; corpo em escala com a imagem; a percepção em relação à imagem do vídeo é

intensificada, o corpo está mais exposto aos seus efeitos; a acentuação de realidades espaço temporais diferenciadas/Virtualidade do vídeo em relação com espaço físico, materialidade/Relação híbrida.

A partir dos anos 90 do séc. XX, a Videoarte apresenta as seguintes tendências: convergência dos média - computação/Multimédia /Interatividade; natureza analógica *versus* Natureza digital; Internet; Flash Art; Vídeo passa a ser pensado como circulação; manipulação digital: critérios de verdade em questão; vídeo como código híbrido.

Outras obras e artistas:

As seguintes obras de Bruce Nauman (EUA) exploram as seguintes questões estéticas e éticas das questões dos circuitos de vigilância: incita o espectador a reagir ao objeto visto / quebra a passividade; espectador como *performer*; espectador completa o sentido da obra (Duchamp); invasão de privacidade; captação e exibição em tempo real ou intervalos: sentir o tempo imediato; colapso do tempo em múltiplas projeções: passado, presente e futuro se encontram.



**Figura 38** - Bruce Nauman (EUA) - “Corridor Instalation”, 1970 - Ambiente instalativo/Sistema de vigilância.



**Figura 39** - Douglas Gordon, *Between Darkness and Light (after William Blake)*, 1997. O trabalho consiste na projeção sobreposta da imagem e do som de dois filmes, “O exorcista” e “A canção de Bernadette”.



Figura 40 - Douglas Gordon. *Através do espelho*, 1999.



Figura 41 - Gary Hill, *Viewer*, 1996.



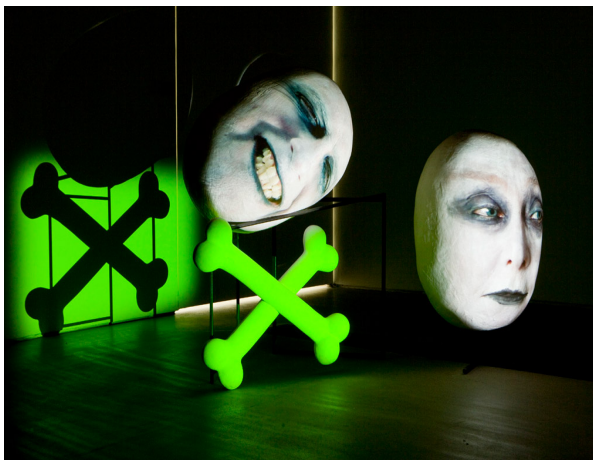
Figura 42 - Marina Abramovic, *Bankan Baroque*, 1997.



**Figura 43** - Tony Oursler, *Eyes*, 1996.

**Tony Oursler** (New York City, 1957, reconhecido desde meados da década de 1970) é mais um dos pioneiros no uso dos novos mídia, sendo o seu trabalho marcado pelo experimentalismo e inovação da linguagem vídeo, combinando texto falado, performance, imagens em movimento e objetos escultóricos. Tem a particularidade de não projetar os seus trabalhos exclusivamente sobre superfícies uniformes, mas concebe a projeção de imagens de vídeo sobre bonecas, bolas, arquitetura e outras superfícies, como árvores e nuvens de vapor.

Frequentemente o artista utiliza imagens da cabeça humana como metáfora do “*centro da consciência permeável*”. Este ícone interage com o (re-)fluxo de elementos como luz, fumo, pensamentos, impulsos, linguagem, voz e memória. A mensagem ética das suas instalações está associada aos efeitos sobre a humanidade da nossa sociedade da informação e meios de comunicação - ao fluxo cada vez maior da informação, à fragmentação do mundo e a alienação de nossos próprios corpos e da sociedade. Usa a tecnologia (vídeo e cinema), na sua obra, para poder simular características humanas e emocionais, em associação com voz, imagens estáticas e em movimento, (re-) criando e exibindo uma humanidade quer cria no observador um efeito perturbador.



**Figura 44** - Tony Oursler, *Bilocation (Non-reflective)*, 2009, Poliuretano expandido, resina, fibra de vidros, aço, vídeo projeção.



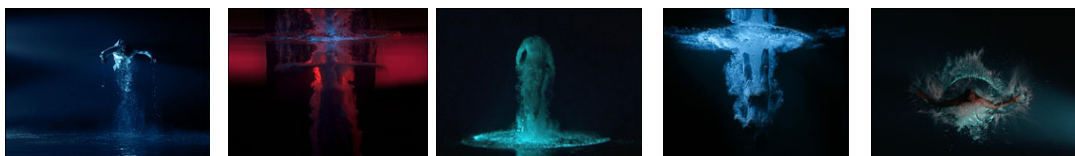
**Figura 45** - Tony Oursler. *Troubler (2 works)*, 1996. Bonecas, prateleira de madeira, cassete vhs, tape, gravador e projetor.

**Bill Viola** (1951, Nova Iorque)<sup>102</sup> - atualmente, um dos vídeo-artistas norte-americanos mais importantes, na contribuição para o gênero da Videoarte. Desde as suas primeiras obras que se mantém o fascínio por temas, como capturar a essência das emoções e do sentido e experiência humanas - nascimento, morte, amor,... -, imbuídos da espiritualidade das tradições místicas, especialmente o budismo, o misticismo cristão de São João da Cruz, o Islão, bem como pela arte ocidental medieval e do renascimento. Todas estas influências marcaram a sua obra. A morte da sua mãe foi uma experiência extremamente dolorosa para Bill Viola, acentuando ainda mais a sua inclinação pelos temas espirituais. Quanto às técnicas recorre frequentemente a câmara ultra-lenta (ultra slow-motion) induzindo o espectador a se envolver com a imagem e se conectar profundamente com os significados desta.



**Figura 46** - Bill Viola. *Sala para São João da Cruz*, 1983.

**Figura 47** - Bill Viola, *Five Angels for the Millennium*, 2001. Videoinstalação -Projeção de vídeo a cores em 5 canais com som estéreo para cada projeção:



i. Departing Angel    ii. Birth Angel    iii. Fire Angel    iv. Ascending Angel    v. Creation Angel

Bill Viola não teve de enfrentar o cubo branco típico e sua estrutura acessíveis, mas um antigo local industrial, reconvertido dez anos antes em espaço destinado às artes. O gasómetro de Oberhausen é, com seus 117,5 m, a mais alta estrutura do seu tipo em Europa. Tem paredes irregulares, circulares e muito altas e apenas um elevador transparente, que leva os visitantes ao telhado.

<sup>102</sup> Bill Viola realizou exposições em lugares tão importantes como a National Gallery de Londres, o Museu Guggenheim Berlin, o Museu Guggenheim Nova Iorque, o Whitney Museum of American Arte, o Getty Center de Los Angeles, e o Metropolitan Museum of Arte de Nova Iorque.

Pipilotti Rist (Suíça, 1962)<sup>103</sup> - ganhou projeção na década de 1980 diferenciando-se com as suas instalações audiovisuais monumentais ou imersivas. Os temas explorados nestas obras são - fantasia, sonho, prazer e erotismo.

Figura 48 - Pipilotti Rist. *Homo Sapiens Sapiens Complex*, 2005.

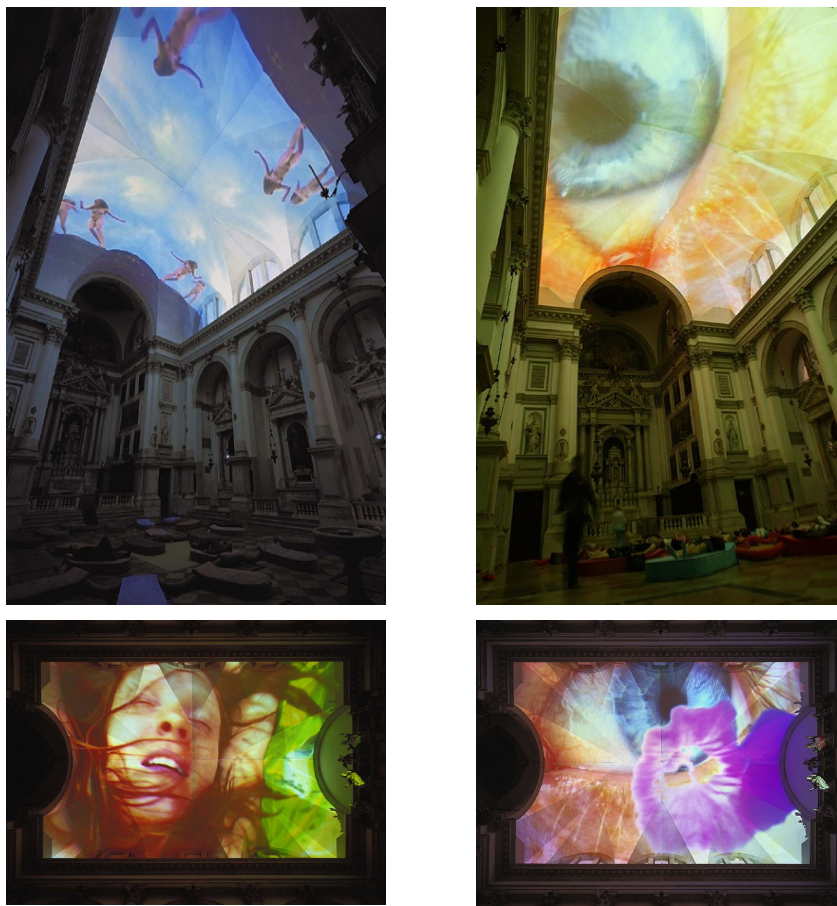


Figura 49 - Pipilotti Rist. *A Liberty Statue for London*, 2005.

“A Liberty Statue for London” (Uma Estátua da Liberdade para Londres), é obra de 2005 adaptada especialmente para a exposição no Brasil (MIS), com uso de redes coloridas (nas quais o público se deita para ver a projeção no teto) e tecidos de chita que recobrem a entrada da obra. No MIS a artista utilizou redes como acomodação para os espectadores.

Esta vídeo-instalação apresenta a viagem pré-histórica de Pepperminta (personagem criada por Rist, que protagoniza diversas de suas obras) desde sua saída do Éden (em *Homo sapiens sapiens*) até uma cidade europeia contemporânea.

<sup>103</sup> Ao longo de sua carreira, apresentou seu trabalho em espaços como o Centro Georges Pompidou, em Paris, e o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Em 1997, ganhou o Prêmio 2000 da Bienal de Veneza, onde também se destacou, em 2005, com a obra *Homo sapiens sapiens*.

### 4.3. Calendarização e comunicação

Depois de o *Projeto Vídeo Arte* ter sido aprovado pela direção da ESAL, foi aberto um período de inscrições entre 19 a 28 de Novembro de 2012. Para tal foi elaborado um cartaz (Apêndice 8) que divulgava o núcleo organizador, o período de inscrição, uma breve exposição da atividade, as datas de realização do projeto e os contactos para inscrição e/ou pedidos de informação sobre a atividade.

Inicialmente, o *Projeto Vídeo Arte* ficou planeado de forma a se realizar entre Dezembro de 2012 e Abril de 2013 em 8 sessões de 90 minutos semanais, nas quartas-feiras, a partir das 16h30, na sala inf5. Nas quartas-feiras, devido a este ser o dia em que os alunos, na sua maioria, têm a tarde livre e na sala inf5, porque é a sala que contempla as características necessárias à realização do projeto. A comunicação do projeto far-se-ia durante o mês de Abril de 2013 e a apresentação ao público aconteceria em data a definir pela direção da escola numa projeção continua no átrio da escola, evento totalmente organizado pelos alunos realizadores do projeto e no Sarau ESAL 2013 que viria a acontecer no dia 10 de Junho, perante uma audiência, alunos, professores, amigos e familiares, que encheu no Cine-Teatro Avenida.

Na tentativa de fazer chegar a informação sobre o desenvolvimento desta atividade ao maior número de alunos possível, adiou-se o período de inscrição. Desta forma, a atividade deu início com a sua primeira sessão no dia 16 de Janeiro com a presença de oito alunos.

### 4.4. Planificação

Este subcapítulo pretende descrever a planificação<sup>104</sup> dos conteúdos das 8 sessões do *Projeto Vídeo Arte*.

Na primeira sessão<sup>105</sup> deste projeto, depois da recepção aos alunos inscritos, começou-se por fazer uma breve apresentação individual, onde cada aluno referia o seu nome, idade, ano letivo, curso, motivações, competências técnicas e artísticas relacionadas com o projeto e as suas expectativas em relação aos resultados desta atividade. Em seguida foram apresentados: o conceito de Videoarte - com mostra de alguns vídeos<sup>106</sup> representativos da arte para melhor entendimento do conceito e fonte de inspiração, os objetivos - pedagógicos, aprendizagens e resultados esperados, tema e metodologia de trabalho.

O tema proposto posicionou-se em redor dos conceitos de arte e de artista. Pretendia-se com esta abordagem, que os alunos, em grupo, explorassem estes conceitos. Ambicionava-se esmiuçar o pensamento abstrato, de cada aluno, através de brainstorming entre os membros de cada grupo, e aí se colocariam questões e se determinariam metodologias e soluções, sobre o que os conceitos de arte e de artista representam nos futuros profissionais de cada

---

<sup>104</sup> Consultar Apêndice 17 - Planificação dos conteúdos das 8 sessões do *Projeto Vídeo Arte*.

<sup>105</sup> Consultar Apêndice 18 - Sessão 01 do *Projeto Vídeo Arte*.

<sup>106</sup> Consultar Apêndice 18 - Sessão 01 do *Projeto Vídeo Arte*.

aluno. Os alunos do 10º ano tiveram, notoriamente, mais dificuldade em entender o que se pretendia com a escolha deste tema e tiveram que ser orientados, com mais frequência no decorrer do brainstorming de forma a não se afastar do contexto do tema.

Ainda nesta sessão foram explicadas quais as fases pelas quais passa a realização de um vídeo, que coincidiam também com a planificação (Apêndice 17) das sessões previstas:

1. Especificação/apresentação do tema a explorar (Sessão1);
2. Pesquisa e recolha de informação (Sessão 2);
3. Adoção de uma metodologia de trabalho (Sessão 2);
4. Composição da narrativa (Sessão 3);
5. Elaboração de Storyboard (Sessão 3);
6. Planeamento de cenas (Sessão 4);
7. Organização da produção (Sessão 4);
8. Execução/capturas de imagem (Sessão 5 e 6);
9. Montagem e pós produção (Sessão 7 e 8);
10. Difusão (elaborada através dos meios de comunicação disponibilizados pela escola: email interno, site, moodle);
11. Projeção cinematográfica do *Projeto Vídeo Arte* (no Sarau e no átrio da escola).

As restantes sessões, entre as sessões 4 e 8, foram essencialmente de índole prática. Na sessão 4 trabalhou-se na produção das filmagens. O papel de uma produção efetiva é seriamente importante visto que dele depende todo o produto final. É necessário que toda a planificação da ação a desenvolver, esteja elaborada o mais pormenorizadamente possível, com o intuito de reduzir os imprevistos. É portanto necessário clarificar cena a cena. O produtor deve colocar o maior número de questões pertinentes de forma a facilitar o seu trabalho e evitar situações inesperadas. Onde se vai filmar? Em lugar público ou privado? *indoor* ou *outdoor*? Com cenário ou paisagem? É necessário licenças para gravações? Se sim a quem pedir estas licenças? São necessários atores? Se sim, quantos, onde procurar e como escolher o ator? Qual o material necessário para as gravações? E para a pós produção? Qual o software a usar? Temos acesso ao software? São algumas das questões que neste caso específico deveriam ser colocadas.

## 4.5. Caracterização do grupo participante

Inscreveram-se para esta atividade 8 alunos maioritariamente do 10º ano do Curso Científico-Humanísticos da vertente de Artes Visuais, sendo que 2 alunos são do mesmo curso na vertente de Ciências e Tecnologias. No quadro que se apresenta descrevem-se sucintamente as razões que levaram estes alunos a inscrever-se no projeto Vídeo Arte. Foi-lhes também pedido que fizessem uma breve previsão das suas expectativas em relação aos resultados esperados.

As motivações, destes alunos, refletem os motivos e gostos pessoais que os levaram a inscrever-se neste projeto e passam pelo desejo de participar numa atividade diferente das habituais ofertas de escola ou por gostos por áreas artísticas tais como o desenho, a fotografia, o vídeo e a representação. Destacam-se três situações que imediatamente levaram a uma triagem em relação ao trabalho que cada aluno teria no seio do grupo. Duas alunas referiram a produção de eventos e dois alunos referiram a representação. Na terceira situação encontramos com uma aluna cujo plano para esta ação era muito claro - o objetivo desta participação era elaborar um vídeo, artístico, para a divulgação do seu trabalho como ilustradora e tatuadora.

Face às necessidades dos alunos, verificando-se que na sua maioria pretendiam ou teriam que adquirir competências na área do vídeo ou audiovisuais, optou-se por ajudá-los nesse sentido, sobretudo aqueles que vinham à espera de concretizar um produto específico, em detrimento das expectativas iniciais das professoras estagiárias - produção de Videoarte e da exploração de questões estéticas e éticas as quais se almejavam no início. A esperança era que, agora, pelo menos, após esta experiência, os participantes ficassem munidos de competências na produção de narrativas vídeo.

Depois de caracterizado o grupo participante e com base nas apetências descritas pelos alunos, constituíram-se os grupos de trabalho. Criaram-se três grupos - um de duas pessoas e dois de três pessoas. As cores da tabela referem-se à constituição dos diferentes grupos.

**Tabela 15** - Formação de grupos, motivações e objetivos com a realização do projeto Vídeo Arte.

Ano	Idade	Alunos	Motivação	O que esperam da atividade
12º	19	Natacha Gomes - Grupo A	Desenho, fotografia e tatuagens.	Desenvolver competências relacionadas com a realização e pós produção de vídeo com o objetivo de expor o trabalho pessoal através de plataformas diferenciadas.
11º	16	Ana Marques - Grupo A	Desenho, representação e produção de eventos.	Esperança de aprender mais ao nível de pós produção vídeo.
10º	15	André Pequito - Grupo B	Fotografia e desenho.	Aprender e ocupar o tempo.
10º	15	Catarina Mateus - Grupo B	Fotografia, vídeo e produção de eventos.	Ocupar o tempo.
10º	15	Margarida Silva - Grupo B	Fotografia e vídeo.	Trabalhar com programas ligados à fotografia e vídeo.
10º	17	Jorge Santos - Grupo C	Participação numa atividade diferente.	Ocupar o tempo.
10º	15	Nuno Teixeira - Grupo C	Fotografia, representar e desenho.	Aprender a trabalhar com programas de edição de vídeo.
10º	15	João Alves - Grupo C	Participação numa atividade diferente.	Ocupar o tempo.

## 4.6. Recursos

Os recursos necessários à elaboração deste projeto passam tanto pelas infraestruturas para filmagens *indoor* e produção como pelos meios tecnológicos para captação de som e imagem, pós produção e projeção:

- Sala com cerca de 50 m<sup>2</sup> equipada com mesas e cadeiras para 8 alunos (sala Inf5);
- 10 Computadores equipados com internet e software de edição de imagem/vídeo - Adobe Photoshop, Adobe Première;
- 3 Câmaras de vídeo digitais;
- 3 Máquinas fotográficas digitais;
- 1 Tripés;
- 1 Projetor de vídeo;
- 1 Tela de projeção.

## 4.7. Avaliação

Criar momentos de avaliação foi uma preocupação considerada de grande importância para as professoras estagiárias envolvidas neste projeto, pois através desta avaliação poder-se-ia confirmar o que correu bem e menos bem no processo de desenvolvimento do mesmo. Ponderar as situações adversas só poderia levar, as professoras estagiárias, a melhorar o seu desempenho no sentido de também aí melhorar a performance dos alunos envolvidos neste projeto. Assim, a avaliação foi organizada numa grelha de avaliação final do projeto<sup>107</sup> tendo em conta os seguintes parâmetros:

- Organização do trabalho/produção;
- Interesse;
- Empenho;
- Participação na discussão/realização do projeto;
- Aquisição de técnicas de trabalho;
- Pesquisa e recolha de informação;
- Organização da informação.

Esta avaliação final mostrou elevado interesse em alguns alunos mas muito baixo em outros, levando estes últimos a deixar de comparecer às sessões programadas. Neste sentido apenas um grupo A<sup>108</sup> demonstrou determinação e interesse na conclusão do seu trabalho conseguindo mostrá-lo à comunidade escolar, familiares e amigo, no Sarau ESAL 2013<sup>109</sup> e mais tarde, ser aceite num programa de intercâmbio transfronteiriço entre Portugal e Espanha, AGITA! - VIDEOARTE, PERFORMANCE Y PRODUCCIÓN CULTURAL<sup>110</sup>. Este programa, promovido pela *Casa de Harina - Acción y cooperación cultural por el desarrollo*, sede na comarca de Olivenza, tem como objetivos, não só o intercâmbio além-fronteiras como, também, desenvolver competências no âmbito das indústrias culturais e criativas, das quais

---

<sup>107</sup> Consultar Apêndice 19 - Grelha de avaliação do *Projeto Vídeo Arte*.

<sup>108</sup> Consultar Anexo 11 - Trabalho final do grupo A - Natacha Gomes e Ana Marques.

<sup>109</sup> Sarau realizado na ESAL com o intuito de mostrar à comunidade escolar, familiares e amigos, os trabalhos realizados durante o ano letivo 2012/2013.

<sup>110</sup> Mais informação no site do programa AGITA!: <http://casadeharina.org/agita/>.

se podem destacar as artes em movimento, as artes performativas, o vídeo e a produção cultural criando espaços de partilha de experiências e reflexão para o desenvolvimento de propostas criativas.

Embora apenas um dos projetos tenha sido concluído e apresentado ao público, o grupo B demonstrou empenho pelo projeto embora, por sobreposição de atividades e falta de disponibilidade entre os colegas do grupo, não tenha conseguido concluir a tempo.

#### **4.8. Reflexão**

Envolver os alunos do ensino secundário da ESAL, neste projeto, não foi fácil. As professoras estagiárias apenas, através da sua boa relação com os alunos, conseguiram reunir o número suficiente para a concretização desta atividade. As razões para não se inscreverem mais, invocadas pela maior parte dos alunos passaram pela falta de tempo, por terem muitas atividades paralelas à escola, sejam elas o lazer ou explicações, mas também muitos admitiram não ter qualquer interesse nesta atividade mesmo sendo estes da área das artes visuais. Iniciou-se a atividade com 8 alunos e no decorrer da atividade 3 desistiram por falta de tempo e de interesse, outros 3 cumpriram todas as sessões planeadas mas não conseguiram concluir o trabalho final na data prevista e apenas 2 alunos finalizaram a atividade. Foi sentido, pelas professoras estagiárias, alguma inércia tanto dos professores que contactaram como dos seus alunos para o desenvolvimento desta atividade. Talvez pela pressão a que estes alunos e professores estão sujeitos com as provas de avaliação final de cada final de período e final do ano. De qualquer forma, nenhuma destas contrariedades impediu que as professoras estagiárias se dedicassem menos a este projeto. Acreditaram nele e colocaram mãos à obra.

Durante o processo de desenvolvimento deste projeto alguns contratemplos se atravessaram. Situações como, não ter o *software* necessário instalado nos computadores reservados para as datas especificadas, ou, não autorizar os alunos a usar determinado material necessário à conclusão dos projetos em desenvolvimento, mesmo na presença das professoras estagiárias, levando estas a pedir auxílio a outras escolas, nomeadamente à ESART, para a gravação do som, são alguns exemplos de situações que dificultaram o natural desenvolvimento desta atividade.

No final, esta atividade foi considerada bastante positiva pelas professoras estagiárias. Entre três grupos, um ter conseguido atingir o que atingiu foi uma grande alegria que se fez sentir por toda a comunidade escolar.





## Capítulo 5:

### Reflexão sobre a PES

A escolha em realizar a prática pedagógica na disciplina de Geometria Descritiva A não foi feita de ânimo leve. Cerca de 20 anos sem contacto com a disciplina gerou algum desconforto quando se confirmou que para realizar a PES na ESAL em Castelo Branco, teria que fazê-lo em GDA, pois não havia disponibilidade de nenhum professor como orientador pedagógico para mais nenhuma disciplina do grupo 600.

O núcleo de estágio começou então a trabalhar exponencialmente, com reuniões regulares cujo objetivo seria elaborar a planificação das aulas assistidas e, em paralelo, a assistência a todas as aulas de todos os anos (uma turma de 10º ano e duas turmas de 11º ano), para tentar rapidamente descodificar o nível de conhecimentos necessários para a preparação das aulas assistidas.

Olhando para trás, e tentado obter uma outra visão, mais distanciada, sobre a prática pedagógica, pode-se comprovar que os objetivos propostos, no seu todo, foram atingidos, identificando desta forma, pontos positivos e menos positivos da prática pedagógica.

Consideraram-se pontos positivos:

- Voltar a ter ligação com alunos do ensino secundário, coisa que já não acontecia desde 2009, e perceber que não se tinha perdido o critério no trato com alunos destas idades;
- Voltar a ter contacto com a comunidade escolar e sua envolvente, promovendo competências comportamentais e sociais inerentes à profissão;
- Voltar a estudar, investigar e testar as componentes pedagógicas que envolvem a disciplina de Geometria Descritiva, aprofundando as competências disciplinares do programa durante as aulas assistidas e conseguindo apurar os resultados, bons e menos bons, de forma a melhorar a sua prestação de aula para aula e apurando as metodologias utilizadas;
- Oportunidade de desenvolver uma atividade extracurricular dentro do meio escolar, totalmente idealizada pelo núcleo de estágio, de forma a desenvolver competências relacionadas com processos de pesquisa de informação.

Consideraram-se pontos menos positivos:

- Alunos inquietos, desmotivados e cansados, visto que as aulas assistidas aconteceram na sua maioria no último horário da tarde, dificultando o percurso normal das aulas e a eficaz aprendizagem dos mesmos;
- A planificação proposta das aulas assistidas foi quase sempre elaborada com pouco tempo de antecedência, o que nas três primeiras aulas, visto a professora estagiária ainda não se sentir segura da matéria e da turma, dificultou que estas decorressem

com a normalidade desejada;

O material disponível, nas salas de aula, foi suficiente mas estavam algo deteriorados: o quadro branco, quando se apagavam os riscos dos exercícios ficavam ainda marcados; a tela de projeção não subia não conseguindo articular o uso do quadro branco com a projeção de slides; a sala era grande, suja e fria no inverno e quente no verão; havia apenas um transferidor para uso no quadro branco; as mesas estavam sujas e abanavam não conseguindo manter rigor; não existia ponteiro para auxiliar na projeção mais acima na tela de projeção.





## Considerações finais

Em primeiro há que salientar que no decorrer deste trabalho a cidade sofreu grandes mutações. Talvez tal fenómeno tenha acontecido como consequência da mudança que também a própria autarquia está a sofrer com as eleições autárquicas e eleição de novos dirigentes. Talvez por consequência das constantes obras e inaugurações de obras concluídas. Não sabemos! As pessoas mudam, as políticas mudam.

Mas o que sabemos é que as pessoas parecem mais dispostas a usar e apreciar o que a cidade dá, agora que a cidade tem condições estruturais para apoiar o desporto, a cultura as artes. É preciso agora aproveitar todos os recursos e reconciliar com os nossos conhecimentos.

Este relatório foi fundamental para entender o potencial do que somos e do que podemos fazer. Em grupo descobrimos competências que nem imaginávamos que pudessem fazer parte do processo.

Sáímos de todo o processo como pessoas melhores e com a consciência de que se quisermos, se nos dedicarmos, podemos mudar tudo!



## Bibliografica e Netgrafia

AA.VV. (2002). Educação e Transdisciplinaridade II. São Paulo: Unesco.

Alvarez, J. C., Ramalho, J. (2006). Gestão das Artes, 11º e 12º Anos. Ministério da Educação.

Augusto Mateus & Associados. (2010). O Sector Cultural e Criativo em Portugal: Estudo para o Ministério da Cultura. Retirado a 3 de Julho de 2012 de <http://www.jorgebarretoxavier.com/documentos/cadernosTematicos/CulturaeEconomia//2010%20O%20Sector%20Cultural%20e%20Criativo%20em%20Portugal%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final.pdf>.

Barriga, S., Silva, S. G. (2007). Serviços Educativos na Cultura. Coleção Públicos nº2. Sete-Pés. Retirado de <http://www.scribd.com/doc/27108437/Colecao-Publicos-Servicos-Educativos>. Retirado a 20 de Junho de 2012.

Barros, S. A. (1997). A Resiliência da Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Retirado em 16 de Junho de 2012 de <http://bocc.ubi.pt/pag/barros-amoedo-Resiliencia-Cultura.html>.

BÍNA, V., CHANTEPIE, P., DEROIN, V., FRANK, G. (2012). ESSnet-Culture Final Report. Retirado a 21 de Setembro de 2012 de <http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/documents/ess-net-report-oct2012.pdf>.

Bonet, L., Cano, G. A., Garzón, A., Schargorodsky, H. (2011). Políticas para la creatividad. Guía para el desarrollo de las industrias culturales y creativas. Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. Paris. UNESCO. Consultado no dia 30 Junho 2013. URL: [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/images/UNESCOculturalandCreativeIndustriesguide\\_01.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/images/UNESCOculturalandCreativeIndustriesguide_01.pdf).

Byrnes, W. J. (2009). Management and the Arts (4th ed.). Oxford: Elsevier Inc.

Cabral, M. (1960). O serviço de extensão escolar do Museu Nacional de Arte Antiga. Viriatis, vol. IV. Retirado a 25 de Março de 2013 de <http://visoeu.blogspot.pt/2005/09/viriatis-vol-iv-ano-de-1960-89.html>.

Câmara, I. B. (2010). Serviço educativo em outsourcing. Retirado a 22 de Agosto de 2012 de <http://museologiaporto.ning.com/forum/topics/servico-educativo-em>.

Carmelo, L. (2000). A França e Portugal na Europa da cultura. Universidade Autónoma de Lisboa. Retirado a 06 de Junho de 2012 de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-franca-portugal.pdf>.

Carvalho, A. (2010). Sobre o Seminário "Serviços educativos em espaços culturais". Retirado a 21 de Agosto de 2012 de <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/2594>.

Carvalho, A. (2013). Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas. Consultado no dia 27 Maio 2013. URL: <http://midas.revues.org/292>.

Carvalho, A. A. A. (2006). Serviços Educativos Online nos Museus: Análise das Actividades. Retirado a 13 de Julho de 2012 de <http://hdl.handle.net/1822/6202>.

Carvalho, M. J. V. (2012). As esculturas do Comandante Ernesto Jardim de Vilhena. A Constituição de uma colecção Nacional. Lisboa. FCSH/UNL.

Castro, J. P. (2007). Comunicação de Marketing. 2ª Edição. Lisboa: Sílabo.

Chong, D. (2002). Arts Management. London: Routledge.

CMCB. (n.d.). Diagnóstico para a sustentabilidade - Castelo Branco Agenda XXI. Retirado a 19 de Março de 2013 de <http://www.cm-castelobranco.pt/pdf/agendaxxi/agendaxxi.pdf>.

Colbert, F. (2000). Marketing Culture and the Arts (2nd ed.). Montréal: Presses HEC.

Coménio. (2001). Didática Magna. Edição digital. eBooks Brasil. Retirado a 12 de Novembro de 2012 de <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html>.

Conde, I. (1996). Cenários de práticas culturais em Portugal (1979-1995). Sociologia - Problemas e Práticas, nº 2, 1996, pp. 117-188. Retirado a 31 de Janeiro de 2013 de <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/17/172.pdf>.

Conselho Local de Acção Social de Castelo Branco. (2010). Diagnóstico social da cidade de Castelo Branco. Retirado a 19 de Março de 2013 de [http://www.cm-castelobranco.pt/pdf/accaosocial/docs/Diagnostico\\_social\\_CB.pdf](http://www.cm-castelobranco.pt/pdf/accaosocial/docs/Diagnostico_social_CB.pdf).

Decreto-Lei n.º 50/2011 de 8 de Abril. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Retirado de [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=DL\\_50\\_2011\\_08\\_04.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=DL_50_2011_08_04.pdf) a 12 de Maio de 2013.

Drucker, P. F. (1986). Management: Tasks, Responsibilities, Practices. New York: Truman Talley Books - E.P. Dutton.

ESEVC. (2011). Relatório - Curso de Gestão Artística e Cultural - Ano Letivo de 2010/2011. Escola Superior de educação de Viana do Castelo. Viana do Castelo. Retirado a 12 de Junho de 2012 de [http://portal.ipv.pt/images/ipv/ese/pdf/rcbolonha/RCB\\_GAC201011\\_.pdf](http://portal.ipv.pt/images/ipv/ese/pdf/rcbolonha/RCB_GAC201011_.pdf).

Ferreira, C. (2002). Intermediação cultural e grandes eventos. notas para um programa de investigação sobre a difusão das culturas urbanas. Centro de Estudos Sociais - Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Nº 167, Janeiro 2002. Retirado a 1 de Março de 2013 de <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/167/167.pdf>.

Freire, P. (2000). Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP. Retirado a 19 de Maio de 2013 de [http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_da\\_Indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf).

Freitas, N. K. & Pereira, J. A. (2007). Necessidades Educativas Especiais, Arte, Educação e Inclusão. Revista e-Curriculum, Junho, Ano/Vol. 2, Número 002. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3185/2107>.

Frey, B.S. (2009). Cultural Economics. CESifo DICE Report 1. Retirado a 10 de Junho de 2012 de [http://www.bsfrey.ch/articles/D\\_206\\_09.pdf](http://www.bsfrey.ch/articles/D_206_09.pdf).

Fundação de Serralves. (2013). Impacto Económico da Fundação de Serralves no âmbito do Projeto Improvisações/Colaborações. Porto: Fundação de Serralves.

Gomes, R. T., Lourenço V. (2009). Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos "Serviços Educativos" em Portugal. Observatório das Actividades Culturais. Retirado de [http://www.oac.pt/pdfs/OBS\\_Pesquisas15\\_impressao.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas15_impressao.pdf).

Gomes, R. T., Lourenço, V. (2009). Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos "Serviços Educativos" em Portugal. Observatório das Actividades Culturais. Retirado a 13 de Julho de 2012 de [http://www.oac.pt/pdfs/OBS\\_Pesquisas15\\_impressao.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas15_impressao.pdf).

Grupo de trabalho constituído pelo Despacho Conjunto n.º 1062/2003, de 27 de Novembro. (2004). RELATÓRIO DO GRUPO DE TRABALHO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO e MINISTÉRIO DA CULTURA. Retirado a 22 de Agosto de 2012 de [http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Rel\\_MEd\\_MC.pdf](http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Rel_MEd_MC.pdf).

Heinrich, J. M. (2005). O significado da noção de cultura. Retirado a 26 de Janeiro de 2012 de <http://www.psf-port.com/spip.php?article5>.

<http://p3.publico.pt/actualidade/economia/3302/profissionais-da-cultura-eles-sao-precarios-intermitentes-e-lutam-contra-o> - Acedido a 11 de Junho de 2012.

<http://www.artsadministration.org/> - Acedido a 15 de Junho de 2012.

<http://www.artsandculturerecherche.org/> - Acedido a 15 de Junho de 2012.

<http://www.presidencia.pt/diadeportugal2012/?idc=588&idi=66573> - Acedido a 09 de Junho de 2012.

Leite, C., Pacheco, J. A. (2012). Para uma clarificação de conceitos que atravessam "A Prestação do Serviço Educativo", do processo de avaliação externa de escolas. FPCEUP - Publicação Didáctica. Retirado a 26 de Janeiro de 2013 de <http://hdl.handle.net/10216/64409>.

Lima de Faria, M. (2000). Projecto: Museus e Educação. Instituto de Inovação Educacional. Retirado a 31 de Janeiro de 2013 de [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2011/historia/6\\_faria\\_artigo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/6_faria_artigo.pdf).

Martinho, T. D. (2007). Apresentar a arte: estudo sobre monitores de visitas a exposições. Retirado a 01 de Março de 2013 de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6651/2/ULFBA\\_Tes182.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6651/2/ULFBA_Tes182.pdf).

Nóvoa, A. (2012). Transcrição do discurso das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Retirado a 09 de Junho de 2012 de: <http://www.presidencia.pt/diadeportugal2012/?idc=588&idi=66573>.

Paixão, M. F., Pereira, M., Cachapuz, A. (2006). Património Cultural e Científico da Cidade: Cores e Corantes dos bordados de Castelo Branco. Retirado a 8 de Junho de 2012 de <http://hdl.handle.net/10400.11/814>.

Portugal e Melo, M. B. (1998). NO TEMP(L)O DA ARTE: Um estudo sobre práticas culturais. Sociologia - Problemas e Práticas, nº 28, 1998, pp. 149-166. Retirado a 31 de Janeiro de 2013 de <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/12/128.pdf>.

Read, H. (1943). Educação pela Arte. 1º edição (Julho 2007). Lisboa: Edições 70.

Rede Portuguesa de Museus. (2002). Museu de Francisco Tavares Proença Júnior - Projecto A Dois. Boletim trimestral da Rede Portuguesa de Museus. Dezembro, nº6, pp 19. Retirado a 25 de Março de 2013 de [http://www.ilam.org/ILAMDOC/MuseusEmRede/boletim\\_n6.pdf](http://www.ilam.org/ILAMDOC/MuseusEmRede/boletim_n6.pdf).

Rubim, A. A. C, Bayardo, R. (2008). Políticas Culturais na Ibero-América. EDUFBA, Salvador. Retirado a 31 de Janeiro de 2013 de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/157/1/POLITICAS%20CULTURAIS%20NA%20IBERO-AMERICA.pdf>.

Samuelson, P. A. & Nordhaus, W. D. (2005). Economia. 18ª Edição. Macgraw Hill.

Silva, S. G. (2006). Museus e Públicos: estabelecer relações, construir saberes. in Revista Turismo e Desenvolvimento. Maio 2006. Universidade de Aveiro. Aveiro. pp 161-167.

UNESCO. (2012). Measuring Cultural Participation. 2009 FRAMEWORK FOR CULTURAL STATISTICS HANDBOOK NO. 2. UNESCO Institute for Statistics. Retirado a 24 de Janeiro de 2013 de <http://www.uis.unesco.org/culture/Documents/fcs-handbook-2-cultural-participation-en.pdf>.

Veríssimo de Barros, A. B. (2008). DE CORPO E ALMA: NARRATIVAS DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS DA CIDADE DO PORTO. Retirado a 01 de Março de 2013 de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8934.pdf>.

Xavier, J. B. (2012). As artes em Portugal: o Estado e os papéis das organizações não lucrativas. Conferência Johns Hopkins Portugal "As Artes e a Crise Económica: uma oportunidade para o Terceiro Sector?" a 4 de Julho 2012. Fundação Calouste Gulbenkian. Retirado a 20 de Novembro de 2012 de: <http://www.jorgebarretoxavier.com/documentos/textoEdicoes/conferencias/2012%20As%20Artes%20em%20Portugal%20Confer%C3%Aancia%20JHU.pdf>.

Xavier, J. P., Rebelo, J. A. (2001). GEOMETRIA DESCRITIVA A, 10º e 11º ou 11º e 12º anos. Ministério da Educação.



## Lista de Anexos

- Anexo 1** - Regulamento de funcionamento do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino das artes visuais no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário.
- Anexo 2** - Plano Anual de Atividades 2012/2013 da ESAL.
- Anexo 3** - Projeto Curricular de Escola 2009-2010 da ESAL.
- Anexo 4** - Projeto Educativo da ESAL.
- Anexo 5** - Regulamento Interno da ESAL.
- Anexo 6** - Programa nacional da disciplina de Geometria Descritiva A.
- Anexo 7** - Curriculum Vitae da Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Oliveira Caiado.
- Anexo 8** - Curriculum Vitae do Dr. José Santos.
- Anexo 9** - Lista de alunos 11AVIS1, horários e cronograma de atividades da PES.
- Anexo 10** - Critérios de avaliação da disciplina de GDA-11º ano.
- Anexo 11** - Trabalho final do grupo A - Natacha Gomes e Ana Marques.



# Lista de Apêndices

- Apêndice 1 - Quadro QACGA.
- Apêndice 2 - Curriculum Vitae da professora estagiária, Claudia Silva.
- Apêndice 3 - Apresentação pública do projeto LUPA.
- Apêndice 4 - *PeddyPaper LUPA*.
- Apêndice 5 - *Upa LUPA no Dia da Criança*.
- Apêndice 6 - *Collage de Memórias*.
- Apêndice 7 - *LUPA (re)conhece pela arquitectura I e II*.
- Apêndice 8 - Imagem Gráfica do LUPA.
- Apêndice 9 - Planos de Aula e resolução de exercícios da Aula nº 1.
- Apêndice 10 - Planos de Aula e resolução de exercícios da Aula nº 2.
- Apêndice 11 - Planos de Aula e resolução de exercícios da Aula nº 3.
- Apêndice 12 - Planos de Aula e resolução de exercícios da Aula nº 4.
- Apêndice 13 - Planos de Aula e resolução de exercícios da Aula nº 5.
- Apêndice 14 - Planos de Aula e resolução de exercícios da Aula nº 6.
- Apêndice 15 - Mapa da Sala de Aula.
- Apêndice 16 - Carta proposta para atividade extracurricular - projeto *Vídeo Arte*.
- Apêndice 17 - Planificação dos conteúdos das 8 sessões do *Projeto Vídeo Arte*.
- Apêndice 18 - Sessão 01 do *Projeto Vídeo Arte*.
- Apêndice 19 - Grelha de avaliação do *Projeto Vídeo Arte*.